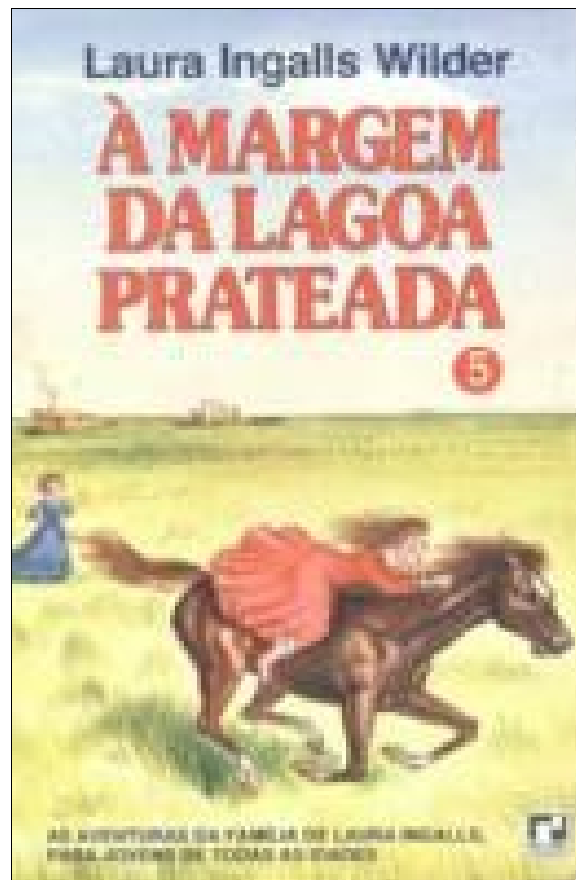




NAS MARGENS DO LAGO DA PRATA

Laura Ingalls Wilder

COLECÇÃO UMA CASA NA PRADARIA n° 3



ÍNDICE

Capítulo I - Visita inesperada	7
Capítulo II - Crescida	12
Capítulo III - Viajando nas carruagens	16
Capítulo IV - Fim da linha	25
Capítulo V - Acampamento dos caminhos-de-ferro	30
Capítulo VI - Os póneis pretos	35
Capítulo VII - Começa o Oeste	42
Capítulo VIII - Lago da Prata	51
Capítulo IX - Ladrões de cavalos	57
Capítulo X - A tarde maravilhosa	63
Capítulo XI - Dia de pagamento	74
Capítulo XII - Asas sobre o lago da Prata	82
Capítulo XIII - Desfazer do acampamento	86
Capítulo XIV - A casa dos agrimensores	94
Capítulo XV - O último homem a partir	100
Capítulo XVI - Dias de Inverno	106
Capítulo XVII - Lobos no lago da Prata	109
Capítulo XVIII - O pai encontra a reserva	113
Capítulo XIX - Véspera de Natal	117
Capítulo XX - A noite antes do Natal	123
Capítulo XXI - Feliz Natal	128
Capítulo XXII - Felizes dias de Inverno	137
Capítulo XXIII - No caminho do peregrino	145
Capítulo XXIV - A corrida da Primavera	152
Capítulo XXV - A aposta do pai	158
Capítulo XXVI - A febre da construção	162
Capítulo XXVII - Vivendo na cidade	167
Capítulo XXVIII - Dia de mudança	175
Capítulo XXIX - A cabana na reserva	180
Capítulo XXX - Onde crescem violetas	187
Capítulo XXXI - Mosquitos	192
Capítulo XXXII - Sombras do anoitecer	194

CAPÍTULO I - VISITA INESPERADA.

Uma manhã, Laura estava a lavar a louça quando o velho Jack, deitado ao sol no degrau da porta, rosnou a avisá-la de que vinha alguém. Laura foi espreitar e viu um buggy a atravessar o vau saibroso de Plum Creek.

- Ma - avisou -, vem aí uma mulher desconhecida.

A mãe suspirou. Tinha vergonha da casa desarrumada, e Laura também. Mas a mãe estava tão fraca e Laura tão cansada que não se preocuparam excessivamente.

Maria, Carrie, a bebé Graça e a mãe tinham todas tido escarlatina. Como os Nelsons, que viviam do outro lado do ribeiro, também tiveram a doença, não houvera ninguém para ajudar o pai e Laura. O médico fora lá a casa todos os dias e o pai não sabia como pagaria a conta. Mas pior do que tudo, muito pior, era o facto de a febre se ter concentrado nos olhos de Maria e a ter deixado cega.

Agora já se conseguia levantar, embrulhada em mantas, e sentar -se na velha cadeira de balanço de noqueira da mãe. Não chorara ao longo das semanas e semanas em que ainda conseguira ver um pouco, mas menos de dia para dia. Agora não conseguia ver nem a luz mais forte, mas continuava paciente e corajosa.

O seu bonito cabelo louro desaparecera. O pai cortara-lho por causa da febre e a sua pobre cabeça rapada parecia a de um rapaz. Os seus olhos azuis ainda eram bonitos, mas não sabiam o que se passava à frente deles e Maria nunca mais poderia utilizá-los para dizer a Laura, sem proferir uma palavra, o que estava a pensar.

- Quem poderá ser, a esta hora da manhã? - perguntou a mãe, de ouvido virado na direcção do buggy.

- É uma mulher desconhecida, sozinha num buggy. Traz uma touca castanha e conduz um cavalo baio - disse Laura, a quem o pai dissera que deveria ser os olhos de Maria.

- Consegues lembrar-te de alguma coisa para o almoço? - perguntou a mãe, referindo-se ao almoço com uma visita, no caso de a mulher se demorar até lá.

Havia pão, melaço e batatas. Mais nada. Era Primavera, cedo de mais para haver vegetais na horta, e além disso a vaca estava seca e as galinhas ainda não tinham iniciado a postura do Verão. No Plum Creek só restavam alguns peixes pequenos, e até os coelhitos de cauda branca foram tão caçados que rareavam.

O pai não gostava de uma região tão velha e explorada ao ponto de a caça escassear. Queria ir para oeste. Havia dois anos que queria ir para oeste e reservar um lote de terreno, mas a mãe não desejava abandonar a região já povoada. E, para mais, não havia dinheiro. Depois da praga dos gafanhotos, o pai fizera apenas duas fracas colheitas de trigo. Só dificilmente conseguira não se endividar, mas agora havia a conta do médico.

Laura respondeu, em tom firme, à mãe:

- O que é bom para nós também é bom para qualquer pessoa! O buggy parou e a desconhecida ficou sentada nele, a olhar para

Laura e para a mãe, paradas à entrada da porta. Era uma bonita mulher, de bonito vestido castanho estampado e touca. Laura sentiu-se envergonhada dos seus pés descalços, do vestido sem graça e das tranças por fazer.

Depois a mãe exclamou, devagar:

- Oh, Dócia!

- Estava com curiosidade de saber se me reconhecerias - observou a mulher. - Aconteceram tantas coisas desde que vocês partiram do Wisconsin!

Era a bonita tia Dócia, que usara o vestido com botões que pareciam

amoras, havia muito tempo, no baile do açúcar em casa do avô, na Floresta Grande do Wisconsin.

Agora era uma senhora casada. Casara com um viúvo com dois filhos, um empreiteiro que trabalhava na nova via férrea, no Oeste. A tia Dócia conduziu o buggy sozinha do Wisconsin até ali e dali seguiria para os acampamentos do caminho-de-ferro no Território do Dakota.

Vinha saber se o pai queria ir com ela. O seu marido, o tio Hi precisava de um bom homem para encarregado do armazém, guarda-livros e apontador, e esse emprego estava ao dispor do pai.

- O ordenado são cinquenta dólares por mês, Charles - informou a tia Dócia.

A tensão das faces magras do pai diminuiu e os seus olhos azuis iluminaram-se. Disse, devagar:

- Parece que poderei ganhar um bom ordenado e ao mesmo tempo procurar o tal lote, Carolina.

A mãe continuava a não querer ir para oeste. Olhou em redor da cozinha e para Carrie e Laura, que tinha Graça ao colo.

- Não sei, Charles - murmurou. - Parece providencial, cinquenta dólares por mês. Mas aqui estamos instalados. Temos a quinta...

- Dá ouvidos à razão, Carolina - rogou o pai. - Podemos obter oitenta hectares no Oeste, pela simples razão de vivermos neles, e a terra é tão boa como esta, ou melhor. Se o Tio Sam está disposto a dar-nos uma quinta para substituir aquela de que nos expulsou, no Território dos índios, eu só posso dizer que a aceitemos. A caça é boa no Oeste, um homem pode ter toda a carne que quer.

Laura desejava tanto ir que tinha dificuldade em manter-se calada.

- Como poderíamos ir agora? - perguntou a mãe. - A Maria ainda não está suficientemente forte para viajar.

- Isso é verdade - admitiu o pai, e perguntou à tia Dócia: - O emprego não poderia esperar?

- Não. Não, Charles. O Hi precisa de um homem agora, imediatamente. Terás de pegar ou largar.

- São cinquenta dólares por mês, Carolina - insistiu o pai. - E terra para nos instalarmos.

Pareceu passar muito tempo antes de a mãe responder, suavemente:

- Bem, Charles, deves decidir como achares melhor.

- Aceito, Dócia! - O pai levantou-se e pôs o chapéu. - Quando se quer, tudo se arranja. Vou falar com o Nelson.

Laura ficou tão agitada que nem conseguia fazer o trabalho da casa como devia ser. A tia Dócia ajudou-a e, enquanto trabalhavam, foi dando notícias do Wisconsin:

A irmã, a tia Ruby, casara e tinha dois rapazes e uma bonita bebezinha chamada Dolly Varden. O tio Jorge era lenhador, derrubava árvores e transportava-as no Mississippi. A família do tio Henrique estava toda bem e Charley estava a revelar-se melhor do que prometera, atendendo ao modo como o tio Henrique o poupava e estragara com mimos. O avô e a avó continuavam a viver no mesmo sítio, na sua grande casa de troncos. Agora já poderiam fazer uma casa de tábuas, mas o avô dizia que bons e são troncos de carvalho davam melhores paredes do que tábuas finas, serradas. Até a Susana Preta, a gata que Laura e Maria abandonaram ao partir da sua casinha na floresta, lá continuava ainda a viver. A casinha de troncos mudara de dono diversas vezes e agora era um celeiro de milho, mas nada convencia a gata a ir viver noutro lado. Continuava a viver no celeiro, gorda e lustrosa dos ratos que apanhava, e praticamente não havia uma família em toda aquela região que não tivesse um gatinho seu. Eram todos bons caçadores de ratos, de orelhas grandes e cauda comprida como a Susana Preta.

Quando o pai voltou, o almoço estava pronto na casa varrida e arrumada. Vendera a quinta. Nelson dava-lhe duzentos dólares, em dinheiro, por ela, e o pai estava jubiloso.

- Chega para pagarmos tudo quanto devemos e ainda sobra qualquer coisita - disse. - Que te parece, Carolina?

- Espero que seja para o melhor, Charles - respondeu a mãe. - Mas como...

- Espera, que eu digo-te. Tenho tudo planeado - interrompeu-a o pai. - Parto amanhã de manhã com a Dócia e tu ficas aqui com as pequenas, até a Maria estar boa e forte. Digamos, uns dois meses. O Nelson prometeu que levava as nossas coisas à estação e vocês irão todas de comboio. Laura fitou-o. E Carrie e a mãe. Maria perguntou:

- De comboio?

Nunca pensaram em viajar de comboio. Laura sabia, claro, que as pessoas viajavam de comboio, mas era frequente haver desastres e morrer gente. Não se podia dizer que a ideia a assustasse, mas excitava-a. Os olhos de Carrie, esses, estavam arregalados e medrosos no seu rosto pequeno e pontiagudo.

Viram o comboio passar velozmente pela pradaria, com grandes rolos de fumo negro a sair da máquina e a ficar para trás. Conheciam o seu rugido e o seu apito assustador e penetrante. Os cavalos fugiam, se o condutor não conseguia detê-los, quando viam aproximar-se um comboio.

A mãe disse, com a serenidade habitual:

- Estou certa de que nos haveremos de arranjar bem, com a Laura e a Carrie a ajudar-me.

CAPÍTULO II - CRESCIDA.

Havia muito que fazer, pois o pai partiria cedo, na manhã seguinte. O pai colocou os arcos do velho carroção e estendeu-lhe a cobertura de lona por cima; estava muito gasta, mas serviria para a curta viagem. A tia Dócia e Carrie ajudaram-no a carregar o carroção, enquanto Laura lavava e passava a ferro e cozia biscoitos especiais para a viagem.

Jack olhava para tudo aquilo. Andava toda a gente tão atarefada que não reparava no velho buldogue, até que, de súbito, Laura o viu parado entre a casa e o carroção. Não pulava, de cabeça inclinada e a rir, como era seu costume. Estava especado nas pernas hirtas, pois agora sofria de reumatismo. Tinha o focinho tristemente franzido e o coto da cauda pendente.

- Meu bom velho Jack - disse-lhe Laura, mas a cauda não abanou e ele limitou-se a olhá-la tristemente.

- Pá, olhe para o Jack - disse Laura.

Inclinou-se e afagou a cabeça do animal. Os seus pêlos tornaram-se cinzentos. Primeiro tinham sido os do nariz, depois os das mandíbulas e agora já nem as orelhas eram castanhas. Jack encostou a cabeça a Laura e suspirou.

Bastou aquele momento para ela compreender que o velho cão estava cansado, tão cansado que não conseguiria percorrer todo o caminho até ao Território do Dakota debaixo do carroção. Sentia-se perturbado, porque via o carroção pronto para viajar de novo e ele estava tão velho e cansado.

- Pá, o Jack não pode andar uma distância tão grande! - exclamou Laura. - Oh, Pá, não podemos abandoná-lo!

- Lá isso é verdade, ele não aguentaria a viagem a pé - concordou o pai.

- Esquecera-me dele. Mudo o saco da ração para outro lado e arranjo lugar para ele, aqui dentro. Que dizes a viajar de carroção, hem, meu velho?

Jack acenou uma vez com a cauda, delicadamente, e desviou a cabeça. Não queria ir, nem mesmo no carroção.

Laura ajoelhou-se e abraçou-o como costumava fazer quando era pequena.

- Jack, Jack, vamos para o Oeste! Não queres ir outra vez para o Oeste? Anteriormente, mostrara-se sempre ansioso e brincalhão quando via o pai pôr a cobertura no carroção. Ocupara o seu lugar debaixo dele, quando partiam, e percorrera a trotar todo o caminho do Wisconsin para o Território índio, e de novo para ali, à sombra do veículo e atrás das patas dos cavalos. Atravessara ribeiros a vau e rios a nado e guardara o carroção todas as noites, enquanto Laura dormia no seu interior. Todas as manhãs, mesmo quando tinha as patas doridas de tanto andar, se alegrava com ela ao ver o Sol nascer e os cavalos serem atrelados. Estivera sempre pronto para um novo dia de viagem.

Mas naquele momento limitou-se a apoiar a cabeça em Laura e a meter o focinho debaixo da sua mão, a pedir-lhe que o afagasse devagarinho. Laura afagou-lhe a cabeça grisalha e as orelhas e sentiu quanto ele estava cansado.

Desde que Maria e Carrie, e depois a mãe, adoeceram com escarlatina, Laura prestara menos atenção a Jack. Anteriormente, ele ajudara-a sempre em todos os problemas, mas não podia ajudá-la quando havia doença em casa. Talvez durante todo esse tempo se tivesse sentido solitário e esquecido.

- Não foi com intenção, Jack - disse Laura, e ele compreendeu. sempre se compreenderam.

Jack tomara conta dela quando era pequenina e ajudara-a a tomar conta de Carrie quando esta era o bebé da família. Sempre que o pai se ausentara, Jack ficara com Laura, para tomar conta dela, da mãe e das irmãs. Jack era, especialmente, o cão de Laura.

Não sabia como explicar-lhe, agora, que devia ir no carroção com o pai e deixá-la. Talvez ele não compreendesse que ela ia depois, no comboio.

Não pôde ficar muito tempo com ele, em virtude de haver tanto que fazer.

Mas durante toda a tarde foi-lhe dizendo, sempre que podia: «Bom cão, Jack.» Deu-lhe um bom jantar e, depois de lavada a louça e posta a mesa para o pequeno-almoço, que teria de ser muito cedo, fez-lhe a cama.

A cama de Jack era uma velha manta de cavalo, num canto do alpendre, na porta das traseiras. Dormia ali desde que se mudaram para aquela casa, pois Laura dormia no sótão e ele não podia subir a escada. Durante cinco anos dormira lá e Laura encarregara-se de lhe arejar a cama e de a manter limpa e confortável. Mas ultimamente ela esquecera-se. Ele tentara endireitá-la com as unhas, mas o cobertor estava cheio de altos e baixos e rugas duras.

Jack observou-a, enquanto ela o sacudia e o dobrava de modo que ficasse confortável. Sorriu e deu ao rabo, contente por lhe estar a fazer a cama. Laura fez uma espécie de ninho redondo e deu-lhe palmadinhas, para lhe mostrar que estava pronta.

Jack entrou no ninho e andou uma vez à roda. Parou, para descansar as pernas rígidas, e virou-se outra vez, lentamente. Jack dava sempre três voltas antes de se deitar para dormir, à noite. Fizera-o quando era um cãozinho novo, na Grande Floresta, e fizera-o na erva debaixo do carroção, todas as noites. É uma coisa que os cães costumam fazer.

Por isso, fatigado, deu uma terceira volta e deixou-se cair, a suspirar. Mas conservou a cabeça levantada, a fim de olhar para Laura.

Ela afagou-lha, no sítio dos pêlos finos, e pensou que ele fora sempre muito bom. Ela estivera sempre em segurança, no tocante a lobos ou índios, porque Jack estava presente. E quantas vezes a ajudara a levar as vacas para o estábulo, à noite! Como foram felizes a brincar ao longo de Plum Creek e na lagoa onde morara o velho caranguejo feroz! E quando ela

andara na escola encontrara-o sempre à espera, no vau, quando regressara a casa.

- Bom Jack, bom cão - murmurou.

Ele virou a cabeça, para lhe tocar na mão com a ponta da língua. Depois afundou o pescoço nas patas, suspirou e fechou os olhos. Queria dormir. De manhã, quando Laura desceu a escada à luz do candeeiro,

14

o pai ia sair, para tratar dos animais. Falou a Jack, mas o cão não se mexeu.

Só o corpo de Jack, hirto e frio, se encontrava enroscado na manta. Enterraram-no na encosta baixa que ficava acima do campo do trigo, junto do carreiro que ele costumava descer tão alegremente quando ia buscar as vacas com Laura. O pai deitou pazadas de terra por cima da caixa e alisou o montinho. Cresceria ali erva, depois de terem partido todos para oeste. Jack nunca mais aspiraria o ar da manhã nem saltaria por cima da erva baixa, com as orelhas espetadas e a boca a rir. Nunca mais meteria o focinho debaixo da mão de Laura, a pedir-lhe festas. Ela poderia tê-lo afagado tantas vezes sem ele pedir, e não afagara!

- Não chores, Laura - disse o pai. - Ele foi para os Felizes Campos de Caça.

- Sério, Pá? - conseguiu Laura perguntar.

- Os bons cães têm a sua recompensa, Laura.

Talvez, nos Felizes Campos de Caça, Jack andasse a correr alegremente ao vento, nalguma alta pradaria, como costumava correr nas bonitas pradarias selvagens do Território índio. Talvez conseguisse, finalmente, apanhar uma lebre. Tentara tantas vezes apanhar uma daquelas lebres de orelhas e patas compridas, sem o conseguir!

Nessa manhã, o pai partiu no ruidoso e velho carroção, atrás do buggy da tia Dócia. Jack não estava ao lado de Laura, a vê-lo partir. Agora só havia vazio onde das outras vezes houvera os olhos de Jack a dizer-lhe que estava ali, para tomar conta dela.

Laura compreendeu, então, que já não era uma menina pequena. Agora estava só e tinha de olhar por si. Quando tem de se fazer isso, faz-se e já se é crescida. Laura não era muito grande, mas tinha quase treze anos e não tinha ninguém de quem pudesse depender. O pai e Jack partiram e a mãe precisava de ajuda para cuidar de Maria e das pequenitas e de, fosse como fosse, as levar em segurança para oeste.

15

CAPÍTULO III - VIAJANDO NAS CARRUAGENS.

Quando chegou a altura, Laura teve dificuldade em acreditar que fosse verdade. As semanas e os meses pareceram intermináveis, mas agora, de súbito, tinham passado. Plum Creek, a casa e todas as encostas e todos os campos que conhecera tão bem ficariam para trás e nunca mais os veria. Passaram os últimos dias atarefados, em que o tempo fora ocupado a fazer malas, limpar, esfregar, lavar e passar a ferro, assim como a azáfama dos últimos momentos, de tomarem banho e vestirem-se. Limpas e com as melhores roupas bem engomadas na manhã de um dia de semana, sentaram-se ao lado umas das outras no banco da sala de espera, enquanto a mãe comprava os bilhetes.

Dali a uma hora viajariam nas carruagens do comboio.

Os dois sacos estavam no cais soalheiro, fora da sala de espera. Laura não os perdia de vista, nem a eles nem a Graça, como a mãe lhe dissera. Graça estava imóvel, de vestidinho e touca de fino tecido branco engomado, com os pés metidos dentro de sapatinhos novos, estendidos à sua frente. No guiché dos bilhetes, a mãe tirou o dinheiro da carteira e contou-o cuidadosamente.

Viajar de comboio custava dinheiro. Para viajar de carroção nunca precisaram de pagar nada, e aquela manhã estava muito bonita para viajar de carroção ao longo de estradas novas. Estava-se em Setembro e no céu corriam, apressadas, pequenas nuvens. Àquela hora, todas as meninas estavam na escola e viam o comboio passar ruidosamente e saberiam que Laura viajava nele. Os comboios andavam mais depressa do que os cavalos. Andavam tão terrivelmente depressa que às vezes havia desastres. Uma pessoa nunca sabia o que lhe podia acontecer num comboio.

A mãe meteu os bilhetes na carteira de madrepérola e, cuidadosamente, apertou os pequenos fechos de aço. Estava tão bonita, no seu vestido de lã fina com gola e punhos de renda branca! O seu chapéu de palha preta tinha uma aba estreita virada para cima e um raminho branco de lírios-do-vale espetado num dos lados da copa. Sentou-se e passou Graça para o seu colo.

Agora só lhes restava esperar. Foram uma hora mais cedo para terem a certeza de que não perderiam o comboio.

Laura alisou o vestido. Era de tecido castanho salpicado de florinhas encarnadas. O cabelo pendia-lhe pelas costas em duas compridas tranças castanhas, presas por um único laço de fita encarnada. O seu chapéu também tinha, à volta da copa, uma fita encarnada.

O vestido de Maria era de tecido cinzento com raminhos de flores azuis. O seu chapéu de palha de aba larga tinha uma fita azul. E, debaixo do chapéu, o seu pobre cabelo curto estava afastado da cara por uma fita azul, atada à volta da cabeça. Os seus lindos olhos azuis não viam nada. Mas isso não a impediu de dizer:

- Está quieta, Carrie. Assim amarrotas o vestido todo.

Laura estendeu o pescoço para olhar para Carrie, que estava sentada do outro lado de Maria. Pequenininha e magra, Carrie vestia um vestido cor-de-rosa e tinha fitas da mesma cor nas tranças castanhas e no chapéu. Corou tristemente, por Maria achar que não estava a comportar-se bem, e Laura esteve quase a dizer: «Vem para o meu lado, Carrie, e poderás mexer-te à vontade!»

Mas nesse momento o rosto de Maria iluminou-se de alegria e ela disse:

- Ma, a Laura também está toda desassossegada! Sei que está, mesmo sem ver!

- Pois está, Maria - disse a mãe, e Maria sorriu, satisfeita. Laura envergonhou-se de, mentalmente, se ter irritado com Maria. Por isso, não disse nada. Levantou-se e ia a passar defronte da mãe sem dizer palavra. A mãe teve de lhe recordar:

- Pede licença, Laura.

- Com licença, Ma. Com licença, Maria - disse Laura, delicadamente, e sentou-se ao lado de Carrie. Esta sentiu-se mais segura entre Laura e Maria. Carrie tinha realmente medo de viajar de comboio. Claro que nunca o confessaria, mas Laura sabia.

- Ma - perguntou Carrie, timidamente -, o Pá vai esperar-nos com certeza, não vai?

- Virá ao nosso encontro - respondeu a mãe. - Terá de vir de carroção do acampamento, o que levará um dia inteiro, e nós teremos de esperar por ele em Tracy.

- Ele chegará... ele chegará antes de ser noite, Ma? - insistiu Carrie, e a mãe respondeu esperar que sim.

Nunca se sabia o que podia acontecer quando se viajava de comboio. Não era como partirem todos juntos num carroção. Por isso, Laura disse, corajosamente:

- Talvez o Pá já tenha escolhido o nosso lote de terreno. Imagina como será, Carrie, e depois imagino eu.

Não podiam conversar muito bem, pois estavam sempre à espera e à escuta do comboio. Por fim, Maria disse parecer-lhe que o ouvia. Depois Laura ouviu como que um zumbido ténue e distante. O seu coração começou a bater tão depressa que mal ouviu a mãe.

A mãe levantou-se com Graça ao colo e com a outra mão apertou bem a de Carrie.

- Laura, vem atrás de mim com a Maria. Mas tem cuidado! O comboio aproximava-se e já se ouvia melhor. Pararam junto dos sacos, no cais, e viram-no chegar. Laura não sabia como meteriam os sacos no comboio. A mãe tinha as duas mãos ocupadas e Laura tinha de segurar Maria. A janela redonda da frente da máquina brilhou ao sol como um olho enorme, A chaminé subia e alargava, a lançar golfadas de fumo preto. Nisto, subiu através do fumo uma golfada branca e depois o apito soltou uma espécie de grito longo e penetrante. O monstro rugidor avançou direito a elas, cada vez maior, enorme, a fazer tremer tudo com o seu barulho.

O pior terminou: o comboio não as atingiu: passou, ruidoso, por elas, com as suas grandes rodas. Choques e entrechoques percorreram toda a extensão dos vagões de carga e dos vagões-plataformas, até pararem. O comboio chegara e elas tinham de embarcar.

- Laura! - disse a mãe, vivamente. - Tu e a Maria tenham cuidado!

- Sim, Ma.

Laura conduziu ansiosamente Maria, um passo de cada vez, através das tábuas do cais, logo atrás da saia da mãe. Quando a saia parou, Laura fez Maria parar.

Chegaram à última carruagem, do fim do comboio, para a qual se subia por meio de degraus. Um desconhecido, de facto escuro e boné, ajudou a mãe a subir com Graça ao colo.

- Upa! - exclamou, e levantou Carrie no ar e colocou-a ao lado da mãe. -

Depois perguntou: - Aqueles sacos são seus, minha senhora?

- Sim, por favor - respondeu a mãe. - Venham, Laura e Maria.

- Quem é ele, Ma? - perguntou Carrie, enquanto Laura ajudava Maria a subir os degraus. Estavam comprimidas num espaço reduzido. O homem passou-lhes alegremente pela frente, com os sacos, e abriu a porta da carruagem com o ombro.

Seguiram-no entre duas filas de lugares de veludo encarnado, cheios de gente. Os lados da carruagem eram quase totalmente compostos por janelas; a carruagem era quase tão clara como se estivessem no exterior e raios de sol atravessavam obliquamente as pessoas e o veludo encarnado.

A mãe sentou-se num dos lugares de veludo e ajeitou Graça no colo. Disse a Carrie que se sentasse a seu lado e acrescentou:

- Laura, tu e Maria sentem-se nesse banco à minha frente. Laura conduziu Maria para o banco e sentaram-se. O lugar era

fofo e Laura teve vontade de saltar nele, mas conteve-se, pois devia comportar-se convenientemente. Segredou:

- Maria, os lugares são de veludo encarnado!

- Estou a ver - respondeu Maria, a passar as pontas dos dedos pelo banco.

- Que temos à nossa frente?

- São as costas altas de outro lugar, também de veludo encarnado.

A máquina apitou e deram ambas um pulo. O comboio preparava-se para partir. Laura ajoelhou-se no lugar, para ver a mãe. Estava muito calma e muito bonita no seu vestido escuro com gola de renda branca e com as

lindas florinhas brancas no chapéu.

- Que é, Laura? - perguntou a mãe.

- Quem era aquele homem?

- Era o ajudante do condutor. Agora senta-te e...

O comboio deu um solavanco, que empurrou a mãe para trás. O queixo de Laura bateu com força nas costas do lugar e o chapéu

escorregou-lhe da cabeça. Novo solavanco, menos violento, e o comboio começou a estremecer e a estação a dar a impressão de que andava para trás.

- Está a andar! - gritou Carrie.

O estremecimento tornou-se mais rápido e mais ruidoso, a estação ficou para trás e as rodas da carruagem começaram a mover-se, ritmadamente:

-«pouca terra, pouca terra»-, cada vez mais depressa. A serração, as traseiras da igreja e a parte da frente da escola também ficaram para trás e não se viu mais nada daquela cidade.

Toda a carruagem oscilava a compasso com o movimento das rodas e o fumo preto passava pelas janelas, em rolos que se desintegravam. Viram surgir e desaparecer, do lado de fora da janela, um fio telegráfico, que pareceu subir e descer. Não subiu e desceu, realmente, mas pareceu fazê-lo porque estava bambo entre os postes. Encontrava-se preso a uma espécie de maçanetas de vidro verde que brilhavam ao sol e escureciam quando os rolos de fumo lhes passavam por cima. Para lá do fio, desfilavam pastagens, campos e casas de lavoura e celeiros.

Iam tão depressa que Laura praticamente não tinha tempo de ver essas coisas, que mal surgiam logo desapareciam. Numa hora, o comboio percorreria mais de trinta quilómetros - tanto quanto os cavalos num dia inteiro.

A porta abriu-se e entrou um homem alto. Usava um fato azul com botões de latão e um boné onde se lia: condutor.

Parou em todos os lugares e pediu os bilhetes. Abriu pequenos !

buraquinhos redondos nos bilhetes, com uma máquina que tinha na mão. A mãe entregou-lhe três bilhetes: Carrie e Graça eram tão pequeninas que podiam viajar no comboio sem pagar.

O condutor seguiu e Laura disse, em voz baixa:

- Oh, Maria, tem tantos botões de latão a brilhar no casaco! E na frente do boné lê-se: condutor!

- E é alto - observou Maria. - A sua voz soou lá muito de cima.

Laura tentou explicar à irmã a que velocidade desfilavam os postes telegráficos:

- O fio bambeia entre eles e depois sobe. - E contou-os: - Um... upa!

Dois... upa! Três! É assim, com esta rapidez.

- Eu percebo que é rápido, sinto-o - disse Maria, contente. Na terrível manhã em que Maria deixara de ver o sol a bater-lhe

em cheio nos olhos, o pai dissera que Laura deveria ver por ela: «Os teus dois olhos e a tua língua são muito rápidos, poderás usá-los para a Maria.»

E Laura prometera que o faria. Por isso, tentava ser os olhos da irmã e raramente Maria precisava de lhe pedir: «Vê em voz alta para mim, Laura, por favor.»

- Ambos os lados da carruagem têm janelas, muito chegadas umas às outras

- prosseguiu Laura. - Cada janela é uma grande chapa de vidro e até as tiras de madeira entre elas brilham como vidro, de tão polidas.

- Sim, eu vejo - disse Maria, e apalpou o vidro e passou as pontas dos dedos pela madeira brilhante.

- O sol entra obliquamente pelas janelas do lado sul, em faixas largas que se reflectem nos lugares de veludo encarnado e nas pessoas. Também batem no chão pontas de sol, as quais ora se estendem, ora se retraem.

Por cima das janelas, a madeira reluzente encurva a partir das paredes de ambos os lados, e ao longo de todo o meio do tecto há um lugar mais alto, feito de paredes pequenas de janelinhas minúsculas, compridas e baixas, através das quais se vê o céu azul. Do lado de fora das janelas grandes, de ambos os lados, a região desfila, rápida. Os campos de restolho estão amarelos, há medas de feno junto dos estábulos e arvorezinhas amarelas e vermelhas, em pequenos maciços, à volta das casas.

»Agora vou ver as pessoas - continuou Laura a murmurar. - À nossa frente vai uma cabeça com uma calva em cima e suíças. O homem lê um jornal e não olha pelas janelas. Mais adiante vão dois homens novos, de chapéu na cabeça. Seguram um grande mapa branco, olham para ele e falam a seu respeito. Creio que também vão reservar um lote de terreno. Têm as mãos ásperas e calejadas, sinal de que são bons trabalhadores. Mais adiante, ainda, vai uma' mulher de cabelo amarelo-vivo e, oh, Maria, um berrantíssimo chapéu de veludo encarnado com rosas cor-de-rosa...

Nesse momento passou alguém e Laura levantou a cabeça. Depois prosseguiu: - Passou mesmo agora um homem magro, de sobranceiras farfalhudas, bigode comprido e maçã-de-adão. O comboio vai tão depressa que ele não consegue caminhar direito. Pergunto a mim mesma... Oh, Maria, está a girar um pequeno manípulo, ao fundo da carruagem, e a fazer sair água!

»A água cai direitinha num púcaro de folha. Agora está a beber e a sua maçã-de-adão sobe e desce. Está outra vez a encher o púcaro. Basta-lhe girar o manípulo e a água sai. Como julgas que... Maria! Pôs o púcaro numa prateleirinha e vem aí de novo.

Depois de o homem passar, Laura tomou uma decisão: perguntou à mãe se podia ir beber água e a mãe disse que sim. Pôs-se, por isso, a caminho. Não conseguiu caminhar direita. O movimento da carruagem obrigou-a a oscilar e a agarrar-se às costas dos lugares, durante todo o caminho. Mas chegou ao fim da carruagem e olhou para o reluzente manípulo, para a bica e para a prateleira que ficava por baixo e onde se encontrava o areado púcaro de folha. Girou o manípulo só um bocadinho e saiu água pela bica. Girou o manípulo em sentido contrário e a água deixou de correr. Debaixo do púcaro havia um pequeno buraco, destinado a esgotar qualquer água que se entornasse. Laura nunca vira nada tão fascinante. Era tudo tão perfeito e maravilhoso que lhe apeteceu encher e tornar a encher o púcaro. Mas seria um desperdício de água. Por isso, depois de beber, encheu o púcaro apenas parcialmente e levou-o à mãe, com muito cuidado. Carrie e Graça beberam e não quiseram mais, e a mãe e Maria não tinham sede. Laura foi, pois, repor o púcaro no seu lugar. Entretanto, o comboio ia avançando velozmente e a região ficando para trás. A carruagem continuava toda sacudida, mas desta vez Laura não precisou de tocar em nenhum banco, ao passar. Era capaz de andar quase tão direita como o condutor. Com certeza ninguém desconfiava de que nunca pusera, anteriormente, os pés num comboio.

Depois passou um rapaz, na coxia, com um cesto no braço. Parava e mostrava o cesto a toda a gente e algumas pessoas tiravam certas coisas e davam-lhe dinheiro em troca. Quando chegou junto de Laura, ela viu que o cesto estava cheio de caixas de chupas e de compridos paus de pastilha elástica. O rapaz mostrou as guloseimas à mãe e ofereceu:

- Bons chupas, minha senhora? Pastilha elástica?

A mãe abanou a cabeça, mas o rapaz abriu uma caixa e mostrou os chupas coloridos. A respiração de Carrie produziu um som sibilante, sem que ela se apercebesse.

O rapaz sacudiu um bocadinho a caixa, mas sem entornar os chupas. Eram bonitos chupas de Natal, uns vermelhos, outros amarelos e alguns às riscas encarnadas e brancas.

- Só dez cêntimos, minha senhora - insistiu o rapaz.

Laura e Carrie, também, sabiam que não podiam ter aquela guloseima. Estavam só a olhar. De súbito, porém, a mãe abriu a bolsa e tirou um níquel e cinco cêntimos, que colocou nas mãos do rapaz. Depois pegou na caixa e deu-a a Carrie.

Quando o rapaz se afastou, a mãe disse, a justificar-se por ter gasto tanto:

- No fim de contas, devemos celebrar a nossa primeira viagem de comboio. Graça dormia e a mãe disse que os bebés não deviam comer chupas. Tirou só um bocadinho, para si, e depois Carrie foi para o banco de Maria e Laura e repartiu o restante. Couberam dois chupas a cada uma. Resolveram comer um e guardar o outro para o dia seguinte; mas, algum tempo depois de comido o primeiro, Laura resolveu provar o segundo. Depois Carrie provou o dela e, por fim, Maria cedeu, também. Chuparam-nos todos, pouco a pouco.

Ainda estavam a lamber os dedos quando a máquina apitou, ruidosa e demoradamente. Depois a carruagem começou a andar mais devagar e as traseiras das cabanas do caminho foram ficando para trás, também mais devagar. As pessoas começaram a reunir as suas coisas e a pôr os chapéus, ouviu-se um grande estrondo e o comboio parou. Era meio-dia e tinham chegado a Tracy.

- Espero que não tenham perdido o apetite para o almoço com os chupas - observou a mãe.

- Nós não trouxemos almoço, Ma - lembrou-lhe Carrie. A mãe respondeu, distraída:

- Vamos almoçar no hotel. Laura, tu e Maria tenham cuidado.

23

CAPÍTULO IV - FIM DA LINHA.

O pai não estava naquela estação desconhecida. O ajudante do condutor colocou os sacos no cais e ofereceu:

- Se a senhora esperar um momento, levo-a ao hotel. Também vou para lá.

- Obrigada - agradeceu a mãe, sinceramente.

O ajudante do condutor ajudou a desengatar a máquina do comboio. O maquinista, todo vermelho e mascarrado de fuligem, debruçou-se da máquina, para observar. Depois puxou a corda de uma campainha. A máquina avançou sozinha, a fazer puf! puf! e chug! chug!, enquanto a sineta tocava. A distância que percorreu foi curta. Em seguida parou e Laura não pôde acreditar no que via. Os carris de aço, debaixo da máquina, e as chulipas de madeira, entre os carris, deram uma volta completa.

Descreveram um círculo, ali no chão, até as extremidades dos carris se ajustarem de novo, desta vez com a frente da máquina virada para trás. Laura estava tão estupefacta que nem sabia explicar a Maria o que se passava. A máquina voltou ao puf! puf!, chug! chug.', mas noutra linha, ao lado da do comboio. Passou pelo comboio e ultrapassou-o um bocadinho. A sineta tocou, homens gritaram e fizeram gestos com os braços, a máquina recuou e, bump!, chocou com a retaguarda do comboio. Todos os vagões se entrechocaram por ali fora. E pronto, o comboio e a máquina estavam voltados para leste.

Carrie estava boquiaberta de espanto. O ajudante do condutor sorriu-lhe amigavelmente e explicou:

- Aquilo é a plataforma giratória. Como aqui é o fim da linha, temos de virar a máquina ao contrário, para ela poder levar o comboio em sentido inverso.

Claro, tinha de ser mesmo assim, mas Laura nem pensara nisso. Compreendia agora o que o pai queria dizer quando falava dos tempos maravilhosos que estavam a viver.

25

Nunca existiram tais maravilhas na história do mundo, afirmava. Agora, numa manhã, fizeram uma viagem que de outro modo duraria uma semana inteira e Laura vira o Cavalo de Ferro virar-se(para percorrer o mesmo caminho, em sentido contrário, numa única tarde. Por momentos, fugazes momentos, apenas, quase desejou que o pai fosse ferroviário. Não havia nada tão maravilhoso como os caminhos-de-ferro e os ferroviários eram grandes homens, capazes de conduzir as grandes locomotivas de ferro e os comboios velozes e perigosos. Mas, claro, nem mesmo os ferroviários eram maiores ou melhores do que o pai e, na realidade, ela não queria que ele fosse diferente do que era. Havia uma comprida composição de vagões de carga noutra via, para lá da estação, e homens estavam a descarregá-los para carroções. Nisto, pararam todos e saltaram dos carroções. Alguns gritaram e um homem novo e forte começou a cantar o hino preferido da mãe, mas com palavras diferentes:

Há uma pensão

Não muito longe

Onde servem presunto com ovos

Três vezes por dia.

Oh, como os pensionistas gritam

Quando ouvem a sineta do almoço!

Ah, que bem os ovos cheiram

Três vezes por dia!

O jovem estava a cantar estas palavras profanas, e com ele outros homens, quando viram a mãe e se calaram. A mãe seguiu calmamente o seu caminho, com Graça ao colo e a dar a mão a Carrie. O ajudante do condutor, embaraçado, disse muito depressa:

- É melhor apressarmo-nos, minha senhora. A sineta do almoço está a tocar.

O hotel ficava ao fundo de uma pequena rua, a seguir a alguns armazéns e terrenos desocupados. Um letreiro, no passeio, anunciava: «Hotel».

Debaixo do letreiro, um homem agitava uma campainha manual. A campainha não parava de tocar e as botas dos homens faziam um barulho sincopado na rua poeirenta e no passeio de tábuas.

- Oh, Laura, visto é como se ouve? - perguntou Maria, a tremer.

- Não - respondeu-lhe a irmã. - O aspecto não é mau. Trata-se apenas de uma cidade e eles são apenas homens.

- Parece tudo tão grosseiro - insistiu Maria.

- Chegámos à porta do hotel - disse-lhe Laura.

O ajudante de condutor entrou à frente e pousou os sacos. O chão estava a precisar de ser varrido. As paredes estavam forradas de papel castanho e numa delas via-se um calendário com o retrato grande e reluzente de uma bonita rapariga num trugal maduro. Os homens entraram todos e dirigiram-se para uma grande sala onde se encontrava uma mesa comprida com uma toalha branca e posta para o almoço.

O homem que tocara a campainha disse à mãe:

- Sim, minha senhora, temos um quarto para si. - Arrumou os sacos na portaria e perguntou: - Talvez desejem lavar-se antes de comer?

Num quartinho pequeno havia um lavatório: um grande jarro de louça estava dentro de uma grande bacia de louça e da parede pendia uma toalha sem fim. A mãe molhou um lenço limpo e lavou a cara e as mãos de Graça e as suas próprias. Depois despejou a bacia num balde que estava ao lado do

lavatório e voltou a deitar água para Maria e de novo para Laura. A água fria causou-lhes uma sensação agradável na cara suja de poeira e fuligem e, depois de se lavarem, ficou preta. Só dispuseram de uma pouca de água para cada uma e o jarro ficou vazio. A mãe voltou a pô-lo com cuidado na bacia, quando Laura acabou. Limparam-se todas à toalha sem fim. Uma toalha sem fim era muito prática: as suas extremidades estavam cosidas uma à outra e girava num rolo, de forma que todos encontravam um espaço seco para se limparem.

Chegara a altura de irem para a sala de jantar. Laura receava esse momento e sabia que Maria sentia o mesmo. Era difícil encarar tantos desconhecidos.

- Estão todas com um ar lavado e agradável - disse a mãe. - Não se esqueçam de ter maneiras à mesa.

A mãe entrou primeiro, com Graça ao colo, depois seguiu-se Carrie e por fim Laura, a conduzir Maria. O ruído de comer abrandou, quando entraram na sala de jantar, mas praticamente nenhum homem levantou a cabeça. Havia cadeiras vagas e puderam sentar-se todas em fila, à grande mesa.

Espalhados por toda a mesa, por cima da toalha branca, havia umas coisas de rede fina, do feitio de cortiços, e debaixo de cada uma delas uma travessa de carne ou um prato de vegetais. Havia

27

pratos de pão com manteiga e de pickles, jarros de melaço e de natas e açucareiros. Ao lado de cada prato encontrava-se uma grande fatia de tarte, num prato mais pequeno. As moscas passeavam e zumbiam por cima das tampas de rede, mas não conseguiam chegar à comida que se encontrava em baixo.

Foram todos amáveis e estenderam os pratos de comida à mãe, de uma ponta e outra da mesa. Ninguém falava, a não ser para murmurar um «não tem de quê, minha senhora», em resposta ao «obrigada» da mãe. Uma rapariga trouxe-lhe uma chávena de café-

Laura cortou a carne de Maria aos bocadinhos e pôs-lhe manteiga no pão. Os dedos sensitivos de Maria permitiram-lhe servir-se do garfo e da faca perfeitamente, sem entornar nada.

Era uma pena que a excitação lhes tirasse o apetite. O almoço custava vinte e cinco centimos e poderiam comer o que quisessem; a comida era abundante. Mas comeram pouco. Passados instantes, os homens acabaram todos de comer a tarte e foram-se embora, e a rapariga que trouxera o café começou a empilhar os pratos e a levá-los para a cozinha. Era forte e bem-humorada e tinha cara larga e cabelo amarelado.

- Creio que vêm reservar um lote de terra? - perguntou à mãe.

- Vimos - respondeu a mãe.

- O seu homem trabalha nos caminhos-de-ferro?

- Trabalha. Vem aqui ao nosso encontro, esta tarde.

- Foi o que calculei - disse a rapariga. - É engraçado que tenham vindo para cá nesta época do ano, quando a maioria das pessoas vêm na Primavera. A sua menina mais crescida é cega, não é? Que pena! Bem, a sala fica do outro lado do escritório. Podem sentar-se lá, se quiserem, até ao seu homem chegar.

A sala tinha uma alcatifa no chão e papel florido nas paredes. As cadeiras eram estofadas de pelúcia encarnado-escuro. A mãe deixou-se cair numa cadeira de balanço, a suspirar de alívio.

- A Graça está a ficar pesada. Sentem-se, filhas, e fiquem quietas. Carrie subiu para uma grande cadeira, ao lado da mãe, e Maria e Laura sentaram-se no sofá. Ficaram todas quietas e caladas, para que Graça adormecesse e dormisse a sua sesta da tarde.

Em cima da mesa do centro estava um candeeiro com a parte de baixo de latão. As pernas curvas da mesa terminavam em bolas de vidro, na

alcatifa. A janela tinha cortinas de renda, presas aos lados, e através dela Laura podia ver a pradaria e uma estrada que a atravessava. Talvez o pai viesse por essa estrada. Se viesse, partiriam todos também por ela e algures, muito para lá do fim da estrada que Laura distinguia, um dia viveriam todos no novo lote de terra.

Laura preferiria não parar em lado nenhum, preferiria seguir para a frente, até ao fim da estrada, fosse ele onde fosse.

Passaram a tarde toda sentadas, quietas, na sala, enquanto Graça dormia. Carrie também dormiu um bocadinho e até a mãe passou pelo sono. O Sol estava quase a pôr-se quando uma pequena parelha e um carroção surgiram na estrada e se foram tornando, pouco a pouco, maiores. Graça já estava acordada e foram todas espreitar pela janela. O carroção adquiriu o tamanho normal e viram que era o do pai, que o conduzia.

Como estavam num hotel, não puderam ir a correr ao seu encontro. Mas um momento depois ele entrou e exclamou:

- Viva, cá estão as minhas pequenas!

CAPÍTULO V - ACAMPAMENTO DOS CAMINHOS-DE-FERRO.

Na manhã seguinte, cedinho, iam todos no carroção, para oeste. Graça ia sentada entre a mãe e o pai, no banco, e Carrie e Laura sentavam-se com Maria atrás deles, numa tábua que atravessava a caixa do carroção.

Viajar nas carruagens do comboio era rico e rápido, mas Laura preferia o carroção. Como a viagem seria só de um dia, o pai não pusera a cobertura de lona. Cobria-os o céu todo e a pradaria estendia-se para todos os lados, com quintas aqui e ali. O carroção ia devagar e, por isso, havia tempo para verem tudo. E também podiam conversar naturalmente uns com os outros.

Os únicos ruídos eram o clip-clop dos cavalos e os pequenos estalidos do carroção.

O pai disse que o tio Hi acabara o seu primeiro contrato e ia para um acampamento novo, mais para oeste. E acrescentou:

- Os homens já se foram embora, só ficaram dois carroceiros ao lado da família da Dócia. Terão de deitar abaixo as últimas barracas e de levar a madeira, daqui a uns dias.

- Então também vamos partir? - perguntou a mãe.

- Sim, daqui a uns dias.

O pai ainda não procurara um lote de terreno; arranjará um mais para oeste.

Laura não encontrou muitas coisas que valesse a pena ver para Maria. Os cavalos percorriam a estrada que atravessava a pradaria a direito. Ao lado da estrada ficava sempre o aterro dos caminhos-de-ferro, de terra nua e solta. A norte, os campos e as casas eram como as donde vinham, com a diferença de serem mais novas e mais pequenas.

A frescura da manhã passou. Sentiam constantemente através da tábua onde estavam sentadas os pequenos solavancos do carroção-

parecia que o Sol nunca subira tão devagar. Carrie suspirou. A sua carinha pontiaguda estava pálida. Mas Laura não podia fazer nada por ela. Laura e Carrie tinham de ir sentadas nas extremidades da tábua dura, onde se sentiam mais os solavancos, porque Maria tinha de ir no meio.

Por fim, o Sol ficou a pino e o pai parou os cavalos junto de um ribeirinho. Soube-lhes bem sentirem-se paradas. O ribeirinho falava sozinho, os cavalos mastigavam a sua aveia na manjedoura, atrás do carroção, e a mãe estendeu uma toalha na erva quente e abriu a caixa do almoço. Havia pão com manteiga, bons ovos cozidos e um papel com sal e

pimenta, para mergulharem os ovos à medida que os comiam.

O meio-dia passou muito depressa. O pai levou os cavalos a beber ao ribeiro, enquanto a mãe e Laura apanhavam as cascas dos ovos e os bocados de papel, para deixarem tudo limpo. O pai voltou a atrelar os cavalos e gritou:

- Toca a subir!

Laura e Carrie gostariam de ir um bocado a pé, mas não o disseram. Sabiam que Maria não conseguia acompanhar o carroção e elas não a podiam deixar ficar sozinha e cega. Ajudaram-na, por isso, a subir e sentaram-se na tábua, uma de cada lado.

A tarde foi mais comprida do que a manhã. A certa altura, Laura disse:

- Julgava que íamos para oeste.

- E estamos a ir para oeste, Laura - confirmou o pai, surpreendido.

- Pensei que fosse diferente - explicou Laura.

- Espera que passemos o terreno povoado e verás! - replicou o pai.

A certa altura, Carrie suspirou:

- Estou cansada. - Mas endireitou-se logo e acrescentou: - Não muito. - Carrie não queria queixar-se.

Uma sacudidelazinha não era nada. Elas quase não deram por cinco quilómetros de sacudidelazinhas quando iam de Plum Creek à cidade. Mas todas as sacudidelazinhas do nascer do Sol ao meio-dia, mais todas as sacudidelazinhas do meio-dia ao pôr do Sol, eram estafantes.

Escureceu, mas os cavalos continuaram a andar, e as rodas a girar e a tábua dura a absorver e a comunicar-lhes os solavancos do carroção.

Nasceram as estrelas. O vento arrefeceu. Se não fosse a tábua sempre a saltar, teriam adormecido todas. Durante muito tempo ninguém falou.

Depois o pai disse:

- Lá está a luz da cabana.

Muito ao longe, via-se um pequeno piscar de luz na terra escura. As estrelas eram maiores, mas a sua luz era fria, ao contrário da do pequeno piscar.

- É uma centelhazinha amarela, Maria - disse Laura. - Brilha muito ao longe, na escuridão, e diz-nos que continuemos a avançar, que nos esperam lá uma casa e gente.

- E jantar - disse Maria. - A tia Dócia conserva o jantar quente para nós.

A luz foi-se tornando maior, mas muito devagarinho. Depois começou a brilhar firmemente e redonda. Passado muito tempo, viu-se que formava ângulos rectos.

- Agora vê-se que é uma janela - disse Laura a Maria. - É uma casa comprida e baixa. Na escuridão há duas outras casas compridas e baixas. É tudo quanto consigo ver.

- É tudo quanto resta do acampamento - disse o pai, e depois gritou aos cavalos: - Aí-ô!

Os cavalos pararam imediatamente, sem darem outro passo sequer. E os solavancos e as sacudidelas pararam também. Parou tudo; só se via o escuro parado e frio. Depois saiu luz de uma porta e a tia Dócia disse:

- Entrem, Carolina e meninas! E tu despacha-te com a parelha, Charles. O jantar está à espera!

A escuridão gelada infiltrara-se nos ossos de Laura. Maria e Carrie também andavam todas hirtas e a tropeçar e bocejar. Na sala comprida, o candeeiro iluminava uma longa mesa, bancos e paredes de tábuas não afeiçoadas. Estava quente, ali dentro, e cheirava ao jantar que esperava no forno. A tia Dócia perguntou:

- Então, Lena e João, não dizem nada às primas?

- Como estão? - cumprimentou Lena, e Laura, Maria e Carrie perguntaram o mesmo.

João era um rapazinho de onze anos, mas Lena tinha mais um ano do que Laura. Os seus olhos eram pretos e vivos e o seu cabelo era o mais preto possível e naturalmente ondulado. As madeixas curtas encaracolavam-se à volta da testa, o alto da cabeça era ondulado e as pontas das tranças também eram formadas por caracóis. Laura gostou dela.

- Gostas de andar a cavalo? - perguntou Lena a Laura. - Temos dois pôneis pretos e andamos neles. Eu também os sei conduzir.

O João não sabe, ainda é muito pequeno. O pai não o deixa sair com o buggy. Mas a mim deixa-me e amanhã vou buscar a roupa lavada. Se quiseres, podes ir. Queres?

- Quero! Se a mãe me deixar. - Tinha tanto sono que nem lhe perguntou para que era preciso ir buscar a roupa de buggy; até lhe custou manter-se acordada para jantar.

O tio Hi era gordo e bonacheirão. A tia Dócia falava muito depressa. O tio Hi tentava acalmá-la, mas as suas tentativas só serviam para que ela ainda falasse mais depressa. Estava zangada porque ele trabalhara duramente todo o Verão e não tinha nada que se visse, como recompensa.

- Trabalhou como um burro de carga todo o Verão! - afirmava ela. - Até conduziu as suas próprias parelhas no aterro e passámos o tempo todo a poupar e a economizar, para termos alguma coisa quando o trabalho acabasse, e agora que chegou ao fim a companhia diz que lhe devemos dinheiro! Estamos em dívida para com ela pelo nosso trabalho duro de todo o Verão! E, ainda por cima, querem que aceitemos outro contrato, e o Hi vai aceitar! É isso que ele vai fazer: aceitar!

O tio Hi tentou de novo acalmá-la e Laura tentou manter-se acordada. Os rostos tornavam-se vagos e a voz distante, até que, num sobressalto, o pescoço a fazia levantar a cabeça. Quando o jantar acabou, levantou-se, mal segura nas pernas, para ajudar a lavar a louça, mas a tia Dócia disse-lhe, e a Lena, que fossem deitar-se.

Nas camas da tia Dócia não havia espaço para Laura e Lena nem Para João. Ele ia ficar no barracão com os homens e Lena disse:

- Anda, Laura! Vamos dormir na tenda do escritório!

Cá fora era tudo muito grande, escuro e frio. O barracão estendia-se, baixo e escuro, debaixo do céu vasto, e a pequena tenda do escritório parecia fantasmal, à luz das estrelas. E muito longe da cabana iluminada. A tenda estava vazia. Só havia erva, no chão, e paredes de lona que subiam, inclinadas, até se juntarem em cima, em bico. Laura sentiu-se perdida e solitária. Não se importaria de dormir no carroção, mas não gostava de dormir no chão num lugar desconhecido, e que o pai e a mãe estivessem ali.

Lena achava muito divertido dormir na tenda. Deixou-se logo cair num cobertor aberto no chão.

- Não nos despimos? - perguntou Laura, ensonada.

- Para quê? Só para termos de nos vestir outra vez de manhã? Além disso, não temos com que nos tapar.

Por isso, Laura deitou-se no cobertor e não tardou a adormecer profundamente. De súbito, acordou muito assustada. Da imensa escuridão da noite erguia-se uma espécie de uivo selvagem e agudo.

Não era um índio. Também não era um lobo. Laura não sabia o que era. O seu coração parou de bater.

- Ora, não nos assustas! - gritou Lena, e depois explicou a Laura: - É o João, a tentar assustar-nos.

João gritou de novo, mas Lena volveu-lhe:

- Vai-te embora, rapazinho! Não fui criada na floresta para me deixar assustar por um mocho!

João voltou a gritar, mas Laura tornou-se menos tensa e o sono voltou.

CAPÍTULO VI - OS PÓNEIS PRETOS.

O sol que entrava pela lona bateu na cara de Laura e acordou-a. Abriu os olhos ao mesmo tempo que Lena abria os seus, olharam uma para a outra e riram-se.

- Despacha-te, temos de ir buscar a roupa lavada! - disse Lena, enquanto se levantava de um pulo.

Como não se despiram, não precisaram de se vestir. Dobraram o cobertor e a arrumação do quarto ficou pronta. Saltaram para o exterior, para a manhã clara e alegre.

As cabanas eram pequenas, sob o céu cheio de sol. A leste e a oeste corriam o aterro da via férrea e a estrada; para norte, a erva agitava plumas de sementes acastanhadas. Homens deitavam abaixo uma das cabanas, com um ruído alegre de tábuas a cair. Na erva ondulada pelo vento pastavam os dois póneis pretos, de crina e cauda pretas ao vento.

- Primeiro temos de tomar o pequeno-almoço - disse Lena. - Anda, Laura! Depressa!

Toda a gente estava à mesa - menos a tia Dócia, que fritava panquecas.

- Lavem-se e penteiem-se, dorminhocas! O almoço está na mesa, mas não é graças a ti, menina preguiçosa.

A rir, a tia Dócia deu uma palmada a Lena, quando ela passou. Naquela manhã estava tão bonacheirona como o tio Hi.

O pequeno-almoço foi agradável. A grande gargalhada do pai vibrou como música. Mas depois, que rimas de pratos para lavar!

Lena disse que aqueles pratos não eram nada comparados com o que tinham sido: pratos de 46 homens três vezes por dia e, nos intervalos, cozinhar. Ela e a tia Dócia não paravam do nascer do Sol até alta noite, e mesmo assim não conseguiam trazer o trabalho em dia.

35

Fora por isso que a tia Dócia mandara lavar a roupa fora. Era a primeira vez que Laura ouvia falar em semelhante coisa. A mulher de um colono lavava a roupa da tia Dócia, mas como morava a cinco quilómetros de distância representava uma viagem de dez quilómetros, ida e volta. Laura ajudou Lena a levar os arreios para o buggy e a ir tirar os pacatos póneis das cordas. Ajudou a pôr-lhes os arreios, o freio na boca, e a coelheira no pescoço quente e preto, e a passar-lhes o rabicho por baixo da cauda. Depois, as duas, empurraram-nos para trás, com o varal do buggy no meio, e prenderam os tirantes de couro rígido aos balancins. Subiram para o buggy e Lena pegou nas rédeas.

O pai nunca deixara Laura conduzir os seus cavalos. Dizia que ela não era suficientemente forte para os conter, se eles se espantassem.

Assim que Lena pegou nas rédeas, os póneis pretos começaram a trotar alegremente. As rodas do buggy giravam, velozes, e soprava um vento fresco. Adejavam e cantavam pássaros por cima da erva agitada pelo vento. Os póneis iam cada vez mais depressa, e mais velozes as rodas. Laura e Lena riam de contentamento.

Os póneis trotadores tocavam com o focinho um no outro, soltavam um pequeno relincho e lá iam.

O buggy ia tão depressa que Laura tinha a impressão de que o banco ia saltar de baixo dela. A sua touca voava, atrás, presa ao pescoço pelas fitas tensas, ela agarrava-se à borda do banco. Os póneis esticavam-se todos, a correr quanto podiam.

- Vão disparados! - gritou Laura. '}

- Deixa-os ir! - gritou Lena, a bater-lhes com as rédeas. - Não podem chocar com coisa nenhuma, a não ser com erva! - gritou aos animais. As compridas crinas e caudas pretas ondulavam ao vento, os cascos martelavam o chão e o buggy ia de vento em popa. Passava tudo tão depressa que não se via nada. Lena começou a cantar: Conheço um bonito moço amável, Toma cuidado, oh, toma cuidado! Capaz de ser muito prestável. Toma cuidado, oh, toma cuidado! Laura nunca ouvira a cantiga, mas em breve cantava o estribilho com todas as forças. Cuidado, linda pequena, ele anda de mà-fé! Toma cuidado, oh, toma cuidado! Não confies, pois verás, sincero não é. Toma cuidado, oh, toma cuidado! - Ih-iipi! Iipi! - gritavam, mas os póneis não podiam ir mais depressa do que já iam. Com um lavrador não casaria, Pois anda na terra sempre a mexer. Casar com um ferroviário preferiria, De camisa às riscas, como deve ser! Oh, um ferroviário, um ferroviário, Um ferroviário para mim, já sei! Vou casar com um ferroviário. De um ferroviário noiva serei! - Acho que é melhor deixá-los tomar fôlego - disse Lena, e puxou as rédeas até os póneis passarem do galope ao trote e depois ao passo. Pareceu tudo sereno e lento. - Quem me dera saber conduzir! - disse Laura. - Sempre o desejei, mas o meu pai não deixa. - Podes conduzir um bocado - ofereceu Lena, generosamente. Nesse preciso momento, os póneis tocaram de novo com o focinho um no outro, relincharam e partiram outra vez disparados. - Podes conduzir no regresso a casa - prometeu Lena. A cantar e aos gritos, foram galopando através da pradaria. Todas as vezes que Lena puxava as rédeas, para os póneis tomarem fôlego, eles abrandavam um pouco e depois lançavam-se outra vez a toda a velocidade. Assim, chegaram num instante à cabana do colono, no lote por ele reservado. Era uma casinha pequena, de tábuas para cima e para baixo e com o telhado inclinado só de um lado, de modo que parecia apenas metade de uma casinha. Era mais pequena que as medas de trigo que alguns homens estavam a debulhar mais adiante, com uma debulhadora ruidosa. A mulher do colono dirigiu-se para o buggy carregada com o cesto da roupa. A sua cara, os seus braços e os seus pés descalços estavam tismados, da cor de couro, do sol. Estava despenteada e usava um vestido pingão e pouco limpo. - Desculpem o meu aspecto. A minha filha casou-se ontem, os debulhadores vieram esta manhã e eu com esta roupa para lavar. Não paro desde antes de o Sol nascer, ainda mal comecei o trabalho do dia e já não tenho a minha pequena para me ajudar. - O quê, a Lizzie casou-se? - perguntou Lena. - Sim, casou-se ontem - respondeu a mãe de Lizzie, toda orgulhosa. - O pai dela disse que com treze anos era muito nova, mas ela arranjou um bom homem e eu respondi-lhe que era melhor arrumar-se cedo. Eu também casei nova. Laura e Lena entreolharam-se. No regresso, não disseram nada durante algum tempo. Depois falaram simultaneamente: - Ela era apenas um pouco mais velha do que eu - disse Laura. - Eu sou um ano mais velha do que ela - disse Lena. Entreolharam-se de novo, com uma expressão quase assustada. Depois Lena sacudiu a cabeça morena e encaracolada e declarou: - Foi uma idiota! Agora nunca mais se pode divertir. Laura concordou, muito séria:

- Pois não, agora já não pode brincar.

Até os póneis trotavam gravemente. Passado um bocado, Lena disse que, de qualquer modo, Lizzie não devia ter de trabalhar mais do que trabalhava antes.

- Pelo menos agora fará o seu próprio trabalho, na sua própria casa, e terá meninos.

- Bem - observou Laura -, eu gostaria de ter a minha própria casa, gosto de meninos e não me importaria de trabalhar, mas não quero tanta responsabilidade. Prefiro que a responsabilidade seja da minha mãe, durante ainda muito tempo.

- Além disso - declarou Lena -, eu não me quero arrumar. Nem sequer casarei, nunca, ou então será com um ferroviário e passarei a vida toda a viajar mais para oeste.

- Posso conduzir agora? - perguntou Laura, que queria esquecer os problemas de ser crescida.

Lena deu-lhe as rédeas e explicou:

- Tens apenas de as segurar. Os póneis sabem o caminho. Nesse momento, os póneis tocaram com o focinho um no outro e relincharam.

- Agarra-as bem, Laura! Agarra-as bem! - gritou Lena, esganiçadamente.

Laura apoiou bem os pés e agarrou as rédeas com toda a sua força. Sentia que os póneis não faziam aquilo por mal. Galopavam porque lhes apetecia galopar ao vento; e fariam o que lhes apetecia e mais nada. Laura segurou bem as rédeas e gritou:

- Ih! Ih! Iipi!

Tanto ela como Lena se tinham esquecido do cesto da roupa. Foram todo o caminho de regresso a gritar e a cantar pela pradaria fora, enquanto os póneis galopavam, trotavam e galopavam de novo. Quando pararam junto das cabanas a fim de desatrelarem os animais e de os prenderem às cordas, repararam que as camadas superiores da roupa lavada estavam no chão do buggy, debaixo dos bancos.

Com ar culpado, apanharam-na e endireitaram-na e levaram o cesto pesado para a cabana, onde a tia Dócia e a mãe estavam a pôr o almoço nos pratos.

- Vêm com um ar de quem não quebra um prato - observou a tia Dócia. - Que andaram a fazer, hem?

- Nada, fomos só buscar a roupa no buggy.

Essa tarde foi ainda mais emocionante do que a manhã. Assim que a louça ficou lavada, Lena e Laura voltaram a correr para junto dos póneis. João montara um deles e atravessava velozmente a pradaria.

- Não é justo! - gritou Lena.

O outro pónei galopava num círculo, preso pela corda. Lena agarrou-lhe na crina, soltou a corda e saltou do chão para a garupa do animal.

Laura ficou a ver Lena e João correrem em círculos e gritarem como índios. Cavalgavam estendidos, com o cabelo ao vento, e as mãos bem presas à crina esvoaçante dos animais e as pernas tisonadas a apertarem-lhes os flancos. Os póneis curvavam e desviavam-se, a galopar um atrás do outro na pradaria como pássaros a voar no céu. Laura nunca se teria cansado de os observar.

Os póneis regressaram a galope, pararam perto dela e Lena e João saltaram para o chão.

- Anda, Laura - disse Lena, generosamente. - Podes montar o pónei do João.

- Quem disse? - perguntou o rapaz. - Deixa-a montar o teu!

- É melhor portares-te bem, se não queres que eu diga que tentaste assustar-nos a noite passada - aconselhou-lhe a irmã.

Laura agarrou a crina do pónei, mas o animal era muito maior do que ela,

era forte e tinha a garupa alta.

- Não sei se sou capaz - disse. - Nunca andei a cavalo.

- Eu ajudo-te a subir - prontificou-se Lena, e, com uma das mãos, agarrou-se ao topete do pônei, ao mesmo tempo que se baixava e estendia a outra mão para servir de degrau a Laura.

O pônei de João parecia maior de minuto a minuto. Era suficientemente grande e forte para matar Laura, se lhe desse para isso, e tão alto que ela quebraria os ossos se caísse dele abaixo. Tinha tanto medo de o montar que não podia deixar de tentar.

Apoiou o pé na mão de Lena, subiu pela massa quente e escorregadia do animal, enquanto Lena empurrava para cima, e depois passou uma perna por cima da garupa do pônei e começou tudo a mover-se rapidamente. Ouviu Lena dizer, vagamente:

- Agarra-te à crina!

Estava agarrada à crina do pônei, estava agarrada com toda a gana a grandes punhados de crina. Ao mesmo tempo, os seus cotovelos e os seus joelhos fincavam-se no pônei, o que não a impedia de saltar e ressaltar de tal maneira que não conseguia pensar. O chão estava lá tão em baixo que nem se atrevia a olhar. Tinha a todos os instantes a impressão de que estava a cair, mas antes de cair realmente parecia-lhe que ia cair do outro lado e os solavancos faziam-lhe entrechocar os dentes. Muito ao longe, ouvia Lena gritar:

- Agarra-te, Laura!

Depois tudo se acalmou no mais suave dos movimentos ondulantes, num movimento que se transmitia do pônei a Laura e os mantinha como que a navegar sobre ondas de ar fustigante. Os olhos fechados de Laura abriram-se e ela viu, debaixo de si, a erva que o vento puxava para trás. Viu a crina preta ondulante do animal e as suas mãos ferradas nela. Iam demasiado depressa, ela e o pônei, mas iam como música e nada lhe poderia acontecer enquanto a música não parasse.

O pônei de Lena apareceu ao lado dela. Laura quis perguntar como se parava em segurança, mas não conseguiu falar. Viu as cabanas, muito ao longe, e compreendeu que, não sabia como, os animais se tinham voltado na direcção do acampamento. Depois os solavancos recomeçaram. Pararam de repente, com ela sentada na garupa do pônei.

- Eu não te disse que era divertido? - perguntou-lhe Lena.

- Porque dá tantos solavancos?

- É o trote. Não é trotar que te interessa, o que te interessa é fazer o teu pônei galopar. Basta gritar-lhe, como eu gritei. Anda, vamos andar muito tempo, desta vez, queres?

- Quero - respondeu Laura.

- Bem, agarra-te. Agora grita!

40

Foi uma tarde maravilhosa. Laura caiu duas vezes e de outra a cabeça do pônei bateu-lhe no nariz e fê-lo sangrar, mas ela nunca largou a crina. As suas tranças desfizeram-se, enrouqueceu de tanto rir e gritar e ficou com as pernas arranhadas de correr através da erva áspera, a tentar saltar para a garupa enquanto o pônei corria. Quase o conseguia, mas não totalmente, e isso enfurecia o animal. Lena e João punham sempre os pôneis a correr e só depois saltavam. Faziam corridas, a ver qual dos dois conseguia montar mais depressa e chegar a certo local.

Não ouviram a tia Dócia chamá-los para jantar. O pai veio à porta e gritou:

- Jantar!

Quando entraram em casa, a mãe olhou para Laura, cheia de espanto, e

disse:

- Francamente, Dócia, não me lembro de a Laura se parecer tanto com um índio selvagem!

- Ela e a Lena formam um rico par - redarguiu a tia Dócia. - Enfim, a Lena não tinha uma tarde livre, para fazer o que lhe apetecesse, desde que viemos para aqui, e não terá outra antes de acabar o Verão.

41

CAPÍTULO VII - COMEÇA O OESTE.

No dia seguinte, de manhã muito cedo, estavam de novo todos no carroção. Este não fora descarregado e, por isso, estava tudo pronto para partirem. Não ficou nada no acampamento além da cabana da tia Dócia. Na erva gasta e nos locais de terra à vista, onde existiram cabanas, agrimensores cravavam estacas e faziam medições, para a construção de uma nova cidade. - Partiremos assim que o Hi resolver os seus assuntos - disse a tia Dócia.

- Voltaremos a ver-nos no lago da Prata! - gritou Lena a Laura, enquanto o pai gritava aos cavalos para partirem e as rodas começavam a girar. O Sol batia, forte, no carroção descoberto, mas o vento estava frio e era agradável viajar daquele modo. Aqui e ali, homens trabalhavam nos seus campos e de vez em quando passava um carroção puxado por uma parelha. Pouco depois, a estrada curvou para baixo, através de terra ondulada, e o pai disse:

- Em frente fica o Grande Rio Sioux.

Laura começou a «ver em voz alta» para Maria:

- A estrada desce por um aterro baixo para o rio, mas não há árvores. Só se vê o céu enorme, terra coberta de erva e um ribeirão baixo. Às vezes é um rio grande, mas agora está tão seco que não é maior do que Plum Creek. Corre num fio de lagoa em lagoa, através de extensões de saibro seco e planícies lodosas secas e gretadas. Os cavalos vão parar para beber.

- Bebam o mais que puderem - disse o pai aos cavalos. - Não haverá mais água numa distância de uns cinquenta quilómetros-

Para lá do rio, a terra ervosa era constituída por curva baixa atrás de curva baixa e a estrada parecia um promontório curto.

- A estrada empurra a terra ervosa e acaba a pouca distância. Termina - disse Laura.

- Não pode ser - discordou Maria. - A estrada prolonga-se até ao lago da Prata.

- Bem sei - concordou Laura.

- Então acho que não devias dizer coisas dessas - observou Maria, brandamente. - Devemos ter sempre o cuidado de dizer exactamente o que pretendemos.

- Eu estava a dizer o que pretendia dizer - protestou Laura, embora não fosse capaz de se explicar; havia tantas maneiras de ver as coisas e tantas maneiras de as dizer!

Para lá do Grande Sioux não voltaram a ver mais campos, nem casas, nem pessoas. Na realidade, não havia nenhuma estrada, mas sim, apenas, uma vaga trilha aberta pelos carroções. E também não havia aterro ferroviário. Aqui e ali, Laura vislumbrava uma pequena estaca de madeira, quase oculta pela erva. O pai disse que eram estacas colocadas pelos agrimensores, para o aterro ferroviário que ainda não fora iniciado.

- Esta pradaria é como um enorme prado - disse Laura a Maria -, estende-

se numa grande distância em todas as direcções, mesmo até à beira do mundo.

As ondas infindáveis de erva florida, sob o céu sem nuvens, causavam-lhe uma estranha sensação, que não sabia explicar. Todos quantos iam no carroção, o próprio carroção e a parelha, e até o pai, pareciam pequenos. O pai conduziu toda a manhã ao longo da trilha quase invisível sem que nada mudasse. Quanto mais penetravam no Oeste, mais pequenos pareciam e menos impressão tinham de estarem a dirigir-se para qualquer lado. O vento imprimia sempre a mesma ondulação interminável à erva e os cascos dos cavalos e as rodas faziam sempre o mesmo som, ao passarem por cima da erva. As sacudidelas da tábuas que servia de banco também eram sempre as mesmas. Laura pensou que podiam continuar assim eternamente, sem nunca saírem daquele lugar imutável, que nem sequer saberia da sua presença. Só o Sol se movia. Sem o parecer, o Sol subia firmemente no céu. Quando estava a pino, pararam para dar de comer aos cavalos e comerem também um almoço de piquenique na erva limpa. Era bom descansar no chão depois de viajarem toda a manhã no carroção. Laura pensou nas muitas vezes que comeram debaixo do céu,

42 - 43

durante a longa viagem do Wisconsin para o Território índio e depois de novo para trás, para o Minnesota. Agora estavam no Território do Dakota e viajavam mais para oeste. Mas esta vez era diferente de todas as outras, não só porque o carroção não tinha cobertura nem camas, mas também por qualquer outra razão. Laura não saberia dizer como, mas aquela pradaria era diversa.

- Pá, quando encontrar o lote para nos instalarmos será como o que tivemos no Território índio? - perguntou ao pai.

Ele pensou, antes de responder:

- Não. Esta região é diferente. Não te sei dizer exactamente em quê, mas esta pradaria é diferente. Causa uma sensação diferente.

- Eu acho-a muito semelhante - disse a mãe, sensatamente. - Estamos a oeste do Minnesota e a norte do Território índio e, por isso, naturalmente, as ervas e as flores não são as mesmas.

Mas não era a isso que o pai e Laura se referiam. Na realidade, não existia quase diferença nenhuma nas flores e nas ervas. No entanto, ali havia mais qualquer coisa que não existia em nenhum outro lado. Era um silêncio enorme, que os fazia sentirem-se silenciosos. E quando estavam silenciosos sentiam o grande silêncio aproximar-se mais.

Todos os pequenos ruídos das ervas agitadas pelo vento e dos cavalos a mastigar, atrás do carroção, e até os ruídos de todos eles a comer e a falar, não conseguiam perturbar o enorme silêncio daquela pradaria.

O pai falou do seu novo trabalho. Seria o gerente do armazém e o apontador da companhia no acampamento do lago da Prata. Dirigiria o armazém e escrituraria nos livros a conta de cada homem do acampamento, e saberia ao certo quanto dinheiro era devido a cada um deles pelo seu trabalho, depois de subtraídas as despesas de alojamento e a conta no armazém. E quando o tesoureiro levasse o dinheiro, nos dias de pagamento, o pai pagaria a cada um dos homens. Seria tudo quanto teria a fazer e por esse trabalho receberia cinquenta dólares todos os meses.

- E o melhor de tudo, Carolina, será que nos contaremos entre os primeiros a virem para aqui! - acrescentou o pai. - Poderemos escolher à vontade o nosso lote de terra. Felizmente a nossa sorte mudou, enfim!

Oportunidade de primeira escolha numa terra nova e, ainda por cima, cinquenta dólares por mês durante todo o Verão!

- É maravilhoso, Charles - concordou a mãe.

Mas toda a conversa deles não significava nada perante o enorme silêncio daquela pradaria.

44

Continuaram a viajar durante toda a tarde, quilómetro atrás de quilómetro, sem nunca verem uma casa ou qualquer sinal de gente, sem verem mais do que erva e céu. A trilha que seguiam estava assinalada apenas por erva dobrada e partida.

Laura viu antigos caminhos índios e carreiros de búfalos, abertos bem fundo no solo e agora cobertos de erva. Viu estranhas depressões, grandes, de lados direitos e fundo plano, que foram charcos de chafurdo de búfalos e onde agora também crescia a erva. Laura nunca tinha visto um búfalo e o pai disse ser improvável que viesse a ver algum.

Não havia ainda muito tempo, pastaram naquela região imensas manadas de milhares de búfalos. Eram o gado dos índios e os Brancos tinham-nos abatido todos.

De todos os lados, a pradaria estendia-se, deserta, para o horizonte distante e límpido. O vento nunca parava de soprar e de tornar onduladas as ervas da pradaria, que o Sol acastanhara. Durante toda a tarde, enquanto conduzia, o pai foi cantando ou assobiando. A cantiga que mais vezes cantou foi:

Oh, venham para esta terra E não tenham medo nenhum, Que o Tio Sam é tão rico Que dá uma quinta a cada um!

Até a bebé Graça se juntava ao coro, embora não se importasse com a melodia para nada:

Oh, venham-se embora, venham-se embora!

Sou eu que lhes digo, venham-se embora!

Oh, venham-se embora, venham-se embora!

Venham-se já, já embora!

Venham para esta terra

E não tenham medo nenhum.

Que o nosso Tio Sam é tão rico

Que dá uma quinta a cada um!

O Sol baixava, a ocidente, quando apareceu um cavaleiro na pradaria, atrás do carroção. Seguiu-os não muito depressa, mas a aproximar-se mais, quilómetro após quilómetro, enquanto o Sol descia lentamente.

- A que distância estamos do lago da Prata, Charles? - perguntou a mãe.

45

- Cerca de quinze quilómetros - respondeu o pai.

- Não vive ninguém mais perto?

- Não, Carolina.

A mãe não disse mais nada. Nem ninguém disse mais nada. Olhavam constantemente para trás, para o cavaleiro que os seguia, e de todas as vezes que olhavam ele estava um bocadinho mais perto. Seguiu-os, com certeza, e não tencionava alcançá-los enquanto o Sol se não pusesse. O Sol já descera tanto que cada curva baixa, entre as ondas da pradaria, estava cheia de sombras.

De cada vez que o pai olhava para trás, a sua mão fazia um pequeno movimento e batia nos cavalos com as rédeas, para os apressar. Mas nenhuma parelha poderia puxar um carroção carregado tão depressa quanto um homem podia cavalgar.

O homem já se encontrava tão perto que Laura lhe podia ver duas pistolas em coldres de couro, nos quadris. Tinha o chapéu puxado para os olhos e um lenço encarnado frouxamente atado ao pescoço.

O pai trouxera a espingarda para o Oeste, mas não a levava no carroção. Laura sentiu curiosidade em saber onde estaria, mas não perguntou ao pai. Olhou outra vez para trás e viu outro cavaleiro aproximar-se, montado num cavalo branco e de camisa encarnada. Ele e o cavalo branco ainda estavam muito longe e pareciam muito pequenos, mas vinham depressa, a galope. Alcançou o primeiro cavaleiro e avançaram os dois juntos.

A mãe disse, em voz baixa:

- Agora são dois, Charles.

- Que é? - perguntou Maria, assustada. - Que se passa. Laura?

O pai olhou rapidamente para trás e depois pareceu tranquilo

- Agora já está tudo bem - afirmou. - Aquele é o Jerry Grande.

- Quem é o Jerry Grande? - perguntou a mãe.

- É um mestiço, francês e índio - respondeu o pai, despreocupadamente. -

Jogador e, segundo alguns, ladrão de cavalos, mas um tipo excelente.

Jerry Grande não deixará ninguém assaltar-nos.

A mãe olhou-o, estupefacta. Abriu a boca para falar, mas depois fechou-a e não disse nada.

Os cavaleiros alcançaram o carroção e o pai levantou a mão e saudou:

- Olá, Jerry!

46

- Olá, Ingalls! - respondeu Jerry Grande.

O outro homem envolveu-os a todos num olhar furioso e continuou a

galopar, mas Jerry Grande ficou ao lado do carroção.

Parecia índio. Era alto e forte, mas sem ponta de gordura, e tinha o seu rosto magro acastanhado. A sua camisa era de um vermelho flamejante e o cabelo preto e escorrido caía-lhe para os zigomas salientes, enquanto cavalgava, pois não usava chapéu. E o seu cavalo, branco como a neve, não tinha sela nem rédeas. O cavalo era livre, podia ir para onde quisesse, e queria ir com Jerry Grande aonde quer que este desejasse. O cavalo e o homem movimentavam-se como se fossem um só.

Permaneceram ao lado do carroção apenas um momento. Depois afastaram-se num belo e suave galope para um pequeno vale, do qual emergiram de novo como se fossem direitos ao ofuscante sol redondo, no horizonte longínquo. A flamejante camisa vermelha e o cavalo branco desapareceram na forte luz dourada.

Laura respirou fundo.

- Oh, Maria! - exclamou. - O cavalo branco de neve e o homem alto e moreno, com um cabelo tão preto e uma camisa tão vermelha! A pradaria castanha a toda a volta e eles a cavalgarem para o Sol mesmo quando ele se afundava no ocaso! Cavalgarão no Sol, à volta do mundo!

Maria pensou um momento, antes de dizer:

- Laura, sabes que ele não podia cavalgar para o Sol. Cavalga no chão, como toda a gente.

Mas Laura não achou que tivesse mentido. O que dissera era verdade. Não sabia porquê, mas aquele momento em que o belo cavalo livre e o homem selvagem mergulharam no Sol duraria eternamente.

A mãe receava que o outro homem estivesse emboscado, para os roubar, mas o pai tranquilizou-a:

-Não te preocupes! O Jerry Grande foi à frente para o encontrar e ficar com ele até chegarmos ao acampamento. O Jerry encarregar-se-á de evitar que alguém nos moleste.

A mãe olhou para trás, para ver se as filhas estavam bem, e aconchegou Graça no colo. Não disse nada, porque nada do que pudesse dizer faria alguma diferença. Mas Laura sabia que a mãe nunca quisera sair de Plum Creek e não gostava de se encontrar ali, onde estavam. Não gostava de

viajar naquela região erma com a noite a aproximar-se e homens como os que passaram a cavalgar na Pradaria. Do céu a esbater-se vinham chamamentos selvagens de aves.

47

Eram cada vez em maior número as linhas escuras que riscavam o ar azul-claro, por cima deles - formações perfeitas de patos selvagens e compridas cunhas de gansos selvagens. Os que voavam na frente chamavam os bandos que os seguiam e cada ave respondia por seu turno. Todo o céu vibrava. «Honk? Honk! Honk!» «Quank? Quank! Quank!»

- Estão a voar baixo - disse o pai. - Prepararam-se para pousar e passar a noite nos lagos.

Havia lagos, em frente. Uma fina linha prateada mesmo, mesmo à beirinha do céu era o lago da Prata e as cintilações que se viam a sul dele eram os lagos Gémeos, Henry e Thompson. Um pontinho escuro, entre eles, era a Árvore Solitária. O pai disse que era um grande choupo-do-canadá, a única árvore existente entre o Grande Rio Sioux e o rio Jim. Erguia-se numa pequena elevação de terreno que não tinha mais largura do que uma estrada, entre os lagos Gémeos, e tornara-se grande porque as suas raízes chegavam à água.

- Arranjaremos algumas sementes dela para pôr na nossa terra - disse o pai. - O lago Spirit não se vê daqui; fica quinze quilómetros a noroeste do lago da Prata. Estás a ver que rica região de caça esta é, Carolina? Abundância de água e bom solo para alimentar aves selvagens.

- Sim, Charles, estou a ver - respondeu a mãe.

O Sol pôs-se. Transformado numa bola de luz líquida e latejante, desapareceu em nuvens escarlates e prateadas. Ergueram-se no oriente frias sombras purpúreas que alastraram lentamente através da pradaria e depois se transformaram em alturas e alturas de trevas, das quais as estrelas pendiam, baixas e brilhantes.

O vento, que durante todo o dia soprara com força, amainou com o desaparecer do Sol e passou a murmurar entre a erva alta. A terra parecia estar deitada, a respirar suavemente, sob a noite estival.

O pai continuou a conduzir debaixo das estrelas. Os cascos dos cavalos batiam suavemente no solo ervoso. Muito, muito ao longe algumas luzinhas minúsculas furavam a escuridão. Eram as luzes do acampamento do lago da Prata.

- Não preciso de ver a trilha nos próximos treze quilómetros - disse o pai à mãe. - Basta um homem conduzir sempre na direcção das luzes. Entre nós e o acampamento não há nada de permeio, a não ser pradaria plana e ar.

Laura estava cansada e tinha frio. As luzes estavam muito longe. No fim de contas, até podiam ser estrelas. A noite toda era uma cintilação de estrelas. Por cima deles, baixas e por todos os lados,

48 - 49

cintilavam grandes estrelas que pareciam fazer desenhos no escuro. A erva alta roçagava contra as rodas em movimento, roçagava, roçagava sem parar contra as rodas que também não paravam.

De súbito, Laura abriu os olhos, sobressaltada. Viu uma porta aberta, da qual jorrava luz. Na ofuscação da luz do candeeiro, o tio Henrique aproximava-se, a rir. Aquela devia ser, portanto, a casa do tio Henrique na Floresta Grande, onde Laura fora quando era pequena, pois era lá que o tio Henrique morava.

- Henrique! - exclamou a mãe.

- É uma surpresa, Carolina - disse o pai, todo contente. - Achei melhor não te dizer que o Henrique estava cá.

- Palavra, a surpresa foi tão grande que me tirou a respiração! - exclamou a mãe.

Depois um homem forte riu-se... e era o primo Charley! Tratava-se do rapaz que atormentara o tio Henrique e o pai no campo de aveia e fora picado por milhares de vespas.

- Olá, Meia Canequinha! Olá, Maria! E esta é a bebé Carrie, agora uma menina crescida! Deixaste de ser a bebé, hem? - O primo Charley ajudou-as a descer do carroção, enquanto o tio Henrique pegava em Graça e o pai ajudava a mãe a descer pela roda; depois apareceu a prima Luísa, toda azafamada, a falar e a convidá-los todos a entrar.

A prima Luísa e Charley já eram ambos adultos. Tomavam conta da cabana-cantina e cozinhavam para os homens que trabalhavam no nivelamento. Mas os homens tinham jantado havia muito tempo e estavam todos a dormir no barracão-dormitório. A prima Luísa falou de tudo isso enquanto servia o jantar que mantivera quente no fogão.

Depois do jantar, o tio Henrique acendeu uma lanterna e levou-os à cabana que os homens tinham construído para o pai.

- É toda de madeira nova, Carolina, fresca e limpinha - disse o tio Henrique, a levantar a lanterna para que pudessem ver as paredes de madeira nova e os beliches feitos encostados a elas. De um lado havia um beliche para o pai e para a mãe e do outro dois beliches estreitos, um por cima do outro, para Maria, Laura, Carrie e Graça. As camas já estavam feitas nos beliches; a prima Luísa encarregara-se disso.

Num abrir e fechar de olhos, Laura e Maria ficaram aconchegadas no colchão de palha nova e ruidosa, com o lençol e as mantas Puxados para o nariz, e o pai apagou a lanterna.

50

CAPÍTULO VIII - LAGO DA PRATA.

O Sol ainda não nascera, na manhã seguinte, quando Laura meteu o balde no poço pouco fundo, junto do lago da Prata. Para lá da margem oriental do lago, o céu pálido parecia debruado de faixas carmesim e ouro. O brilho dessas faixas estendia-se à volta da margem sul e brilhava na margem alta, que se erguia da água dos lados leste e norte.

No noroeste ainda persistiam sombras da noite, mas o lago da Prata estendia-se como um lençol de prata na sua moldura de erva alta e bravia. Ouviam-se patos entre a erva densa do lado sudoeste, onde começava o Pântano Grande. Gaivotas voavam, aos gritos, sobre o lago, a bater as asas contra o vento do alvorecer. Um ganso selvagem ergueu-se da água, com um grito vibrante, e uma após outra as aves do seu bando responderam-lhe, levantaram voo e seguiram-no, o grande triângulo de gansos selvagens ergueu-se, com um enorme molho de asas fortes a bater, na majestade do nascer do Sol.

Lanças de luz dourada subiam cada vez mais alto no céu oriental, em que a sua luminosidade tocou na água e se reflectiu nela.

Depois a bola dourada do Sol surgiu por cima do horizonte oriental do mundo.

Laura respirou fundo, demoradamente. Depois encheu o balde, 'apressada, e levou-o a correr para a cabana. A nova cabana erguia-se isolada junto da margem do lago, a sul do aglomerado de cabanas que constituíam o acampamento dos niveladores. Brilhava, amarela, ao sol, era uma casinha

quase perdida no meio da erva, e o seu pequeno telhado descia só para um lado, como se fosse só meio telhado.

- Temos estado à espera da água, Laura - disse a mãe, quando chegou.

51

- Oh, Mãe, o nascer do Sol! Só queria que visse! - exclamou Laura. - Tive de ficar a vê-lo.

Começou apressadamente a ajudar a mãe a preparar o pequeno-almoço e, enquanto trabalhava, foi dizendo como o Sol subia do outro lado do lago da Prata e inundava o céu de cores maravilhosas, enquanto os bandos de gansos selvagens voavam recortados nelas, milhares de patos selvagens quase cobriam a água e gaivotas voavam, a gritar, contra o vento, por cima do lago.

- Eu ouvi - disse Maria. - Era um tal clamor de aves que parecia um manicómio. E agora estou a ver tudo. Tu fazes quadros quando falas, Laura.

A mãe sorriu a Laura, mas disse simplesmente:

- Bem, filhas, temos um dia atarefado à nossa frente - e destinou-lhes o trabalho.

Havia que desentrouxar tudo e arrumar a cabana antes do meio-dia. Os colchões da prima Luísa tinham de ser arejados e devolvidos e os da mãe cheios de palha seca nova. Entretanto, a mãe comprou no armazém da companhia uma quantidade de metros de tecido estampado alegre, para cortinas. Fez uma cortina e penduraram-na atravessada na cabana, a ocultar os beliches. Depois fez outra e penduraram-na entre os beliches, a fim de formar dois quartos: um dela e do pai e outro das filhas. A cabana era tão pequena que as cortinas tocavam nos beliches, mas quando estes ficaram prontos com os colchões de palha e de penas da mãe, e com as mantas, pareceu tudo fresco, bonito e acolhedor.

O espaço à frente da cortina passou a ser a sala de estar. Era muito pequena, com o fogão de cozinhar junto da porta. A mãe e Laura colocaram a mesa de abas encostada à parede lateral, defronte da porta aberta, e puseram do outro lado da sala a cadeira de balanço da mãe e a de Maria. O chão era de terra nua, com altos de raízes de erva obstinadas, mas varreram-no muito bem. O vento fraco entrava pela porta aberta e a cabana do caminho-de-ferro tinha um ar muito agradável e aconchegado.

- Esta é outra espécie de casinha só com meio telhado e sem janela - observou a mãe. Mas o telhado é estanque e nós não precisamos de janela, pois pela porta entra muito ar e muita luz.

Quando chegou para almoçar, o pai ficou satisfeito ao ver tudo tão bem arrumado e arranjado. Deu um beliscãozinho na orelha de Carrie e levantou Graça no ar - não a podia atirar ao ar, debaixo daquele telhado tão pouco alto.

- Onde está a pastora de porcelana, Carolina? - perguntou.

52

- Não desembrolhei a pastora, Charles - respondeu a mãe. - Não vamos ficar a viver aqui, estamos só de passagem, até conseguires o teu lote de terra.

O pai riu-se.

- Disponho de muito tempo para escolher o que mais me agrada! Olha para esta grande pradaria, sem ninguém a não ser os niveladores dos caminhos-de-ferro, que partirão antes de o Inverno chegar. Poderemos escolher o melhor.

- Depois do almoço, a Maria e eu vamos dar um passeio e ver o acampamento, o lago e tudo - disse Laura, ao mesmo tempo que pegava no balde e ia, em cabelo, buscar água fresca ao poço, para o almoço. O vento soprava, constante e forte. Não havia nem uma nuvem no céu imenso e numa grande distância, na vasta planura, só se via luz trémula passar sobre a erva. E o vento trazia o som de muitas vozes de homens, a cantar. As parelhas estavam a chegar ao acampamento. Os cavalos vinham lado a lado pela pradaria, numa fila comprida, escura e serpenteante, e os homens caminhavam de cabeça e braços nus, tismados do sol e de camisas às riscas azuis e brancas, cinzentas ou simplesmente azuis, todos a cantar a mesma cantiga.

Pareciam um pequeno exército a atravessar a terra imensa, debaixo do céu vasto e deserto, e a cantiga era a sua bandeira,

Laura parou, batida pelo vento forte, a olhar e a escutar, até o fim da coluna se reunir à multidão que alastrava à volta das cabanas baixas e a cantiga se confundir com o som vago das suas vozes fortes. Depois lembrou-se do balde que tinha na mão. Encheu-o no poço o mais depressa que pôde e regressou a correr, a entornar água pelas pernas nuas abaixo.

- Tive... de ver... as parelhas chegar ao campo - explicou, ofegante. - São tantas, Pá! E os homens todos a cantar!

- Recupera o fôlego, traquininhas! - disse o pai, a rir. - Cinquenta parelhas e setenta e cinco ou oitenta homens constituem apenas um pequeno acampamento. Devias ter visto o acampamento de Stebbins, a oeste daqui! Duzentos homens e parelhas a condizer.

- Charles - disse a mãe.

Geralmente toda a gente sabia o que a mãe pretendia quando dizia, no seu modo sereno: «Charles.» Mas desta vez Laura, Carrie e o Pai olharam-na, curiosos. A mãe abanou só um bocadinho a cabeça ao pai, mais nada.

Então o pai olhou bem para Laura e disse:

- Afastem-se do acampamento. Quando forem passear, não se aproximem dos lugares onde estiverem homens a trabalhar e não se esqueçam de voltar sempre aqui antes de eles virem para passar a noite. Há toda a espécie de homens grosseiros a trabalhar no caminho-de-ferro, e a usar linguagem imprópria, e quanto menos os virem e ouvirem, tanto melhor. Não te esqueças, Laura. E tu também, Carrie - frisou o pai, com uma cara muito séria.

- Sim, Pá - prometeu Laura, e Carrie repetiu, quase num murmúrio:

- Sim, Pá.

Os olhos de Carrie estavam muito abertos e assustados. Não queria ouvir linguagem imprópria, embora não soubesse bem o que isso era. Laura teria gostado de ouvir alguma, ao menos uma vez, mas, claro, tinha de obedecer ao pai.

Por isso, quando nessa tarde saíram para passear, mantiveram-se afastadas das cabanas. Partiram ao longo da margem do lago, na direcção do Pântano Grande.

O lago ficava à sua esquerda, a luzir ao sol. À medida que o vento soprava na água azul, pequenas ondas prateadas subiam e desciam e desfaziavam-se na margem. Esta era baixa, mas firme e seca, com erva curta até à beira-d'água. Através do lago cintilante, Laura via a margem oriental e a margem sul, que subiam até à sua altura. Um pequeno pântano desembocava no lago, vindo do nordeste, e o Pântano Grande seguia para sudoeste, numa extensa curva de erva alta e bravia. Sentiam a erva quente e macia nos pés. O vento batia-lhes nas saias, que lhas comprimia contra as pernas nuas, e despenteava Laura. Maria e Carrie tinham as toucas bem apertadas debaixo do queixo, mas a de Laura estava caída, suspensa pelas fitas. Milhões de roçagantes folhas de erva produziam um som murmurante e milhares de patos e gansos selvagens, garças, grous e pelicanos

tagarelavam viva e ruidosamente no vento.

Todas aquelas aves se alimentavam entre a erva dos pântanos. Levantavam voo, a bater as asas, e pousavam de novo, a gritar novidades umas às outras, a conversar entre a erva e a comer azafamadamente raízes, tenras plantas aquáticas e peixinhos.

A margem do lago tornava-se cada vez mais baixa na direcção do Pântano Grande, até não haver, realmente, margem nenhuma. O lago fundia-se com o pântano e formava pequenos charcos rodeados pela erva áspera e viçosa do pântano, que se erguia a metro e meio e um metro e oitenta de altura. Brilhavam pequenas poças entre a erva e na água abundavam as aves selvagens.

À medida que Laura e Carrie avançavam através da erva do pântano, asas ríspidas batiam subitamente e olhos redondos cintilavam. Todo o ar explodia numa confusão de grasnidos, cuás e quonks. Com as patas espalmadas esticadas debaixo da cauda, patos e gansos passavam velozmente sobre a erva e descreviam uma curva para descenderem para o charco seguinte. Laura e Carrie estavam imóveis. A erva do pântano, de hastes ásperas, erguia-se acima das suas cabeças e produzia um som áspero, ao vento. Os seus pés descalços mergulhavam lentamente no lodo.

- Oh, o chão é todo mole! - exclamou Maria, e virou-se muito depressa para trás, pois não gostava de ter lama nos pés.

- Volta para trás, Carrie! - gritou Laura. - Ainda te afundas! O lago está aqui, entre a erva!

A lama macia e fria parecia aspirar-lhe os pés, à volta dos tornozelos, e à sua frente brilhavam charcozinhos entre a erva alta. Desejava avançar mais e mais pelo pântano, entre as aves selvagens, mas não podia deixar Maria e Carrie. Por isso, voltou com elas para trás, para a pradaria mais dura e mais alta, onde a erva lhe chegava à cintura, agitada e dobrada pelo vento, e cresciam manchas de erva-búfalo, curta e anelada.

Apanharam lírios tigrados, de um vermelho flamejante, ao longo da beira do pântano e em terreno mais alto colheram longos caules bifurcados de vagens cor de púrpura. Gafanhotos levantavam voo, em chusma, diante dos seus pés, na erva, e toda a espécie de passarinhos pequenos esvoaçavam, piavam e equilibravam-se nos caules da erva alta e dobrada pelo vento. Por toda a parte se viam galinhas da pradaria, às corridinhas.

- Oh, que bela pradaria selvagem! - exclamou Maria, feliz. Laura, tens a touca na cabeça?

Com ar culpado, Laura puxou a touca, que pendia pelas fitas. -Tenho, sim, Maria. Maria riu-se.

- Puseste-a mesmo agora, que eu ouvi-te!

A tarde findava quando regressaram. A pequena cabana, com o telhado inclinado só para um lado erguia-se isolada e minúscula, na Joeira do lago da Prata. No portal, pequenina devido à distância, a mãe protegia os olhos com a palma da mão e olhava, a ver se as via. Acenaram-lhe.

Viam todo o acampamento, a estender-se ao longo da margem do lago, a norte da casa. Primeiro ficava o armazém onde o pai trabalhava, com o grande depósito de forragens atrás. Seguia-se o estábulo para as parelhas de trabalho.

54 - 55

Fora construído numa lomba da pradaria e o seu telhado era de erva do pântano. Para lá dele ficava o barracão-dormitório, comprido e baixo, onde os homens dormiam, e mais longe ainda ficava a comprida barraca-cantina da prima Luísa, com o fumo do jantar já a subir da chaminé. Foi então que, pela primeira vez, Laura viu uma casa, uma casa verdadeira, isolada na margem norte do lago.

- Que poderá ser aquela casa e quem lá morará? - perguntou. - Não é nenhuma reserva, porque não tem estábulo nem nenhuma terra lavrada. Dissera a Maria tudo quanto vira e a irmã exclamou:
- Que lugar tão bonito, com as cabanas limpas e novas, a erva e a água! Não vale a pena ficares a pensar na casa; podemos perguntar ao pai o que é. Vem aí outro bando de patos selvagens.
Bandos e bandos de patos e de gansos selvagens desciam do céu e preparavam-se para passar a noite no lago. E os homens também faziam muito barulho, ao regressarem do trabalho. De novo à porta da cabana, a mãe esperou que elas chegassem, batidas pelo vento e cheias de ar fresco e sol, com os seus braços de lírios tigrados e vagens cor de púrpura. Depois Carrie pôs o grande ramo num jarro de água, enquanto Laura punha a mesa para o jantar. Maria sentou-se na cadeira de balanço com Graça ao colo e falou-lhe dos patos que grasnavam no Pântano Grande e dos enormes bandos de gansos selvagens que iam dormir no lago.

56

CAPÍTULO IX - LADRÕES DE CAVALOS.

Uma noite, ao jantar, o pai quase não falou. Limitou-se a responder ao que lhe perguntavam. Por fim, a mãe perguntou-lhe:

- Não te sentes bem, Charles?
- Estou bem, Carolina.
- Então que se passa?
- Nada - respondeu o pai. - Nada com que valha a pena preocupares-te.

Enfim, os rapazes foram avisados para estarem atentos a ladrões de cavalos, esta noite.

- Isso é assunto do Hi - disse a mãe. - Espero que o deixes resolvê-lo.

- Não te preocupes, Carolina.

Laura e Carrie entreolharam-se e depois olharam para a mãe. Passados momentos, a mãe insistiu, brandamente:

- Gostaria que desabafasses, Charles.
- O Jerry Grande esteve no acampamento - contou o pai.

Esteve cá uma semana e agora foi-se embora. Os rapazes dizem que ele está metido com a quadrilha de ladrões de cavalos. Afirmam que todas as vezes que o Jerry Grande visita um acampamento, os melhores cavalos são roubados depois de ele se ir embora. Pensam que fica apenas o tempo suficiente para escolher as melhores parelhas e ver em que baías se encontram, e depois volta à noite com a quadrilha e leva-as, a coberto da escuridão.

- Sempre ouvi dizer que não se pode confiar num mestiço -? disse a mãe, que não gostava de índios, nem sequer, de meios-índios.

- Teríamos sido todos escalpados, no rio Verdigris, se não fosse um índio puro - lembrou-lhe o pai.

- Não teríamos corrido sequer o risco de ser escalpados se não fossem aqueles selvagens a berrar, com peles frescas de esquilo suspensas da cintura - e a mãe emitiu um som inspirado pela recordação do cheiro das ditas peles.

- Não creio que o Jerry roube cavalos - disse o pai, mas Laura pensou que ele o dizia como se esperasse que o facto de o dizer bastasse para que fosse verdade. - O problema, o verdadeiro problema, é que vem ao acampamento depois do dia de pagamento e ganha ao póquer o dinheiro todo dos rapazes. É por isso que alguns deles teriam prazer em dar-lhe um tiro.

- Admira-me que o Hi permita isso - disse a mãe. - Se há uma coisa tão má como beber, é jogar.

- Eles não são obrigados a jogar se não quiserem, Carolina. Se o Jerry lhes ganha o dinheiro, a culpa é deles próprios. Nunca existiu homem de coração mais bondoso do que o Jerry Grande. Era capaz de dar a camisa do corpo. Basta ver como toma conta do velho Johnny.

- Isso é verdade - admitiu a mãe.

O velho Johnny era o aguadeiro. Era um velho irlandês pequeno, enrugado e curvado, que trabalhara toda a vida nos caminhos-de-ferro e agora estava velho de mais para isso. Por esse motivo, a companhia dera-lhe o trabalho de levar água aos homens.

Todas as manhãs, e novamente depois do almoço, o velho Johnny ia ao poço encher os seus dois grandes baldes de madeira-Depois atravessava a canga de madeira nos ombros, inclinava-se e suspendia os baldes de dois ganchos que pendiam de correntes curtas, em cada extremidade da canga.

Endireitava-se então com um gemido, as correntes levantavam os pesados baldes do chão e Johnny imobilizava-os com as mãos, enquanto lhes suportava o peso com os ombros. E lá ia, em passinhos curtos e rígidos, debaixo da carga. Cada balde de água tinha a sua concha de folha. Quando chegava aos homens que trabalhavam no aterro, Johnny trotava ao longo da linha de trabalho, para que os homens sequiosos pudessem beber sem parar de trabalhar.

Johnny era tão velho que estava mirrado e curvado. O seu rosto era um emaranhado de rugas, mas os seus olhos azuis brilhavam alegremente e ele trotava sempre o mais depressa que podia, para que nenhum sequioso tivesse de esperar para matar a sede.

Uma manhã, antes do pequeno-almoço, Jerry Grande aparecera à porta e dissera à mãe que o velho Johnny passara a noite toda agoniado.

- Ele é tão fraco e tão velho, minha senhora! - exclamara Jerry Grande. - As refeições da cantina não lhe caem bem. Importa-se de lhe dar um púcaro de chá quente e qualquer coisa para o pequeno-almoço?

A mãe pusera num prato diversos dos seus biscoitos quentes e leves e colocara ao lado um bolo frito de batata esmagada e uma fatia de carne de porco salgada bem frita. Em seguida enchera um baldezinho de chá quente e dera tudo a Jerry Grande.

Depois do pequeno-almoço o pai fora ao dormitório ver o velho Johnny e, mais tarde, dissera à mãe que Jerry Grande tratara dele a noite inteira. Johnny dissera que Jerry até o tapara com o seu próprio cobertor, para o manter quente, e passara a noite sem se tapar, apesar do frio.

- Não poderia tratar melhor do seu próprio pai do que tratou do velho Johnny - afirmou o pai. - E já agora, Carolina, não faço ideia do que nós próprios lhe devemos.

Lembraram-se todos como Jerry Grande surgira da pradaria no seu cavalo branco, quando o desconhecido os seguia, ao pôr do Sol.

- Bem - disse o pai, a levantar-se muito devagar -, tenho de ir vender aos rapazes munições para as suas armas. Só desejo que o Jerry não venha ao acampamento esta noite. Se ele aparecer para ver como o velho Johnny está e for ao estábulo deixar o cavalo, abatem-no a tiro.

- Oh, não, Charles! Com certeza não fazem isso! - exclamou a mãe.

O pai pôs o chapéu e disse:

- O que tem falado mais já matou um homem. Teve sorte, pois alegou que o fizera em defesa própria, mas mesmo assim cumpriu Pena na prisão estadual. E o Jerry Grande «limpou-o» no último dia de pagamento. Não tem a hombridade de o enfrentar cara a cara, mas se tiver oportunidade não deixará de lhe meter uma bala no corpo.

O pai foi para o armazém e a mãe começou a levantar a mesa, muito séria. Enquanto lavava a louça, Laura pensava em Jerry Grande no seu cavalo branco. Vira-os muitas vezes, a galopar na pradaria. Jerry Grande usava sempre uma berrante camisa encarnada, andava sempre em cabelo e o seu cavalo branco nunca trazia arreios.

A noite estava escura quando o pai regressou do armazém. Disse que meia dúzia de homens estavam emboscados à volta do estábulo, à espera, com as armas carregadas.

Eram horas de dormir. Não se via uma luz no acampamento. As cabanas às escuras, acachapadas na terra, quase não se viam; só quem sabia onde se encontravam as distinguia, mais escuras do que a escuridão da noite. Brilhava um pouco de luz das estrelas sobre o lago da Prata, a toda a volta do qual se estendia a pradaria negra, plana sob o veludo verde do céu recamado de estrelas. O vento murmurava, frio, nas trevas e a erva agitava-se, como se tivesse medo. Laura olhou, à escuta, e regressou, a tremer, à cabana.

Graça dormia atrás da cortina e a mãe ajudava Maria e Carrie a deitarem-se. O pai pendurara o chapéu e estava sentado no banco, mas não descalçara as botas. Levantou a cabeça quando Laura entrou e depois levantou-se e vestiu o sobretudo. Abotoou-o todo e levantou a gola, para que não se visse a camisa cinzenta. Laura não disse uma palavra. O pai pôs o chapéu.

- Não fiques levantada à minha espera, Carolina - recomendou, em tom despreocupado.

A mãe veio de trás da cortina, mas o pai já tinha saído. Foi à porta e olhou. A escuridão engolira-o. Passados instantes, a mãe voltou-se para dentro e disse:

- São horas de dormir, Laura.

- Por favor, Ma, deixe-me ficar também a pé - pediu Laura.

- Creio que não me vou deitar, pelo menos já - disse a mãe. - Não tenho sono. Não vale a pena ir para a cama quando não temos sono.

- Eu não tenho sono, Ma.

A mãe baixou a luz e depois apagou-a. Sentou-se na cadeira de balanço de noqueira que o pai fizera para ela, no Território índio. Os pés descalços de Laura atravessaram silenciosamente a sala e ela sentou-se ao pé da mãe.

Ficaram sentadas às escuras, a escutar. Laura ouvia um zumbidozinho muito fraco, nos ouvidos, um zumbido que era como se se ouvisse a si própria a escutar. Ouvia também a respiração da mãe, o respirar lento de Graça, que dormia, e o respirar mais acelerado de Maria e Carrie, que estavam acordadas atrás da cortina. A própria cortina produzia um som muito leve, agitada pelo ar que entrava pela porta aberta. No exterior via-se um rectângulo de céu e estrelas sobre o horizonte distante da terra escura.

O vento suspirava, a erva roçagava e ouvia-se o som fraco e incessante de pequenas ondas a lamberem a margem do lago.

Um grito vibrante, no escuro, percorreu o corpo todo de Laura, que quase gritou. Fora apenas um ganso selvagem, perdido do seu bando. Responderam-lhe do pântano outros gansos e seguiu-se um grasnar de patos ensonados.

- Ma, deixe-me sair e ir procurar o pai - murmurou Laura.

- Está quieta - ordenou a mãe. - Não poderias encontrar o pai, nem ele quer que o encontres. Está quieta e calada e deixa o pai tomar conta de si próprio.

- Quero fazer alguma coisa. Preferia fazer alguma coisa - insistiu Laura.

- Também eu. - Às escuras, a mão da mãe começou a afagar suavemente a cabeça de Laura. - O sol e o vento estão a secar-te o cabelo, Laura.

Deves escová-lo mais. Deves dar-lhe cem escovadelas todas as noites, antes de te deitares.

- Sim, mãe - murmurou Laura.

- Eu tinha um lindo cabelo comprido quando casei com o teu pai. As tranças eram tão grandes que me podia sentar nelas.

Não disse mais nada. Continuou a afagar o cabelo de Laura enquanto escutavam, à espera de ouvirem o som de tiros.

Junto da ombreira escura da porta via-se brilhar uma grande estrela, que se foi deslocando com o passar do tempo. Lentamente, moveu-se de leste para oeste e, mais lentamente ainda, as estrelas mais pequenas acompanharam-na, a girar à sua volta.

De súbito, Laura e a mãe ouviram passos e, num instante, as estrelas deixaram de se ver. O pai estava à porta. Laura levantou-se de um pulo, mas a mãe ficou inerte na cadeira.

- Levantada, Carolina? - perguntou o pai. - Não era necessário. Está tudo bem.

- Como sabe, pai? - perguntou Laura. - Como sabe que o Jerry Grande...

- Não te preocupes, traquininhas! - interrompeu-a o pai, alegremente. -

Não há novidade com o Jerry Grande, ele não virá esta noite ao acampamento. Não me surpreenderia, no entanto, se aparecesse de manhã, no seu cavalo branco. Agora vai para a cama.

60 - 61

Precisamos de dormir tudo quanto pudermos antes de nascer o Sol. A gargalhada sonora do pai soou como um toque de sinos. - Amanhã vamos ter um grupo de homens muito ensonados a trabalhar no nivelamento!

Enquanto Laura se despiá atrás da cortina e o pai descalçava as botas do outro lado da mesma, ouviu-o dizer à mãe, em voz baixa.

- O melhor de tudo, Carolina, é que nunca será roubado um cavalo sequer do acampamento do lago da Prata.

Efectivamente, na manhã seguinte, Laura viu Jerry Grande passar pela cabana no seu cavalo branco. Saudou o pai, que estava no armazém, e acenou-lhe. Depois ele e o seu cavalo branco afastaram-se a galope, na direcção do lugar onde os homens estavam a trabalhar.

Nunca foi roubado um único cavalo no acampamento do lago da Prata.

62

CAPÍTULO X - A TARDE MARAVILHOSA.

Todas as manhãs, muito cedo, enquanto lavava a louça do pequeno-almoço, Laura podia olhar pela porta aberta e ver os homens sair da barraca-cantina e dirigirem-se para o estábulo, a fim de irem buscar os seus cavalos. Depois ouvia-se um barulho de arreios e uma confusão de palavras e gritos e os homens e as parelhas seguiam para o trabalho, deixando o silêncio atrás de si.

Os dias iam passando, um igual ao outro. Às segundas-feiras, Laura ajudava a mãe na barrela e a levar para casa a roupa lavada e perfumada, que secava rapidamente ao vento e ao sol. Às terças-feiras, borrifava a roupa e ajudava a mãe a passá-la a ferro. Às quartas-feiras, fazia a sua tarefa de remendar e costurar, embora não gostasse. Maria estava a aprender a coser sem ver. Os seus dedos sensitivos permitiam-lhe embainhar muito bem e era capaz de coser uns aos outros retalhos de cobertas, se lhe dispusessem as cores.

Ao meio-dia, o acampamento voltava a ficar ruidoso, com o regresso dos homens e das parselhas para o almoço. A essa hora o pai vinha do armazém e comiam na pequena cabana, com o vento a soprar e a vasta pradaria fora da porta. Suavemente colorida de todos os tons de castanho-escuro até ao avermelhado e ao fulvo, a pradaria ondulava suavemente até ao horizonte distante. O vento tornava-se mais frio ao anoitecer, era cada vez maior o número de aves selvagens que voavam para sul e o pai dizia que o Inverno não tardaria. Mas Laura não pensava no Inverno. Queria saber onde os homens estavam a trabalhar e como faziam o aterro para a via férrea. Eles partiam todas as manhãs e regressavam sempre ao meio-dia e à noite, mas do trabalho propriamente dito ela só via uma mancha de poeira que subia da fulva pradaria, a oeste. Queria ver os homens a construir o caminho-de-ferro.

63

Um dia, a tia Dócia mudou-se para o acampamento e trouxe duas vacas. - Trouxe o nosso leite comigo, Charles - disse. - É a única maneira de arranjar algum aqui, onde não há agricultores. Uma das vacas era para o pai. Era uma vaca bonita, de um vermelho lustroso, chamada Ellen. O pai desatou-a das traseiras do carroção da tia Dócia e estendeu a corda a Laura: - Toma, Laura. Já tens idade para tomar conta dela. Leva-a para um sítio onde a erva seja boa e não te esqueças de cravar bem a estaca, e firmemente. Laura e Lena puseram as vacas não muito longe uma da outra, em boa erva. Encontravam-se todas as manhãs e todas as tardes para tratarem delas. Levavam-nas a beber ao lago, mudavam as estacas de lugar, para erva fresca, e depois ordenhavam-nas. E enquanto as ordenhavam cantavam. Lena sabia muitas cantigas novas e Laura aprendeu-as depressa. Cantavam juntas, enquanto o leite esguichava para os baldes areados:

Uma vida na onda oceânica,
Uma casa no fundo ondulado,
Os sapinhos agitam a cauda
E as lágrimas rolam-lhes pela cara.

Às vezes, Lena cantava docemente, e Laura também:

Com um lavrador não casaria,
Pois anda na terra sempre a mexer.
Casar com um ferroviário preferiria,
De camisa às riscas, como deve ser.

Mas Laura gostava mais das valsas. Adorava a canção da vassoura, apesar de terem de dizer «vassoura» muitas vezes, para acertar a música:

Compre uma vassou-oura, uma vassou-oura!
Compre uma vassoura, compre uma vassoura!
Compra a este bávaro errante uma vassoura?
Os insectos varrerá
Que venham incomodá-la
E muito útil a achará
Seja de dia ou de noite que tenha de usá-la!

As vacas ficavam quietas, a ruminar, como se ouvissem as cantigas enquanto as ordenhavam.

Depois, com os baldes de leite morno e de odor doce, Laura e Lena regressavam a casa. De manhã, os homens estavam a sair do dormitório, a lavar-se nas bacias de água que se encontravam no banco junto da porta e a pentear-se. E o Sol nascia sobre o lago de Prata.

Ao anoitecer, o céu incendiava-se de vermelho, púrpura e ouro, o Sol pusera-se e as parelhas e os homens regressavam, escuros, ao longo do caminho poeirento que os seus passos abriram na pradaria, e cantavam. Então, muito depressa, Lena ia para a cabana da tia Dócia e Laura para a da mãe, pois tinham de coar o leite antes de a nata começar a subir e de ajudar a fazer o jantar.

Lena tinha tanto que fazer, a ajudar a tia Dócia e a prima Luísa, que lhe não sobrava tempo nenhum para brincar. E a Laura, embora não trabalhasse tanto, também lhe não mordida a pulga. Por isso, quase nunca se encontravam, a não ser às horas da ordenha.

- Sabes o que eu faria se o meu pai não tivesse posto os nossos póneis pretos a trabalhar no aterro? - perguntou Lena, uma noite.

- Não. Que farias? - indagou Laura por seu turno.

- Bem, se conseguisse escapar-me, e se tivéssemos os póneis, iríamos ver os homens trabalhar - respondeu Lena. - Não querias?

- Queria, sim. - Laura não precisou de decidir se desobedeceria ou não ao pai, pois de qualquer maneira não poderiam ir.

Inesperadamente, um dia, ao almoço, o pai pousou a chávena do chá, limpou o bigode e disse:

- Fazes demasiadas perguntas, traquininhas. Aí pelas duas horas, põe a tua touca e passa pelo armazém. Levo-te lá e deixo-te ver com os teus olhos.

- Oh, Pá! - exclamou Laura.

- Então, Laura, não fiques tão agitada - admoestou a mãe, serenamente.

Laura sabia que não devia gritar. Por isso, esforçou-se por manter a voz baixa, ao perguntar:

- Pá, a Lena também pode ir?

- Resolvemos isso depois - disse a mãe.

Depois de o pai ter voltado para o armazém, a mãe falou muito friamente com Laura. Disse querer que as suas filhas soubessem comportar-se, falar decentemente em voz baixa, ter boas maneiras e Serem sempre umas senhoras. Viveram sempre em lugares selvagens,

64 - 65

tirando algum tempo em Plum Creek, e agora estavam num improvisado acampamento ferroviário e tão cedo aquela região não seria ci vilizada. Até lá, a mãe achava melhor não se darem com ninguém. Queria que Laura se afastasse do acampamento e não travasse conhecimento com nenhum dos homens grosseiros que lá trabalhavam. Estaria bem ir sossegadamente com o pai ver os trabalhos, só desta vez, mas devia comportar-se bem e lembrar-se que uma senhora nunca fazia nada que pudesse atrair as atenções.

- Sim, Ma - respondeu Laura.

- E outra coisa: não quero que leves a Lena - prosseguiu a mãe. - A Lena é boa rapariga e trabalhadeira, mas é turbulenta e a tia Dócia não soube vergá-la tanto como deveria. Se queres ir ver esses homens rudes trabalhar na terra, então vai sossegadamente com o teu pai, volta do mesmo modo e não se fala mais disso.

- Sim, Ma. Mas...

- Mas o quê, Laura?

- Nada.

- Não compreendo porque queres ir - confessou Maria, admirada. - É muito mais agradável ficar aqui, em casa, ou dar um pequeno passeio pelo lago.

- Mas eu quero ir, pronto. Quero vê-los construir uma via férrea - respondeu Laura.

Pôs a touca, quando saiu, e decidiu que a manteria na cabeça. O pai estava sozinho no armazém. Pôs o chapéu de abas largas, fechou a porta a cadeado e meteram-se os dois à pradaria. Àquela hora, quando não havia sombras, a pradaria parecia plana, mas não era. Em poucos minutos os seus altos e baixos ocultavam as cabanas e não se via nada além da trilha poeirenta da estrada e do aterro da via férrea, ao lado. Contra o céu, em frente, erguia-se a mancha de poeira que o vento levava.

O pai agarrou o chapéu e Laura inclinou a cabeça, com o vento a fustigar-lhe a touca, e caminharam os dois durante algum tempo. Por fim, o pai parou e disse:

- Cá estás, Meia Canequinha.

Encontravam-se no cimo de uma pequena elevação. Diante deles, o aterro terminava bruscamente. À frente, homens com parelhas e arados revolviam a terra na direcção oeste, a desbravar uma larga faixa de pradaria.

- Fazem-no com arados? - perguntou Laura, pois parecia-lhe estranho pensar que homens com arados avançassem naquela região que nunca fora lavrada para construírem uma via férrea.

- E raspadoras - respondeu o pai. - Ora repara, Laura.

Entre os homens que trabalhavam com os arados e o fim brusco do aterro, homens e parelhas andavam lentamente, em círculo, passando pela extremidade do aterro e voltando atrás para atravessarem a faixa arada. As parelhas puxavam pás largas e altas, que eram as raspadoras. Em vez de um cabo de pá comprido, cada raspadora tinha dois cabos curtos. E um meio arco forte, de aço, curvava de um lado da raspadora para o outro. A parelha estava atrelada a essa curva de aço.

Quando um homem e a sua parelha chegavam à terra arada, outro homem agarrava os cabos da raspadora e levantava-os o suficiente para enterrar a ponta redonda da raspadeira na terra solta do solo arado, enquanto a parelha continuava a puxar e a raspadora se enchia de terra. Depois o homem largava os cabos, a raspadora apoiava-se, horizontalmente no chão e os cavalos puxavam-na à volta do círculo e pelo lado do aterro acima. Do lado abrupto do aterro, o homem que conduzia a parelha segurava os cabos da raspadora e inclinava-a numa reviravolta para o lado do aro curvo a que os animais estavam atrelados. Toda a terra era ali despejada, enquanto a parelha puxava a raspadora vazia pelo aterro abaixo e percorria o círculo até à terra arada.

Aí, o outro homem pegava nos cabos e levantava-os o suficiente para enterrar a ponta redonda da pá na terra solta, até a encher de novo. E a parelha voltava a puxá-la à volta do círculo e pelo lado íngreme do aterro acima, onde o outro a despejava outra vez.

Parelha atrás de parelha percorriam o círculo, raspadora atrás de raspadora eram inclinadas e despejadas. As parelhas nunca paravam de andar, as raspadoras nunca paravam de se encher e despejar.

À medida que o solo solto era retirado da terra arada, a curva alargava, de modo que as raspadoras passavam por cima do solo acabado de arar e as parelhas dos arados voltavam para trás e aravam de novo o solo que fora raspado.

- Funciona tudo como um relógio - disse o pai. - Repara, ninguém pára, nem ninguém se apressa.

»Quando uma raspadora se enche, chega outra para a substituir e o homem lá está para agarrar nos cabos e enchê-la. As raspadoras nunca têm de esperar pelos arados e estes só avançam determinada distância antes de voltarem para trás e ararem de novo o solo que foi raspado. Estão a fazer excelente trabalho. Fred é um bom capataz. Fred estava no monte de entulho a ver as parelhas e as raspadoras andar à

volta,

66 - 67

e os arados retrocederem pelo interior do círculo e deixá-lo para avançarem de novo. Observava o despejar das raspadoras e a terra a rolar, e com uma inclinação de cabeça ou uma palavra dizia a cada condutor quando devia despejar a sua raspadora, de modo que o aterro ficasse regular, direito e nivelado.

Para cada seis parelhas havia um homem que se limitava a estar parado a observar. Se uma parelha afrouxava, ele dizia ao condutor e este conduzia mais depressa. Se acontecia o contrário, dizia-o igualmente e o condutor fazia os cavalos andar mais devagar. As parelhas tinham de estar espaçadas regularmente, enquanto andavam à volta do círculo, sobre a terra arada e pelo aterro acima, e depois efectuavam o trajecto inverso. Trinta parelhas e trinta raspadoras, e todas as parelhas duplas e os arados, e todos os condutores e os que seguravam nos cabos das pás, trabalhava tudo sincronizadamente, tudo no seu lugar e a tempo, exactamente como um relógio, como o pai dissera. E quem fazia tudo trabalhar assim era Fred, o capataz, que se encontrava de pé, debaixo de poeira, no aterro da nova via férrea.

Laura nunca se cansaria de ver aquilo. Mas o pai disse que, mais para oeste, havia outras coisas a ver:

- Anda, Meia Canequinha, para veres como fazem uma escavação e um enchimento.

Laura acompanhou o pai ao longo da trilha dos carroções, onde as ervas mortas e esmagadas pareciam feno caído no pó. Mais para oeste, para lá de uma pequena elevação da pradaria, outros homens construíam outra extensão do aterro da via férrea.

Na pequena concavidade a seguir à elevação estavam a fazer um enchimento e, mais adiante, faziam um corte, ou escavação, através de terreno mais elevado.

- Vês, Laura - explicou o pai -, onde o terreno é baixo, fazem o aterro mais alto, e onde ele é alto escavam para fazer o aterro nivelado. O leito de uma via férrea tem de ser o mais nivelado possível, para que os comboios possam andar.

- Porquê, Pá? - perguntou Laura. - Porque não podem os comboios ir pelas elevações da pradaria? - Não havia verdadeiros montes e parecia um desperdício de trabalho duro escavar todas as pequenas elevações e encher todas as pequenas concavidades só para que o leito da via ficasse nivelado.

- Porque assim poupa trabalho, mais tarde. Devias compreender isso sem precisar que to dissesse.

Laura compreendia que uma via nivelada pouparia trabalho a cavalos,

68

mas uma locomotiva era um cavalo de ferro que nunca se cansava.

- Pois não, mas queima carvão - esclareceu o pai. - O carvão tem de ser tirado das minas, e isso é trabalho. Uma máquina queima menos carvão se correr num plano do que se for a subir e a descer. Por isso, agora, poderá exigir mais trabalho e gastar mais dinheiro construir um leito nivelado, mas mais tarde poupar-se-á dinheiro e trabalho que poderão ser úteis para construir outra coisa qualquer.

- O quê, Pá?

- Mais vias férreas. Não me surpreenderia se vivesses numa época em que quase toda a gente andasse de comboio e praticamente não restasse nenhum

carroção.

Laura não conseguia imaginar um país com tantas vias férreas nem tão rico que quase toda a gente pudesse andar de comboio, mas também não se esforçou verdadeiramente por imaginá-lo, pois tinham chegado a uma elevação donde podiam ver os homens a trabalhar na escavação e no enchimento.

Através da elevação da pradaria onde os comboios passariam, um dia, as parelhas com arados e as parelhas com raspadoras estavam a abrir uma vala larga. As parelhas grandes, com os arados, andavam para trás e para diante, enquanto as parelhas com as raspadoras andavam à roda, a arrastar as raspadoras, todas bem sincronizadas umas com as outras.

Mas ali as raspadoras não descreviam um círculo e, sim, uma espécie de gancho estreito e comprido, para o corte e para fora do corte, de um lado, e do outro por cima do depósito de entulho.

O depósito de entulho era uma vala funda no extremo do corte e a ele transversal. Tábuas fortes e grossas escoravam os lados da vala e formavam sobre ela uma plataforma plana. Havia um buraco no meio da plataforma e a terra fora nivelada a boa altura, de cada lado da vala, a fim de formar uma estrada ao nível da plataforma. As parelhas saíam do corte umas atrás das outras, a puxar as raspadoras carregadas. Subiam o aterro até ao cimo da vala de depósito e atravessavam a plataforma. Passavam por cima do buraco, um cavalo de cada lado, enquanto o condutor despejava nele a terra raspada. Continuavam a avançar, desciam o aterro íngreme, davam a volta e regressavam ao corte para encher de novo as raspadoras.

Ao mesmo tempo, um círculo de carroças atravessava a vala, debaixo do buraco da plataforma. Todas as vezes que uma raspadora despejava a sua carga, estava uma carroça debaixo do buraco, para recolher a terra. Cada carroça esperava que lhe fossem despejadas dentro cinco cargas,

69

antes de partir e o seu lugar ser ocupado pela carroça que estava atrás. O círculo de carroças saía da vala e curvava para trás, a fim de subir a extremidade do aterro alto que seguia para o corte. Ao subir o aterro, cada carroça despejava a sua terra e tornava-o mais extenso. As carroças não tinham caixas; eram apenas plataformas de tábuas pesadas. Para despejar a terra, o carroceiro inclinava as pranchas, uma de cada vez. Depois seguia em frente, descia na extremidade do enchimento e reiniciava o círculo sem Fim, através da vala, para carregar de novo.

Soprava poeira dos arados e das raspadoras, assim como da vala e do fundo da elevação. Subia constantemente uma grande nuvem de poeira, por cima dos homens e dos cavalos suados. A cara e os braços dos homens estavam pretos de queimados do sol e do pó, as suas camisas azuis e cinzentas estavam manchadas de suor e poeira e a crina, a cauda e o pêlo dos cavalos estavam cheios de pó que, com o suor, formava uma espécie de pasta lamacenta nos seus flancos.

Continuavam sempre, firme e regularmente, a entrar no corte e a sair dele, enquanto os arados andavam para trás e para diante, descrevendo o círculo debaixo da plataforma, voltando ao extremo do enchimento e passando de novo por baixo da plataforma. O corte tornava-se cada vez mais fundo e o enchimento cada vez mais comprido, enquanto homens e parelhas descreviam os seus círculos juntos, sem nunca pararem.

- Nunca falham! - exclamou Laura, extasiada. - Todas as vezes que uma raspadora despeja, está por baixo uma carroça para receber a terra.

- Isso deve-se ao capataz - explicou o pai. - Ele fá-los marcar o compasso exactamente como se estivessem a tocar uma melodia. Olha para o

capataz e verás como se consegue. É um bom trabalho.

Os capatazes estavam na elevação acima do corte, no extremo do enchimento e ao longo dos círculos. Observavam os homens e as parelhas e faziam-nos mover-se sincronizadamente. Aqui mandavam afrouxar um pouco uma parelha; ali, apressavam outra. Ninguém parava ou esperava. Ninguém chegava atrasado ao seu lugar.

Laura ouviu o capataz gritar, do cimo do corte:

- Rapazes! Andem um bocadinho mais depressa!

- São quase horas de largar e todos eles abrandaram um pouco - observou o pai. - Mas não conseguem enganar um bom capataz.

A tarde passara toda enquanto o pai e Laura viam aqueles círculos andar à roda, a fazer o aterro da via férrea.

70

Eram horas de regressar ao armazém e a casa. Laura lançou a tudo um último e longo olhar e acabou-se.

No caminho, o pai mostrou-lhe os números pintados nas pequenas estacas enterradas no chão, em linha recta, onde a via férrea passaria. As estacas foram enterradas pelos agrimensores e os números indicavam aos niveladores quanto tinham de altear o aterro, nos lugares baixos, e quanto tinham de aprofundar os cortes, nos altos. Os agrimensores mediram e calcularam tudo com exactidão, antes de para ali irem outras pessoas. Primeiro, alguém pensara em fazer uma via férrea. Depois, os agrimensores foram para a região deserta e marcaram e mediram uma via férrea que ainda ali não existia, que tinha sido apenas imaginada por alguém. Em seguida, chegaram os homens do arado, para arrancar a erva da pradaria; os raspadores, para recolherem a terra solta, e os carroceiros com as suas carroças, para a transportarem. E todos eles diziam que estavam a trabalhar no caminho-de-ferro, embora o caminho-de-ferro ainda lá não estivesse. Nada ali estava ainda, Realmente, além de cortes abertos através das elevações da pradaria, extensões de aterros que na verdade não passavam de estreitos e curtos sulcos de terra, todos a apontar para oeste, através da imensa terra relvosa.

- Quando o aterro estiver pronto - disse o pai -, virão os homens das pás manuais e alisarão manualmente os lados do aterro e nivelá-lo-ão na parte de cima.

- E depois colocarão os carris - disse Laura.

- Não andes tão depressa, traquininhas - aconselhou o pai, a rir. - As chulipas terão de ser mandadas para cá e assentes antes de chegar a altura dos carris. Roma não se fez num dia e uma via férrea também não se constrói num dia... nem uma via férrea nem nada

Que valha a pena.

O Sol estava tão baixo que cada ondulação da pradaria começava a ter a sua sombra projectada para leste e do céu imenso e pálido começavam a descer bandos de patos e compridas cunhas de gansos, a caminho do repouso nocturno no lago da Prata. O vento soprava agora sem poeira e Laura deixou a touca cair para as costas, a fim de o poder sentir nas faces e ver toda a enorme pradaria.

Ainda não havia ali nenhum caminho-de-ferro, mas um dia os compridos carris de aço assentariam, direitos, sobre o que foram cortes e enchimentos e os comboios passariam ruidosos e velozes, a lançar fumo e vapor. Os carris e os comboios não estavam ali, mas Laura via-os quase como se estivessem.

71

- Pá, foi isso que fez aparecer o primeiro caminho-de-ferro? - perguntou, de súbito.

- De que estás a falar?

- Há caminhos-de-ferro porque as pessoas pensaram neles primeiro, quando ainda os não havia?

O pai pensou alguns momentos, antes de responder:

- Tens razão. Sim, é isso que faz as coisas acontecer: o facto de as pessoas pensarem primeiro nelas. Se um número suficiente de pessoas pensar numa coisa e trabalhar nela com afinco, creio que é quase certo ela acontecer, se o tempo e o vento o permitirem.

- Que casa é aquela, Pá?

- Qual?

- Aquela, aquela casa a sério - explicou Laura, a apontar. Havia dias que tencionava perguntar ao pai que casa era aquela que se erguia sozinha, isolada, na margem norte do lago, mas esquecera-se sempre.

- É a casa dos agrimensores.

- Eles estão lá, agora?

- Vêm e vão. - Estavam quase a chegar ao armazém e o pai acrescentou: - Agora corre para casa, traquininhas. Tenho coisas a assentar nos livros. Uma vez que já sabes como se faz o aterro de uma via férrea, não te esqueças de contar tudo à Maria.

- Oh, contarei, sim, Pá! - prometeu Laura. - Verei tudo em voz alta para ela, todos os bocadinhos.

Laura fez os possíveis, mas Maria limitou-se a comentar:

- Palavra que não percebo porque preferes ver esses homens grosseiros a trabalhar na terra a ficares aqui, na cabana agradável e limpa. Enquanto estiveste sem fazer nada, acabei outro retalho de manta.

Mas Laura continuava a ver o movimento dos homens e dos cavalos numa sincronização tão perfeita que quase seria capaz de cantar a melodia a que obedeciam.

72 - 73

CAPÍTULO XI - DIA DE PAGAMENTO.

Decorreram duas semanas e agora o pai trabalhava todas as noites depois do jantar no seu escritorzinho, nas traseiras do armazém. Estava a elaborar as folhas de tempo de trabalho.

Contava no livro de ponto todos os dias que cada homem trabalhara e calculava quanto ele ganhara. Depois calculava quanto esse homem devia ao armazém, ao que acrescentava a conta da cantina. Subtraía o total dessas despesas do salário do homem e fazia a sua folha de tempo.

No dia de pagamento, o pai entregava a cada homem a sua folha e o dinheiro que lhe era devido.

Anteriormente, Laura ajudara sempre o pai no seu trabalho. Quando era muito pequena, na Grande Floresta, ajudara-o a fazer as balas para a espingarda; no Território índio, ajudara-o a acabar a casa, e em Plum Creek ajudara-o a tratar dos animais e a colher o feno. Mas agora não o podia ajudar, pois o pai dizia que a companhia dos caminhos-de-ferro não queria que mais ninguém trabalhasse no escritório além dele.

No entanto, sabia sempre o que o pai estava a fazer, pois o armazém ficava bem à vista da porta da cabana e ela via toda a gente que entrava e saía.

Uma manhã, viu uma parelha veloz parar defronte da porta do armazém e um

homem bem vestido sair apressadamente do buggy e entrar no armazém. Outros dois homens ficaram à espera no veículo, a vigiar a porta e a olhar a toda a volta, como se tivessem medo. Pouco depois, o primeiro homem saiu e entrou no buggy. Após mais um olhar em redor, partiram rapidamente. Laura saiu de casa a correr, na direcção do armazém. Tinha a certeza de que acontecera ali alguma coisa.

74

O seu coração batia desabaladamente e quase parou quando viu o pai sair, são e salvo, do armazém.

- Aonde vais, Laura? - perguntara a mãe, e só então Laura lhe respondeu:

- A lado nenhum, Mãe.

O pai entrou em casa e fechou a porta. Tirou da algibeira um saco pesado, de lona.

- Quero que tomes conta disto, Carolina - disse. - É o dinheiro dos homens. Se alguém pretendesse roubá-lo, iria ao escritório.

- Eu tomo conta dele, Charles - respondeu a mãe, ao mesmo tempo que embrulhava o saco num pano limpo e o metia bem fundo na saca da farinha.

- Ninguém se lembraria de o procurar aqui.

- Foi aquele homem que o trouxe, Pá? - perguntou Laura.

- Foi. Era o tesoureiro.

- Os homens que vinham com ele estavam com medo - continuou Laura.

- Oh, eu não diria isso! Estavam apenas a guardar o tesoureiro, para evitar que o roubassem - respondeu o pai, - Ele traz muitos milhares de dólares em dinheiro, para pagar a todos os homens dos acampamentos, e alguém podia tentar deitar-lhes a mão. Mas aqueles homens estavam bem armados e ainda traziam armas no buggy. Não tinham necessidade nenhuma de ter medo.

Quando o pai voltou para o armazém, Laura viu-lhe a coronha do revólver a espreitar da algibeira de trás. Sabia que ele não tinha medo e olhou para a espingarda, por cima da porta, e para a sua caçadeira, a um canto. A mãe sabia manejar armas. Não havia o Perigo de os ladrões se apoderarem do dinheiro.

Nessa noite, Laura acordou muitas vezes e de todas elas ouviu o Pai mexer-se, no beliche do outro lado da cortina. A noite parecia mais escura e cheia de estranhos ruídos, porque o dinheiro estava na saca da farinha. Mas ninguém se lembraria de o procurar aí - e ninguém se lembrou.

De manhã cedo, o pai levou-o para o armazém. Era o dia de pagamento. Depois do pequeno-almoço, os homens reuniram-se todos à volta do armazém e foram entrando um por um. Saíram de novo um por um e pararam em pequenos grupos, a conversar. Nesse dia não trabalhariam; era dia de pagamento.

Ao jantar, o pai disse que tinha de voltar para o escritório.

- Alguns dos homens parecem não compreender por que motivo só receberam duas semanas.

- Porque não lhes pagaram o mês inteiro? - perguntou Laura.

- Compreendes, Laura, fazer todas aquelas folhas de trabalho leva tempo e depois ainda há que mandá-las, e esperar que o tesoureiro traga o dinheiro. Agora pago aos homens até ao dia 15 e daqui a duas semanas pagar-lhes-ei até agora. Alguns não conseguem meter nas cabeças duras que têm de esperar duas semanas pelo pagamento. Queriam ser pagos exactamente até ontem.

- Não te preocupes com isso, Charles - disse a mãe. - Não se pode esperar

que eles compreendam como essas coisas se fazem.

- Mas eles não o culpam a si, pois não, Pá? - perguntou Maria.

- O pior de tudo é isso: não sei, Maria. De qualquer modo, tenho trabalho de escrituração a fazer no escritório.

Pouco depois a louça do jantar estava lavada e a mãe sentou-se a embalar Graça, para a adormecer, e com Carrie aninhada a seu lado. Laura sentou-se ao lado de Maria, à porta, a ver a luz apagar-se da água do lago - a vê-lo em voz alta, para Maria.

- A última luz brilha, pálida, no meio do lago todo liso. A toda a volta, a água está fosca, onde os patos dormem, e para lá dela a terra está escura. As estrelas começam a piscar no céu cinzento. O pai acendeu o candeeiro. Vê-se o seu brilho amarelo nas traseiras do armazém às escuras. - Ma! - chamou, de súbito. - Há um grande grupo de homens... olhe!

Os homens reuniam-se à volta do armazém. Não diziam nada e nem sequer se ouvia o ruído dos seus pés, na erva. Mas a sua massa escura tornava-se rapidamente maior.

A mãe levantou-se muito depressa e deitou Graça na cama. Depois olhou por cima da cabeça de Laura e Maria e disse, baixinho:

- Venham para dentro, filhas.

Quando elas obedeceram, fechou a porta, deixando apenas uma frestazinha, pela qual continuou a olhar.

Maria sentou-se na cadeira com Carrie, mas Laura espreitou por baixo do braço da mãe. A multidão estava cerrada à volta do armazém. Dois homens subiram o degrau e bateram à porta.

O grupo de homens estava silencioso. Todo o crepúsculo ficou um momento silencioso.

Depois os homens bateram de novo à porta e um deles gritou:

- Abra a porta, Ingalls!

A porta abriu-se e o pai apareceu, à luz do candeeiro. Fechou a porta atrás dele e os dois homens que bateram voltaram a juntar-se ao grupo. O pai ficou no degrau, com as mãos nas algibeiras.

- Então, rapazes, que temos? - perguntou.

- Queremos ser pagos - respondeu-lhe uma voz, do grupo. E outras vozes gritaram:

- Pagos na totalidade! Passe para cá as duas semanas que guardou! Vamos receber o nosso dinheiro!

- Receberão daqui a duas semanas, tão depressa quanto eu tenha as folhas de tempo de trabalho feitas - respondeu o pai.

As vozes gritaram de novo:

- Queremos agora! Deixe-se de ganhar tempo! Vamos receber agora!

- Não posso pagar-lhes agora, rapazes - explicou o pai. - Só terei dinheiro para lhes pagar quando o tesoureiro voltar.

- Abra o armazém! - gritou alguém, e tanto bastou para que todos gritassem: - Isso! Isso estará bem! Abra o armazém! Abra o armazém!

- Não, rapazes, não abro - respondeu o pai, serenamente. - Voltem amanhã de manhã e deixarei todos levarem o que quiserem, a descontar na sua conta.

- Abra o armazém ou abrimo-lo nós por si! - gritou um homem.

Ouviu-se uma espécie de rugido e toda a massa dos homens avançou para o pai, como que impulsionada pelo rugido.

Laura passou por baixo do braço da mãe, mas a mão dela agarrou-a pelo ombro e puxou-a para trás..

- Oh, deixe-me ir! Eles vão fazer mal ao pai! Deixe-me ir, eles vão fazer mal ao pai! - disse Laura num murmúrio, mas como se gritasse.

- Está quieta! - ordenou-lhe a mãe, num tom que nunca lhe ouvira antes.

- Cheguem-se para trás, rapazes. Não se aproximem tanto - disse o pai, e

Laura ouviu-lhe a voz serena e ficou a tremer.

Depois ouviu outra voz, atrás da multidão. Era uma voz profunda e forte, perfeitamente audível apesar de não ser muito alta:

- Que se passa, rapazes?

Laura não podia ver a camisa encarnada na escuridão, mas só Grande era tão alto: a cabeça e os ombros ficavam-lhe acima dos vultos vagos do grupo. Para lá deles, no escuro, via-se uma pálida sombra, que devia ser do cavalo branco. Uma confusão de vozes respondeu a Jerry Grande, que soltou uma estrondosa gargalhada:

- Seus idiotas! - exclamou, a rir. - Para que é todo o alarido? Querem as mercadorias do armazém? Então amanhã tiraremos o que quisermos,

76 - 77

elas ainda lá estarão. Ninguém nos deterá, quando começarmos.

Laura estava a ouvir linguagem grosseira. Era Jerry Grande quem a usava. Tudo quanto ele dizia estava misturado com pragas e outras palavras que ela nunca ouvira. Mas Laura quase lhes não prestava atenção, pois sentia-se toda partida. Tinha a impressão de que tudo nela se partira como um prato deixado cair, quando Jerry Grande tomara partido contra o pai. Agora o grupo estava todo à volta de Jerry, que chamava vários homens pelos nomes e falava em beberem e jogarem às cartas. Alguns foram com ele na direcção do dormitório. Depois os restantes separaram-se em grupos mais pequenos e afastaram-se no escuro.

Então a mãe fechou a porta e disse:

- São horas de dormir, filhas.

Laura foi para a cama a tremer, obedecendo às ordens da mãe. O pai não voltou. De vez em quando, ouvia uma explosão de vozes ásperas, vindas do acampamento, e outras vezes fragmentos de cantigas. Sabia que não adormeceria enquanto o pai não viesse para casa.

Os seus olhos abriram-se, de repente, e era manhã.

Para lá do lago da Prata, o céu parecia ouro incendiado, atravessado por uma faixa vermelha. O lago estava cor-de-rosa e aves selvagens levantavam voo, ruidosamente. O acampamento também estava barulhento. Os homens estavam reunidos à volta da barraca da cantina, numa multidão que falava excitadamente.

A mãe e Laura pararam à esquina da cabana, a ver. Ouviram um grito e viram Jerry Grande saltar para o seu cavalo branco.

- Vamos, rapazes! - gritou. - Todos para a farra!

O cavalo branco empinou-se, andou à roda e empinou-se de novo. Jerry Grande soltou um grito selvagem e o cavalo branco disparou pela pradaria fora, no sentido oeste. Os homens correram todos para o estábulo e num instante começaram a sair, montados nos seus cavalos, e seguiram Jerry Grande. Partiram todos.

Um grande silêncio envolveu o acampamento, Laura e a mãe.

- Bem! - exclamou a mãe.

Viram o pai sair do armazém e dirigir-se para a cantina. Fred, o capataz, saiu da cantina e foi ao seu encontro. Conversaram uns momentos. Depois Fred foi ao estábulo, montou a cavalo e partiu a galope para oeste.

O pai ria-se. A mãe disse-lhe não saber que motivos tinha ele para rir.

- Aquele Jerry Grande! - exclamou o pai, e a sua gargalhada vibrou. - Macacos me mordam se não os levou para fazerem as suas diabruras noutro lado!

- Onde? - perguntou vivamente a mãe. O pai ficou sério.

- Há distúrbios no acampamento de Stebbins. Está a ir para lá toda a gente, dos outros campos todos. Tens razão, Carolina, não é caso para rir.

Durante todo o dia reinou silêncio no acampamento. Laura e Maria não deram o passeio habitual. Ninguém sabia o que poderia acontecer no acampamento de Stebbins nem quando aquela turba perigosa regressaria. Os olhos da mãe estiveram ansiosos todo o dia e os seus lábios comprimidos. De vez em quando, suspirava sem saber.

Os homens chegaram depois de escurecer. Mas entraram no acampamento mais silenciosos do que tinham partido. Jantaram na cantina e depois foram deitar-se no dormitório.

Laura e Maria ainda estavam acordadas quando o pai regressou, tarde, do armazém. Quietas no seu beliche, ouviram os pais falar, do outro lado da cortina iluminada pelo candeeiro.

- Já não há motivo para preocupações, Carolina. Eles estão cansados e voltou o sossego. - Bocejou e sentou-se para descalçar as botas.

- Que fizeram eles, Charles? Alguém ficou ferido?

- Enforcaram o tesoureiro e um homem ficou gravemente ferido - respondeu o pai. - Colocaram-no numa carroça de lenha e partiram para leste, à procura de um médico. Não fiques tão transtornada, Carolina. Seria melhor agradecermos às nossas boas estrelas termo-nos safado com tanta facilidade. Já lá vai.

- Só fico transtornada quando acaba tudo - disse a mãe, em voz trémula.

- Vem cá - disse o pai, e Laura compreendeu que a mãe se sentou no joelho do pai. - Eu sei que não ficas. Não te preocupes, Carolina. O aterro está quase pronto, estes acampamentos fecharão em breve e para o ano estaremos instalados na nossa reserva.

- Quando a vais escolher? - perguntou a mãe.

- Assim que o acampamento fechar. Até lá, não me posso ausentar nem um minuto do armazém. Sabes isso perfeitamente.

- Pois sei, Charles. Que fizeram aos homens que... mataram o tesoureiro?

- Eles não o mataram. Eu explico-te o que se passou.

78 - 79

Em Stebbins as coisas são como aqui. O escritório é uma espécie de alpendre nas traseiras do armazém, para o qual tem uma porta e mais nada. O tesoureiro ficou no escritório com o dinheiro, manteve a porta fechada à chave e pagou aos homens por uma pequena abertura ao lado da porta.

»Recebem em Stebbins mais de trezentos e cinquenta homens e queriam ser pagos até agora, como os de cá. Quando verificaram que só lhes pagavam até ao dia 15, ficaram furiosos. Muitos deles andam armados e não saíram do armazém. Ameaçaram desatar aos tiros naquilo tudo, a não ser que recebessem o dinheiro todo.

»Na confusão, dois homens começaram a discutir e um deles bateu na cabeça do outro com o peso da balança. O desgraçado caiu como um boi abatido e quando o arrastaram para o ar livre não conseguiram fazê-lo recuperar os sentidos.

»Por isso, a turba foi com uma corda atrás do homem que o agredira. Seguiram-no com facilidade até ao pântano, mas depois não conseguiram encontrá-lo na erva alta. Andaram de um lado para o outro a procurá-lo na erva áspera, mais alta do que eles até darem cabo de qualquer rasto que porventura ele tivesse deixado.

"Continuaram a procurá-lo até depois do meio-dia e a sorte dele foi não o encontrarem. Quando voltaram ao armazém, a porta estava fechada à chave e não puderam entrar. Alguém pusera o ferido numa carroça e seguira para leste, à procura de um médico.

«Entretanto, começavam a chegar homens dos outros acampamentos todos. Comeram tudo quanto encontraram na cantina e a maioria começou a beber. Continuaram a bater à porta do armazém e a gritar ao tesoureiro que

abrisse e lhes pagasse. Mas ninguém respondia.

»Uma turba de quase mil homens bêbedos é uma coisa feia de ver. Alguém reparou na corda e gritou: 'Enforcuem o tesoureiro!' E toda a multidão desatou a gritar: "Enforcuem-no! Enforcuem-no!"

»Dois homens subiram para o telhado do alpendre e abriram um buraco nas telhas. Deixaram a ponta da corda suspensa do telhado e a multidão agarrou-a. Os dois tipos atiraram-se ao tesoureiro e enfiaram-lhe a corda no pescoço.

- Cala-te, Charles. As pequenas estão acordadas - disse a mãe.

- Ora, praticamente não se passou mais nada. Içaram-no uma ou duas vezes, e pronto. Ele cedeu.

- Não o enforcaram?

- Não chegaram a magoá-lo muito. Alguns homens estavam a arrombar a porta do armazém com cangas e o encarregado abriu-a.

Um dos tipos que estavam no escritório cortou a corda e desceu o tesoureiro, e depois abriu o guiché e o tesoureiro pagou a cada um tudo quanto ele declarou ser-lhe devido. Um bom número de homens de outros acampamentos meteram-se na confusão e também receberam. Ninguém se preocupou com folhas de tempo de trabalho.

- Que vergonha para o tesoureiro! - exclamou Laura, e o pai afastou a cortina. - Para que pagou ele? Eu não o faria! Não o faria! - gritou, sem que o pai ou a mãe tivessem tempo de dizer uma palavra, de joelhos na cama e com os punhos cerrados.

- Não farias o quê? - perguntou o pai.

- Não lhes pagaria! Não me conseguiriam obrigar. Não o obrigaram a si!

- Aquela multidão era maior do que a nossa e o tesoureiro não teve a ajuda de Jerry Grande - lembrou-lhe o pai.

- Mas o Pá não o teria feito - teimou Laura.

- Pouco barulho - recomendou a mãe. - Ainda acordam a Graça. Por mim, dou graças por o tesoureiro ter sido sensato. Mais vale um cão vivo do que um leão morto.

- Oh, não, Ma! Não fala a sério! - exclamou Laura, num murmúrio.

- De qualquer modo, a prudência é a parte mais valiosa da coragem. Agora durmam, filhas - ordenou a mãe, baixinho.

- Por favor, Ma! - pediu Maria, também em voz baixa. - Como pôde ele pagar-lhes? Onde arranjou o dinheiro, se já tinha pago o que levava?

- Tens razão - concordou a mãe. - Onde o arranjou?

- No armazém. É um grande armazém e já tinha recuperado a maior parte do que os homens receberam. Eles gastam tão depressa Quanto ganham - explicou o pai. - Agora obedeçam à mãe e durmam - e deixou cair a cortina.

Debaixo das mantas, Maria e Laura falaram muito baixinho, até a mãe apagar a luz. Maria disse que gostaria de voltar para Plum Creek. Laura não lhe respondeu. Gostava de sentir a grande e agreste Pradaria a toda a volta da pequena cabana. O seu coração batia depressa e com força. Ouvia de novo, mentalmente, o som feroz e selvagem da turba e a voz serena do pai a dizer: «Não se aproximem demasiado.» Recordou-se também dos homens e dos cavalos suados a movimentarem-se através de nuvens de poeira, a construírem o caminho-de-ferro ao ritmo de uma espécie de cantiga. Não queria voltar, nunca mais, para Plum Creek.

CAPÍTULO XII - ASAS SOBRE O LAGO DA PRATA.

O tempo arrefeceu e o céu encheu-se de asas e de grandes aves a voar. De

leste para oeste, de norte para sul, e tão alto no céu azul quanto a vista podia alcançar, havia aves, e aves, e aves a voar. Ao escurecer desciam interminavelmente do céu, como se escorregassem por longas vertentes de ar, a fim de descansarem na água do lago da Prata. Eram grandes gansos cinzentos. Eram bernacas branquíssimas e mais pequenas, que pareciam neve na orla da água. Eram patos de muitas espécies: os grandes patos reais com uma luminosidade de púrpura e verde nas asas, os patos de cabeça encarnada, os bicos azuis, as cercetas e muitos outros cujos nomes o pai não sabia. Eram garças, pelicanos e grouns. Eram pequenas galinhas do lodo e os pequenos mergulhões, cujos corpos pretos e de pequenas dimensões salpicavam a água como pimenta. Quando estalava um tiro, os mergulhões viravam-se de cabeça para baixo e desapareciam num abrir e fechar de olhos. Eram capazes de mergulhar muito fundo e de ficar muito tempo submersos.

Ao pôr do Sol, todo o grande lago estava coberto de aves de todas as espécies, a «falar» entre si em toda a espécie de línguas de aves, antes de adormecerem e repousarem da sua longa viagem de norte para sul. O Inverno impelia-as, vinha atrás delas, do norte. Elas sabiam-no e partiam cedo, a fim de poderem descansar no caminho. Repousavam toda a noite, confortavelmente instaladas na água que as sustinha suavemente, e quando alvorecia levantavam de novo voo para prosseguir pelo ar, com a ajuda das asas fortes e repousadas.

Um dia, o pai veio da caça com uma grande ave toda branca.

- Sinto muito, Carolina - murmurou, muito sério. - Não o teria feito, se soubesse. Acertei num cisne. Era tão bonito que não deveria ser morto. Mas eu não fazia ideia nenhuma de que se tratasse de um cisne. Nunca tinha visto nenhum a voar.

- Agora já não tem remédio, Charles.

Ficaram todos a olhar tristemente para a bela ave branca que nunca mais voaria.

- Vamos - disse, por fim, a mãe. - Eu depeno-o e tu esfolo-lo. Curtiremos a pele com a penugem.

- É maior do que eu - disse Carrie.

O ganso era, efectivamente, tão grande que o pai até o mediu: as suas asas brancas mediam dois metros e quarenta centímetros de ponta a ponta. Noutro dia, o pai levou um pelicano para a cabana, a fim de mostrar à mãe como era. Abriu-lhe o comprido bico e caíram peixes mortos da bolsa de pele que ficava por baixo. A mãe levantou o avental e tapou a cara, e Carrie e Graça apertaram o nariz.

- Leva-o, Charles, depressa! - disse a mãe, através do avental. Alguns peixes estavam frescos, mas outros estavam mortos havia muito, muito tempo. Os pelicanos não prestavam para comer. Até as suas penas cheiravam tão mal a peixe podre que a mãe nem as pôde aproveitar para almofadas.

O pai caçava todos os patos e gansos que eles podiam comer, mas tirando isso só abatia falcões. De vez em quando, matava um falcão, porque os falcões matam outras aves. Todos os dias Laura e a mãe arrancavam penas das peles escaldadas dos patos e dos gansos que o pai caçava para o jantar.

- Não tardaremos a ter penas suficientes para outro colchão - disse a mãe. - Assim, tu e a Maria poderão dormir num colchão de Penas, este Inverno.

Durante todos os dourados dias outonais o céu esteve cheio de asas.

Asas que batiam, baixo, sobre a água azul do lago da Prata; asas que batiam, alto, no ar azul, por cima do lago. Asas de gansos, cercetas, patos, pelicanos, grouns, garças, cisnes e gaivotas, que a todos transportavam para os verdes campos do Sul.

As asas, o tempo dourado e a friúra da geada, de manhã, davam a Laura uma vontade de ir a qualquer lado. Não sabia aonde, só sabia que queria ir.

- Vamos para oeste - disse, uma noite, depois do jantar, - Pá, não podemos ir para oeste quando o tio Henrique for?

O tio Henrique, Luísa e Charley tinham ganhado dinheiro suficiente para irem para oeste. Regressavam à Grande Floresta a fim de venderem a quinta e na Primavera, juntamente com a tia Polly, partiriam todos para oeste, para Montana.

- Porque não podemos ir? - insistiu Laura. - Há todo o dinheiro que o Pá ganhou, trezentos dólares, e temos o carroção e a parelha. Oh, Pá, vamos para oeste!

- Por favor, Laura! - exclamou a mãe. - Seja o que for... - Mas não prosseguiu.

- Eu sei, Meia Canequinha - disse o pai, em voz muito bondosa. - Tu e eu queremos voar como as aves. Mas há muito tempo eu prometi à tua mãe que vocês iriam para a escola. Ora, não poderão ir para a escola e ir para oeste. Quando esta cidade for construída, haverá aqui uma escola. Eu vou reservar uma quinta, Laura, e vocês, pequenas, vão para a escola.

Laura olhou para a mãe, e depois novamente para o pai, e compreendeu que teria de ser assim. O pai ficaria numa quinta e ela iria para a escola.

- Um dia agradecer-me-ás, Laura. E tu também, Charles - disse a mãe, brandamente.

- Desde que te sintas contente, Carolina, eu também me sentirei - respondeu o pai.

E era verdade; mas não era menos verdade que ele queria ir para oeste. Laura voltou-se para o alguidar e continuou a lavar a louça do jantar.

- Outra coisa, Laura - continuou o pai. - Sabes que a mãe foi professora, assim como a mãe dela. A mãe tem todo o empenho em que uma de vocês seja também professora e eu creio que terás de ser tu. Por isso, bem vês, terás de ir à escola e aprender.

O coração de Laura deu um pulo e depois pareceu cair-lhe aos pés. Não disse nada. Sabia que o pai e a mãe, e Maria também, pensaram que Maria seria professora. Agora Maria não podia ensinar e... «Oh, não serei, não serei!», pensou Laura. «Não quero! Não posso!» Mas depois disse a si mesma: «Tens de ser.»

Não podia decepcionar a mãe e tinha de fazer o que o pai mandava. Por conseguinte, teria de ser professora, quando crescesse. Além disso, não poderia fazer outra coisa para ganhar dinheiro.

84 - 85

CAPÍTULO XIII - DESFAZER DO ACAMPAMENTO.

Toda a imensa terra ondulava suavemente, tingida de cores leves, sob o céu esbatido. A erva tinha caules dourados e estendia pela pradaria como que uma manta amarelada, fulva, castanha e de um quente cinzento-acastanhado. Só os pântanos se apresentavam mais verdes e mais escuros. As aves eram menos numerosas e mais apressadas. Era frequente, ao pôr do Sol, um comprido bando «falar» ansiosamente, muito acima do lago da Prata, mas em vez de descerem para comer e descansar na água, que tanto devia tentá-los, o líder cansado deixava-se ficar para trás, era substituído por outro e continuavam a voar para sul. O frio do Inverno

não vinha muito longe, atrás deles, e por isso não podiam parar para descansar.

Nas manhãs de geada e nos frios fins de tarde, quando iam mungir as vacas, Laura e Lena levavam xailes bem aconchegados na cabeça e presos debaixo do queixo. Tinham frio nas pernas nuas e o vento mordia-lhes o nariz, mas quando se acocoravam para ordenhar as vacas quentes os xailes cobriam-nas todas, aconchegadamente, e os pés aqueciam-lhes. E cantavam enquanto ordenhavam:

Aonde vais, minha linda donzela?

Vou mungir, senhor, disse ela.

Posso ir contigo, minha linda donzela?

Oh, sim, por quem é, gentil senhor, disse ela.

Qual é a tua fortuna, minha linda 'donzela?

A minha fortuna é a minha cara, senhor, disse ela.

Então não posso casar contigo, minha linda donzela.

Ninguém lho pediu, senhor, disse ela.

- Bem, creio que não nos voltaremos a ver durante muito tempo - disse Lena, uma noite.

O trabalho de nivelamento estava quase terminado, no lago da prata, e na manhã seguinte Lena, Jean e a tia Dócia partiriam cedinho. Partiriam antes de nascer o Sol porque levavam três grandes carroças de mercadorias dos armazéns da companhia. Não diziam a ninguém para onde iam, com medo de que a companhia os apanhasse.

- Tenho pena de não termos tempo para cavalgarmos outra vez nos póneis pretos - disse Laura.

- Bolas! - Lena disse a palavra grosseira ousadamente. - Estou contente por o Verão ter acabado! Detesto casas. - Balançou o balde do leite e cantarolou: - Não mais cozinhar, não mais lavar louça, não mais lavar roupa, não mais esfregar. U-upi! - Depois acrescentou: - Bem, adeus. Creio que vais ficar aqui enquanto viveres.

- Também me parece - concordou Laura, tristemente, convencida de que Lena ia para oeste, talvez até para o Orégão. - Bem, adeus.

Na manhã seguinte, Laura ordenhou solitariamente a vaca solitária. A tia Dócia partira com uma carga de aveia do armazém das forragens. Lena levava um carroção de mercadorias do armazém das forragens. Lena levava um carroção de mercadorias do armazém, e Jean outra grande carga de raspadoras e arados. O tio Hi seguiu-os assim que acertasse as contas com a companhia.

- Creio que a dívida do Hi é bastante grande, desta vez, com todas aquelas mercadorias debitadas na sua conta - disse o pai.

- Não devias tê-lo impedido, Charles? - perguntou a mãe, preocupada.

- Não me competia - respondeu o pai. - As ordens que recebi foi para deixar o empreiteiro levantar tudo quanto quisesse e debitá-lo na sua conta. Não confundas, Carolina, não se tratou de roubo nenhum. O Hi não levou mais do que lhe é devido pelo seu trabalho aqui e no acampamento do Sioux. A companhia enganou-o, lá, e ele ajustou contas, aqui. Foi apenas disso que se tratou.

- Bem - disse a mãe, a suspirar-, sentir-me-ei contente quando os acampamentos acabarem e nos pudermos instalar de novo.

Todos os dias havia barulho no acampamento, com homens que recebiam o seu último salário e partiam. Carroção atrás de carroção Partia para leste. Todas as noites o acampamento ficava mais vago.

Um dia, o tio Henrique, Luísa e Charley iniciaram a longa viagem para o Wisconsin, a fim de venderem a quinta. A barraca-cantina e o dormitório estavam desertos e o armazém vazio,

e o pai só esperava que o funcionário da companhia viesse conferir as suas contas.

- Teremos de ir algures, para leste, a fim de passarmos o Inverno - disse a mãe. - Esta cabana seria fraca protecção para temperaturas abaixo de zero, mesmo que a companhia nos deixasse ficar... e nós tivéssemos algum carvão.

»Oh, Charles, ainda nem sequer encontraste a reserva! E se gastarmos o dinheiro que ganhaste, só para vivermos até à Primavera...

- Bem sei. Mas que havemos de fazer? Posso procurar a reserva antes de partirmos e registá-la na próxima Primavera. Talvez no próximo Verão consiga arranjar um emprego que nos dê para viver e comprar a madeira para construirmos uma barraca. Poderia construir uma cabana de terra, mas mesmo assim gastaríamos tudo quanto temos para vivermos até à Primavera, ao preço que as coisas estão aqui e com o carvão de que precisaríamos. Não, o melhor é irmos passar o Inverno ao Leste.

Era difícil resignar-se. Laura tentou animar-se, mas não conseguiu. Não queria voltar para leste. Detestava deixar o lago da Prata para ir para leste. Já que tinham chegado até ali, queria ficar, em vez de ser outra vez empurrada para trás. Mas se tinha de ser... Na próxima Primavera poderiam recomeçar. Não servia de nada queixar-se.

- Não te sentes bem, Laura? - perguntava-lhe a mãe.

- Sinto, sim. Ma! - respondia, mas a verdade é que se sentia tão triste e melancólica que o esforço para se mostrar alegre ainda a entristecia mais.

O funcionário da companhia viera conferir os livros do pai e os últimos carroções do Oeste estavam a passar. Até o lago estava quase deserto de aves e o céu nu, tirando um ou outro pequeno bando retardatário e apressado. A mãe e Laura remendaram a cobertura do carroção e cozeram pão para a longa viagem.

Nessa noite, o pai veio do armazém a assobiar e entrou em casa todo contente.

- Que dirias a ficar aqui todo o Inverno, Carolina? - perguntou, alegre.

- Na casa dos agrimensores!

- Oh, Pá! - exclamou Laura. - Podemos?

- Podes ter a certeza de que podemos, se a tua mãe quiser - respondeu o pai. - É uma boa casa, Carolina, onde o mau tempo não entra. O chefe dos agrimensores esteve agora mesmo no armazém e disse que pensaram que teriam de ficar e armazenaram carvão e provisões suficientes para lhes durar o Inverno, mas que se eu me

encarregar de tomar conta das ferramentas da companhia até à Primavera, vão passar o Inverno a outro lado. O funcionário da companhia concordou.

»Há farinha e feijão, carne salgada e batatas, e, segundo me disse, até algumas conservas. E carvão. Poderemos ficar com tudo de graça, só a troco de passarmos aqui este Inverno. Poderemos servir-nos do estábulo para a vaca e para a parelha. Disse-lhe que lhe daria a resposta de manhãzinha cedo. Que dizes, Carolina?

Olharam todos para a mãe, à espera. Laura estava tão agitada que quase não podia estar quieta. Ficar no lago da Prata! Não ter, afinal, de voltar para trás, para leste! A mãe estava decepcionada. Quisera retroceder para uma região povoada. Mas respondeu:

- Parece providencial, Charles. Disseste que havia carvão?

- Não pensaria em ficar, se não houvesse - respondeu o pai. - Mas há carvão.

- Bem, o jantar está na mesa - disse a mãe. - Lava-te e comamos antes que

arrefeça. Parece-me uma boa oportunidade, Charles.

Durante o jantar não falaram de mais nada. Seria agradável viver numa casa cómoda e aconchegada. A choupana era fria, com vento a entrar pelas fendas, apesar de a porta estar fechada e o fogão aceso.

- Não a faz sentir-se rica, Ma, só de pensar nas provisões para todo o Inverno que já lá se encontram? - perguntou Laura.

- Não gastaremos nem um cêntimo até à Primavera - sublinhou o pai.

- Sim, Laura, faz - respondeu a mãe, a sorrir. - Claro que tens razão, Charles; devemos ficar.

- Se queres que te diga, não sei, Carolina... Nalguns aspectos, talvez fosse melhor não ficarmos. Que eu saiba, não teremos nenhum vizinho antes de Brookins, que fica quase a cem quilómetros de distância. Se acontecesse alguma coisa...

Uma pancada na porta sobressaltou-os a todos. Em resposta ao «Entre!» do pai, um homenzarrão abriu a porta. Vinha todo entrouxado em casacos grossos e trazia um cachecol. Usava a barba preta curta e tinha as faces vermelhas e os olhos tão pretos como os do pequeno papus do Território índio que Laura nunca esquecera.

- Olá, Boast! - saudou o pai. - Chegue-se para o lume, que a noite está fria. Esta é a minha mulher e estas são as minhas filhas. O Sr. Boast registou aqui uma reserva e tem estado a trabalhar no aterro.

88 - 89

A mãe deu uma cadeira ao Sr. Boast, junto do lume, e ele estendeu as mãos para o calor. Uma das mãos estava ligada.

- Feriu a sua mão? - perguntou a mãe, interessada.

- É apenas uma distensão - respondeu o Sr. Boast. - Mas o calor sabe bem.

- Depois voltou-se para o pai e acrescentou: - Preciso de ajuda, Ingalls. Lembra-se da parelha que vendi ao Pete? Ele pagou-me uma parte e disse que pagaria o restante no próximo dia de pagamento, mas tem vindo a adiar e agora macacos me mordam se não se escapou com a parelha! iria atrás dele e tirar-lhe-ia os animais, mas o filho está com ele e com certeza lutariam. Não quero sarilhos com dois valentaços ao mesmo tempo, de mais a mais com a mão aleijada.

- Ainda cá estamos em número suficiente para resolver isso - disse o pai.

- Não falo nesse sentido - afirmou o Sr. Boast. - Não quero aborrecimentos.

- Então qual é o meu papel? - perguntou o pai.

- Estive a pensar... Aqui não há nenhuma lei, nenhuma maneira de cobrar uma dívida, nem agentes da autoridade e nem sequer uma comarca. Mas talvez o Pete não saiba isso.

- Ah! Você quer que eu redija um documento qualquer para lhe apresentar?

- Tenho um homem que está disposto a fazer de xerife e apresentar-lho. - Os olhos do Sr. Boast cintilavam tanto como os do pai, embora de modo diferente: os do Sr. Boast cintilavam pequenos e pretos; os do pai, grandes e azuis.

O pai soltou uma grande gargalhada e deu-lhe uma palmada num joelho.

- Que piada, homem! Por sorte, ainda tenho algum papel de formato oficial. Eu faço-lhe os papéis, Boast! Vá buscar o seu xerife.

O Sr. Boast saiu, apressado, enquanto a mãe e Laura levantavam a mesa. O pai sentou-se e escreveu numa folha de papel grande, com linhas encarnadas de alto a baixo, nas margens.

- Pronto! - exclamou, por fim. - Parece importante. E ficou pronto mesmo a tempo.

O Sr. Boast estava a bater à porta. Desta vez acompanhava-o outro homem com um grande sobretudo, boné puxado para os olhos e cachecol enrolado ao

pescoço e a ocultar-lhe a boca.

- Aqui tem, xerife! - disse o pai ao segundo homem. - Apresente esta intimação e traga a parelha ou o dinheiro, vivos ou mortos,

90

acrescidos dos custos deste processo! - As gargalhadas dos três pareceram abalar as paredes da choupana.

O pai olhou para o boné e para o cachecol que ocultavam o rosto do segundo homem e observou:

- É uma sorte para si estar uma noite fria, xerife!

Quando os dois homens saíram e fecharam a porta, o pai acabou de rir e disse à mãe:

- Apostava tudo como se trata do chefe dos agrimensores! - afirmou, e ao mesmo tempo que dava uma grande palmada na coxa desatava outra vez a rir. Durante a noite, a voz do Sr. Boast e a do pai acordaram Laura. O Sr. Boast dizia, à porta:

- Vi que tinha luz acesa e parei para lhe dizer que deu resultado. O Pete ficou tão assustado que até entregaria o dinheiro e a parelha! Aquele patife tem motivos para ter medo da justiça. Aqui estão as custas, Ingalls. O agrimensor não quis aceitar nada, disse que a brincadeira foi paga mais do que suficiente.

- Fique com a parte dele - respondeu o pai. - Eu só aceito a minha. A dignidade deste tribunal deve ser respeitada!

Quando o Sr. Boast riu, Laura, Maria, Carrie e a mãe desataram também a rir. Não se puderam conter. O riso do pai lembrava sinos grandes a tocar, fazia uma pessoa sentir-se bem e feliz; mas o riso do Sr. Boast fazia rir toda a gente.

- Caluda, ou acordam a Graça - recomendou a mãe.

- De que se riam? - perguntou Carrie, que estivera a dormir e só ouvira a gargalhada do Sr. Boast.

- E tu, de que te ris? - perguntou-lhe Maria.

- O riso do Sr. Boast faz cócegas - respondeu Carrie.

91

De manhã, o Sr. Boast apareceu para tomar o pequeno-almoço com eles. O acampamento estava desfeito e não havia outro lado onde comer. Os agrimensores partiram para leste nessa manhã, no seu buggy, e o último carroceiro passou. O Sr. Boast foi o último homem a partir, pois teve de esperar que a sua mão melhorasse, para poder conduzir a parelha. Naquela manhã, porém, a mão estava pior, porque gelara durante a noite, mas mesmo assim ele pôs-se a caminho do Leste: ia a Iova, a fim de casar.

- Se vocês vão ficar aqui todo o Inverno, talvez me decida e traga a Ellie, para ficarmos também, se pudermos chegar antes de o Inverno estar muito mau.

- Teríamos prazer em tê-los cá, Boast - disse o pai.

- Certamente que teríamos - confirmou a mãe.

Depois viram o carroção do Sr. Boast partir e ouviram o barulho dos seus solavancos esbater-se pouco a pouco, na trilha que levava ao Leste.

A pradaria ficou toda deserta e nem um bando de aves se via no céu frio. Assim que o carroção do Sr. Boast deixou de se ver, o pai levou o seu e a parelha para a porta.

- Vamos, Carolina! - chamou. - Já não está mais ninguém no acampamento, além de nós, e hoje é dia de mudança!

92 - 93

CAPÍTULO XIV - A CASA DOS AGRIMENSORES.

Não havia necessidade de acondicionar nada, pois a casa dos agrimensores ficava na margem norte do lago, a menos de um quilómetro de distância da cabana. Laura estava ansiosa por vê-la. Depois de ajudar a pôr tudo cuidadosamente no carroção, e quando Maria, Carrie, a mãe e Graça já estavam instaladas, pediu:

- Pá, deixa-me ir a correr à frente? A mãe interveio:

- Francamente, Charles, não achas...?

- Não lhe pode acontecer mal nenhum. Não a perderemos de vista todo o caminho. Segue pela margem do lago, traquininhas, e tu, Carolina, não te preocupes. Chegamos lá num abrir e fechar de olhos.

Laura foi, pois, a correr à frente. A correr contra o vento forte e constante. O xaile batia, atrás dela, e o frio do vento entrava-lhe pela roupa. Ora sentia o sangue fraco e gelado, ora quente e a chicoteia com força, e a respiração agitava-lhe o peito.

Passou pelos locais onde se erguera o acampamento. A terra estava dura, debaixo dos seus pés apressados, e áspera devido morta. Não se via mais ninguém perto, toda a gente partira. A pradaria - toda a enorme pradaria -, o céu imenso e o vento estavam limpos e livres.

Até o carroção ficara para trás. Mas aproximava-se. Laura olhou por cima do ombro e o pai acenou-lhe. Quando parou de correr, ouviu o barulho do vento, na erva, e o lambe-lambe da água do lago Avançou aos saltinhos sobre a erva curta e seca, ao longo da margem. Se lhe apetecesse gritar, poderia gritar. Não estava ali mais ninguém. E gritou mesmo: «É nosso! Tudo nosso!»

O grito pareceu-lhe alto, na garganta, mas no ar mal se ouviu.

Talvez o vento o tivesse levado. Ou o silêncio da terra e do céu desertos não quisesse ser perturbado.

As botas dos agrimensores abriram um carreiro através da erva. Laura sentiu-o liso e macio debaixo dos pés. Inclinou a cabeça protegida pelo xaile, para evitar o vento, e meteu pelo carreiro, apressada. Seria divertido ver sozinha a casa dos agrimensores.

A casa ergueu-se, de súbito, à sua frente. Era grande, uma casa a sério, com dois andares e janelas de vidro. O tempo começava a transformar o amarelo das tábuas verticais em cinzento. Todas as fendas estavam tapadas, como o pai dissera. A porta tinha um puxador de louça e abria-se para o alpendre, nas traseiras.

Laura abriu-a e espreitou. Depois empurrou-a toda para trás, ao longo do sulco curvo que marcara no chão de tábuas, e entrou. A casa estava assoalhada. Menos confortável, para pés descalços, do que o chão de terra da cabana, mas mais fácil de conservar limpo.

A largueza da casa deserta parecia esperar e escutar. Parecia saber que Laura estava ali, mas não ter ainda formado uma opinião a respeito dela. Esperaria e logo veria. O vento produzia um som triste contra as suas paredes, mas isso era do lado de fora. Laura atravessou o alpendre pé ante pé e abriu a porta do lado oposto.

Olhou para a grande sala da frente. As paredes de tábuas ainda estavam amarelas, do lado de dentro, e os raios de sol que entravam pela janela do lado ocidental projectavam-se, amarelos e oblíquos, no chão. Pela janela do lado oriental, junto da porta principal, entrava uma luz fria. Os agrimensores deixaram o fogão! Era maior do que o trazido pela mãe de Plum Creek: tinha seis bocas, em cima, e duas portas de forno, e estava pronto a funcionar, com o cano da chaminé e tudo.

Na parede que se seguia viam-se três portas espaçadas e todas fechadas.

Laura atravessou a sala larga pé ante pé e, devagarinho, abriu uma porta. Dava para um quarto pequeno, com uma cama. Esse Quarto também tinha janela.

Sempre devagarinho, Laura abriu a porta do meio. Ficou surpreendida. Defronte dela subia uma escada íngreme, exactamente da largura da porta. Olhou para cima e viu a parte de dentro de um telhado inclinado e muito alto. Subiu alguns degraus e deparou-se-lhe um enorme sótão, que se estendia para ambos os lados da escada. Tinha o dobro do tamanho da sala grande do rés-do-chão e uma janela de cada lado iluminava todo o espaço vazio debaixo do telhado.

Com aquela já eram três divisões e ainda havia outra porta.

Laura pensou que deviam ter sido muitos agrimensores, para precisarem de tanto espaço. Aquela seria, de longe, a maior casa em que já vivera.

Abriu a terceira porta. Saiu-lhe da boca um gritinho de emoção que assustou a casa à escuta. Ali, diante dos seus olhos, estava um pequeno armazém. A toda a altura das paredes da pequena sala havia prateleiras e nas prateleiras viam-se pratos, tachos e panelas, caixas e latas. A toda a volta, debaixo das prateleiras, estavam barris e caixas.

O primeiro barril estava quase cheio de farinha de trigo. No segundo havia farinha de milho. O terceiro, com uma tampa bem apertada, estava cheio de bocados de carne de porco gorda e branca, em salmoura. Laura nunca vira tanta carne de porco de uma vez. Havia uma caixa de madeira cheia de biscoitos de soda quadrados e outra cheia de grandes pedaços de peixe salgado. Havia uma cana grande de maçãs secas, duas sacas cheias de batatas e uma saca quase cheia de feijão.

O carroção estava à porta. Laura saiu a correr e a gritar:

- Oh, Mãe, venha ver depressa! Há tantas coisas! E um grande sótão, Maria! E um fogão e biscoitos, biscoitos de soda!

A mãe viu tudo e ficou satisfeita.

- É muito agradável, sem dúvida - concordou. - E tão limpa! Podemos instalar-nos aqui num abrir e fechar de olhos. Traz-me a vassoura, Carrie.

O pai nem sequer precisou de armar um fogão. Pôs o da mãe no alpendre, onde se encontrava o carvão. Depois, enquanto ele acendia o lume, elas arrumaram a mesa e as cadeiras da grande sala da frente. A mãe instalou a cadeira de balanço de Maria junto da porta aberta do forno. O bom fogão já estava a dar calor e Maria sentou-se no canto quente, a entreter Graça, para ela não atrapalhar enquanto a mãe, Laura e Carrie se atarefavam com as arrumações.

A mãe fez a grande cama do quarto. Pendurou a sua roupa e a do pai nos pregos que havia na parede e cobriu-a muito bem com um lençol. Em cima, no grande sótão baixo, Laura e Carrie fizeram duas camas nas armações que lá havia, uma para Carrie e outra para Laura e Maria. Depois foram buscar a sua roupa e as suas caixas. Penduraram a roupa na parede da empena, junto de uma janela, e puseram as caixas por baixo.

Como já estava tudo arrumado, foram para baixo, a fim de ajudarem a mãe a tratar do jantar. O pai entrou com uma grande caixa pouco alta.

- Para que é isso, Charles? - perguntou-lhe a mãe. E o Pai respondeu:

- É a cama da Graça!

- Era a única coisa que faltava! - exclamou a mãe.

- Os lados têm altura suficiente para entalar os cobertores - disse o pai.

- Mas também são suficientemente baixos para caberem debaixo da nossa cama, durante o dia.

Laura e Carrie fizeram a caminha de Graça na caixa. empurraram-na para debaixo da cama grande e depois puxaram-na de novo, para ela se deitar, de noite. A mudança estava feita.

O jantar foi um banquete. Os bonitos pratos dos agrimensores tornavam a mesa alegre. Pequenos pepinos ácidos, de conserva, tirados de um frasco que os agrimensores deixaram, deram um gosto diferente ao pato assado, e aquecido, e às batatas fritas. Depois de comerem, a mãe foi à despensa e trouxe...

- Adivinhem o quê? - perguntou.

Colocou à frente de cada um deles um pratinho de pêssegos de compota e dois biscoitos de soda!

- É um mimo, para celebrar o facto de vivermos outra vez numa casa.

Era agradável comer numa sala tão grande, com chão de madeira e janelas de vidro a brilhar, negras, contra a noite exterior. Devagarinho, muito devagarinho, comeram os pêssegos doces e frios e beberam a calda dourada e, no fim, lamberam cuidadosamente as colheres.

Depois levantaram depressa a mesa e lavaram a loiça na despensa contígua. Baixaram as abas da mesa e puseram a toalha aos quadrados encarnados e brancos, com o reluzente candeeiro no centro.

A mãe sentou-se com Graça na cadeira de balanço e o pai disse:

- Isto dá a um homem o desejo de tocar música. Traz-me a rabeca, Laura! Esticou e afinou as cordas e passou resina pelo arco. Estavam de novo a chegar as noites de Inverno em que o pai tocava rabeca. Olhou em redor para todas, satisfeito, e para as paredes que os mantinham confortáveis.

- Tenho de arranjar qualquer coisa para fazer cortinas - disse a mãe.

O pai parou com o arco sobre a rabeca.

- Já pensaste, Carolina, que o nosso vizinho mais próximo,

96 - 97

para leste, está quase a cem quilómetros de distância e o nosso vizinho mais próximo, para oeste, a quase sessenta e cinco quilómetros? Quando o Inverno chegar em força será como se eles estivessem ainda mais longe. Temos o mundo só para nós! Hoje só vi um bando de gansos selvagens, a voar alto e depressa. Não pararam em nenhum dos lagos. Olha quem! Iam a toda a velocidade para o Sul. Tenho a impressão de que foi o último bando da estação. Até os gansos nos deixaram.

O arco da rabeca roçou pelas cordas e o pai começou a tocar Suavemente, Laura começou a cantar:

Uma noite, quando o vento soprava agreste,
Soprava agreste na charneca,
Chegou a jovem Maria com o filho
De regresso a casa, à porta do próprio pai,
E suplicou: Pai, oh, deixai-me entrar!
Tende piedade de mim, imploro-vos,
Ou o filho que tenho nos braços morrerá
Gelado pelo vento que sopra na agreste charneca.
O pai, porém, ficou surdo às suas súplicas,
Nem uma voz, nem um som, chegaram à porta.
Mas os cães de guarda uivaram
E os sinos da aldeia dobraram
E os ventos sopraram através...

O pai parou de tocar.

- Esta canção não se coaduna! - exclamou. - Em que estou eu a pensar? Vou tocar uma coisa que vale a pena cantar.

A rabeca cantou alegremente e o pai cantou com ela. Laura, Maria e Carrie cantaram também, com todas as ganas:

Viajei um bocado no meu tempo
E trabalhos encontrei alguns,
Mas achei melhor em todos os climas
Conduzir o meu próprio barco.
Poucas necessidades tenho.
Nada me importa,
Se as minhas dívidas forem pagas a horas.
Fujo da borrasca no oceano da vida
Enquanto conduzo o meu próprio barco.
Então ama o teu vizinho como a ti próprio
Enquanto pelo mundo fores viajando.
Nunca te sentes carrancudo ou choroso,
Mas conduz o teu próprio barco!

- Será isso que vamos fazer este Inverno - disse o pai. - E já o fizemos muitas vezes, antes. Não é verdade, Carolina?
- É, Charles - concordou a mãe. - E nem sempre estivemos tão confortáveis e tão bem abastecidos.
- Tudo bem agasalhado e aconchegado - corroborou o pai, a afinar a rabeca. - Empilhei sacos de aveia a um dos cantos do estábulo, a fim de arranjar um lugar para a vaca e a parelha. Também lhes não faltará comida com fartura e calor. É verdade, temos todos os motivos para nos sentirmos gratos.
Voltou a tocar rabeca. Tocou incansavelmente, jigas, danças de roda, danças rápidas e marchas, A mãe deitou Graça na sua caminha e fechou a porta. Depois sentou-se, a balançar-se indolentemente e a escutar a música. A mãe, Maria, Laura e Carrie ouviram até ficarem cheias, cheias de música. Ninguém disse que eram horas de dormir, pois tratava-se da primeira noite que passavam na casa nova, sozinhos na pradaria.
Por fim, o pai guardou a rabeca e o arco. Quando fechava a caixa, ouviram, vindo da noite, um uivo longo, solitário e triste. E que soava muito perto.
Laura levantou-se de um pulo e a mãe foi a correr confortar Graça, que gritava no quarto. Carrie continuou sentada, imóvel e branca, de olhos muito abertos e redondos.
- É... é apenas um lobo, Carrie - disse-lhe Laura.
- Então, então? - disse o pai, tranquilizador. - Até parece que nunca ouviram um lobo! Sim, Carolina, a porta do estábulo está bem fechada.

98 - 99

CAPÍTULO XV - O ÚLTIMO HOMEM A PARTIR.

Na manhã seguinte o sol brilhava, mas o vento estava mais frio e andava no ar um pressentimento de tempestade. O pai regressara de tratar dos animais e estava a aquecer as mãos junto do fogão, enquanto a mãe e Laura punham o pequeno-almoço na mesa, quando ouviram o barulho de um carroção. O veículo parou junto da porta principal, o condutor chamou e o pai foi ver de que se tratava. Através da janela, Laura viu-os a falar no vento frio.

Um instante depois o pai voltou e vestiu apressadamente o sobretudo e calçou as luvas, enquanto dizia:

- Temos um vizinho cuja presença eu ignorava ontem à noite; Um velho doente e sozinho. Vou vê-lo e quando voltar contar-lhes-ei tudo.
Partiu com o desconhecido e demorou algum tempo a regressar.

- Brrr! Está a arrefecer - disse, enquanto largava o sobretudo e as luvas numa cadeira e se inclinava para o fogão, a fim de se aquecer, antes de tirar o cachecol. - Bem, está feita uma boa obra;

»Aquele carroceiro foi o último a partir. Veio do rio Jim até aqui sem encontrar viva alma. Toda a gente partira. A noite passada, quando a escuridão o surpreendeu, viu uma luz a cerca de três quilómetros a norte do aterro e dirigiu-se para lá, na esperança de encontrar um lugar para pernoitar.

»Bem, Carolina, encontrou uma cabana numa reserva e um velho sozinho. O velho chama-se Woodworth, está tuberculoso e veio para cá a fim de fazer a cura do clima da pradaria. Passou o Verão todo na cabana da reserva e preparava-se para passar também todo o Inverno.

»Mas está tão fraco que o carroceiro tentou convencê-lo a partir. Que era a sua última oportunidade, disse-lhe, mas Woodworth não se deixou convencer. Por isso, quando esta manhã viu o fumo da nossa chaminé, o carroceiro parou, para ver se encontrava alguém que o ajudasse a persuadir o velho.

»Carolina, ele só tinha pele e osso. Mas estava decidido a continuar com a cura da pradaria. Afirmou tratar-se da única coisa que os médicos recomendavam como uma cura quase certa.

- Vem gente de todas as partes do mundo experimentá-la - observou a mãe.

- Bem sei, Carolina. Creio que estas pradarias são praticamente a única coisa que cura a tísica. Mas se o tivesses visto... Não, ele não estava em condições de ficar sozinho numa cabana a vinte e cinco quilómetros de qualquer vizinho. O lugar dele é com a sua família.

»Enfim, o carroceiro e eu lá o convencemos e metemos, com as suas coisas, no carroção. Pegámos-lhe com tanta facilidade como se fosse aqui a Carrie. No fim, ficou contente por partir. Terá muito mais conforto com a sua gente, no Leste.

- Se não morrer gelado a viajar num carroção num dia frio como este - comentou a mãe, a pôr mais carvão no lume.

- Ia bem agasalhado, com um bom sobretudo, e além disso embrulhámo-lo em cobertores e aquecemos um saco de aveia, para os seus pés. Não lhe acontecerá nada. Aquele carroceiro é um excelente tipo.

Ao pensar no velho que partira com o último carroceiro, Laura teve realmente consciência de como a região estava deserta. Levaram dois longos dias para chegar ao Grande Rio Sioux, e durante todo o caminho entre o Big Sioux e o Jim não havia absolutamente Alguém, a não serem eles, ali, na casa dos agrimensores.

- Pá, esta manhã viu rastos de lobo? - perguntou Laura.

- Sim, muitos, a toda a volta do estábulo. Muitos e grandes. Deve ser de lobos-búfalos. Mas não conseguiram entrar. As aves já partiram todas para sul e os antílopes fugiram,

100 - 101

assustados pelos homens que estiveram a trabalhar no aterro. Por isso, os lobos terão também de se ir embora. Não ficarão num lugar onde não poderão matar nada para comer.

Depois do pequeno-almoço foi ao estábulo e, assim que o trabalho da casa ficou feito, Laura pôs o xaile e foi também. Queria ver os rastos dos lobos.

Nunca os vira tão grandes nem tão profundos. Aqueles lobos deviam ter sido muito grandes e pesados.

- Os lobos-búfalos são os maiores da pradaria e muito ferozes - disse-lhe o pai. - Não gostaria nada de encontrar um sem ter uma arma comigo.

O pai examinava o estábulo cuidadosamente, para se certificar de que

todas as tábuas estavam bem pregadas. Pregou mais pregos, para tornar as paredes mais sólidas, e pôs mais uma tranca na porta.

- Se uma se partir, a outra deve aguentar - disse. Começou a nevar enquanto Laura lhe passava os pregos e ele os pregava. O vento soprava forte e frio, mas era um vento normal, de uma só direcção, e não um vento de nevasca. No entanto, era tão frio que não os deixava falar.

Ao jantar, na casa aquecida, o pai observou:

- Não creio que os Invernos vão ser muito maus, aqui. Parece que as nevascas atravessam o Minnesota ocidental e nós aqui estamos mais para oeste. Dizem que três graus para oeste é tão bom como um grau para sul. Depois do jantar, reuniram-se todos à volta do calor do fogão. A mãe embalou Graça devagarinho e Laura foi buscar a caixa da rabeca do pai. Começaram as felizes noites de Inverno.

Salve, heróis, eleitos do Céu! Firmes, unidos, estejamos Juntos à roda da nossa liberdade, Como um grupo de irmãos amigos. A Paz e a Segurança encontraremos. Salve Colúmbia, terra feliz! - cantou o pai com a rabeca. Olhou para Maria, serenamente sentada na sua cadeira de repouso, junto ao fogão, com os bonitos olhos cegos e as mãos abandonadas no colo.

- Que queres que toque para ti, Maria?

- Gostaria de ouvir a Maria Montanhesa, Pá. O pai tocou, suavemente, um verso.

- Então, Maria? Ajuda a cantar! - pediu, e cantaram juntos.

Que suave o florescer das alegres folhas verdes,
Que exuberante o desabrochar do espinheiro
Quando à sua sombra fragrante A apertei ao meu peito!
As horas douradas em asas angelicais
Voavam sobre mim e a minha amada,
Pois querida me era como luz e vida
A minha terna Maria Montanhesa.

- É lindo - disse Maria, quando a última nota morreu.

- É lindo, mas é triste - disse Laura. - Gosto mais de Quando Atravesso o Ribeiro.

- Vou tocá-la, mas não a cantarei sozinho - respondeu o pai. - Não é justo ter eu de fazer a festa toda.

Por isso, cantaram todos juntos a alegre cantiga. E Laura levantou-se e fingiu estar a atravessar um ribeiro, a segurar as saias acima dos tornozelos, a rir para trás, por cima do ombro, e cantando:

A moça Ilka seu moço tem,
Eu, dizem, não tenho nenhum,
Mas todos os moços me sorriem
Quando atravesso o ribeiro.

Depois a rabeca do pai tocou notas alegres, pequeninas, e ele cantou, brejeiro:

Sou o Capitão Jinks da Cavalaria Marítima!
Alimento o meu cavalo a milho e a feijão
E não raro ultrapasso os meus meios
Para cortejar as moças adolescentes,
Pois sou o Capitão Jinks da Cavalaria Marítima,
Pois do Exército sou capitão!

O pai fez sinal a Laura, que continuou a cantar com a rabeca:

Sou a Senhora Jinks de Madison Square,
Uso roupas finas, cabelo frisado,

102 - 103

O capitão teve uma fúria de pasmar
E do Exército foi enxotado!

- Laura! - exclamou a mãe. - Achas bonito uma menina cantar semelhante canção?

- Ela cantou-a bem - respondeu o pai. - Agora, Carrie, tens de fazer a tua parte. Vem para aqui com a Laura e vejamos o que sabes fazer.

Explicou-lhes como deviam dar as mãos e mover-se ao compasso de uma polca. Depois tocou e elas dançaram enquanto ele cantava:

Primeiro o calcanhar e depois o dedo, É assim que se marcam os passos,
Primeiro o calcanhar e depois o dedo, É assim que se marcam os passos,
Primeiro-o-calcanhar e-depois-o-dedo...

Tocou cada vez mais depressa e elas dançaram também cada vez mais depressa, com passos cada vez mais altos, para trás e para a frente e a rodopiar, até estarem sem fôlego e cheias de calor, de tanto dançarem e cantarem.

- Agora vamos experimentar uma valsinha - sugeriu o pai, e a música jorrou suavemente, em longas ondas deslizantes. - Deixem-se flutuar com a música - aconselhou o pai, suavemente. - Flutuem com a música, deslizem docemente e girem...

Laura e Carrie valsaram de um lado para o outro da sala e em seu redor, enquanto Graça, sentada ao colo da mãe, as observava de olhos arregalados e Maria escutava serenamente a música e o som dos pés que dançavam.

- Excelente, filhas - disse o pai. - Havemos de fazer isto mais vezes, este Inverno. Estão a crescer e precisam de saber dançar. Vão ser boas dançarinas, as duas.

- Oh, Pá, não vai parar, pois não?! - protestou Laura.

- Já passa muito da hora de deitar - respondeu-lhe o pai. - E haverá muitas mais noites longas e agradáveis antes da Primavera.

Quando Laura abriu a porta, desceu pela escada um frio cortante. Subiu apressadamente, com a lanterna acesa, seguida por Maria e Carrie, também apressada. Havia um calorzinho à volta do cano da chaminé, que vinha da sala de baixo, e foi junto dele que se despiram e, com dedos trémulos, enfiaram as camisas de dormir por cima da roupa interior de flanela.

104

A bater os dentes, meteram-se nas camas frias e Laura apagou a lanterna. No escuro, ela e Maria aninharam-se uma contra a outra e, lentamente, os cobertores foram aquecendo. A toda a volta da casa o frio negro da noite era tão alto como o céu e tão largo quanto o mundo, nele não havia nada além do vento solitário.

- Maria - murmurou Laura -, desconfio que os lobos se foram embora. Não os ouvi uivar, e tu?

- Espero que se tenham ido embora - respondeu-lhe Maria, sonolenta.

105

CAPÍTULO XVI - DIAS DE INVERNO.

O tempo arrefeceu. O lago da Prata estava gelado. Nevava, mas o vento deixava sempre o gelo limpo, empurrava a neve para a erva alta dos pântanos e amontoava-a em ondas nas margens baixas.

Em toda a pradaria branca só bulia a neve soprada pelo vento e o único som que quebrava o imenso silêncio era também o do vento.

Na casa aconchegada, Laura e Carrie ajudavam a mãe na lida caseira e Graça brincava, a correr com passos hesitantes e curtos na grande sala. Quando se cansava de brincar, subia para o colo de Maria, pois era o sítio mais quente, e Maria contava-lhe sempre uma história. Graça adormecia, quando lhe contavam histórias. Então a mãe deitava-a na caminha, junto do fogão, e instalavam-se todas para uma tarde tranquila e agradável passada a tricotar, a costurar e a fazer renda.

O pai tratava dos animais e percorria a série de armadilhas que montara ao longo da beira do Pântano Grande. No alpendre, esfolava raposas, coiotes e ratos almiscarados e esticava as peles em tábuas, para secar. A pradaria estava tão desolada e o vento era tão frio que Maria não saía de casa. Gostava de estar sentada a costurar na casa quente e agradável, a dar pontinhos pequeninos e certos com a agulha que Laura lhe enfiava.

Quando escurecia, Maria não guardava a costura e costumava dizer a Laura:

- Vejo quando tu não vês, porque vejo com os dedos.

- Sempre costuraste melhor do que eu - respondia-lhe Laura. - Foi uma coisa que sempre fizeste.

Até Laura gostava das tardes aconchegadas passadas a balançar nas cadeiras, a costurar e a conversar um bocadinho, embora tivesse a certeza de que nunca gostaria tanto de coser quanto Maria. Sentia-se muitas vezes desassossegada, em casa. Então ia de janela em janela, olhava para um turbilhão de flocos de neve e prestava atenção ao vento, até a mãe dizer, brandamente:

- Com franqueza, Laura, não sei que te dá!

Se o sol brilhava, estivesse o frio que estivesse, Laura tinha de sair.

Quando a mãe as deixava, ela e Carrie, bem agasalhadas com casacos, capuzes, sapatos, luvas e cachecóis, iam escorregar no lago da Prata. De mãos dadas, corriam um bocadinho e depois deixavam-se escorregar no gelo escuro e liso. Primeiro num pé, depois no outro, com pequenas corridas de permeio, andavam de um lado para o outro, ofegantes, quentes e risonhas. Eram maravilhosos esses dias em que podiam sair para o frio cintilante e cortante. Depois sabia bem regressar à casa quente e confortável e jantar. E, durante o serão passado a ouvir música, a cantar e a dançar, Laura era a mais alegre de todos.

Num dia tempestuoso, o pai levou um quadrado de madeira para junto do fogão e, com o lápis, dividiu-o em pequenos quadrados, dentro de uma cercadura simples.

- Que está a fazer, Pá? - perguntou Laura.

- Espera e verás - respondeu-lhe ele.

Aqueceu a ponta do atizador no fogão, até ficar rubra, e, cuidadosamente, queimou quadradinho sim, quadradinho não, até os deixar pretos.

- A curiosidade matou o gato, Pá - disse Laura.

- Mas tu pareces muito saudável.

E, num silêncio que mais aguçava ainda a curiosidade, serviu-se de outro bocado de madeira e fez vinte e quatro quadradinhos. Colocou metade deles no fogão e foi-os virando, até ficarem todos pretos.

Depois colocou todos os quadradinhos nos quadrados da tábua e pôs esta nos joelhos.

- Pronto, Laura! - exclamou.

- Pronto o quê?

- Isto são damas e isto é um tabuleiro de damas. Puxa a cadeira para te

ensinar como se joga.

Laura aprendeu tão bem que antes de a tempestade acabar já ganhara um jogo ao pai. Mas depois disso não jogaram tão imoderadamente. A mãe não gostava de jogar, nem Carrie, e, por isso, ao fim de um jogo o pai arrumava sempre o tabuleiro.

- O jogo das damas é um jogo egoísta, pois só podem jogar dois - disse. - Traz-me a rabeca, traquininhas.

108

CAPÍTULO XVII - LOBOS NO LAGO DA PRATA.

Chegou uma noite em que o luar brilhava claro como prata. A terra era uma brancura infinita e não soprava vento.

Para lá de cada janela o mundo branco estendia-se, numa refulgência gelada, e o céu era uma curva de luz. Laura não era capaz de se sentar a fazer qualquer coisa. Não lhe apeteciam jogos e quase nem ouvia a música da rabeca do pai. Não queria dançar, mas sabia que precisava de se mexer velozmente. Tinha de ir a qualquer lado.

De súbito, gritou:

- Carrie, vamos deslizar no gelo!

- À noite, Laura? - perguntou a mãe, admirada.

- Lá fora está claro - respondeu Laura. - Quase tão claro como se fosse dia.

- Não faz mal, Carolina - disse o pai. - Não há nada que lhes faça mal, a não ser que se demorem tanto tempo que enregelam.

Por isso, a mãe acedeu:

- Podem ir dar uma corrida rápida. Mas não fiquem até arrefecerem.

Laura e Carrie apressaram-se a vestir os casacos e a pôr os carapuços e as luvas. Os seus sapatos eram novos e as solas grossas, a mãe tricotara-lhes meias de lã e a roupa interior de flanela chegava-lhes aos joelhos e ajustava-se, com uma tira, à volta de cada meia. As combinações de flanela também eram grossas e quentes e os vestidos e os casacos eram de lã, assim como os carapuços e os cachecóis.

Saíram da casa quente, de rompante, para o ar que, de tão frio, cortava a respiração e parecia vibrar. Fizeram uma corrida pelo carreiro coberto de neve até ao estábulo. Depois seguiram o caminho que os cavalos e a vaca abriram quando o pai os levava através da neve, para beberem no buraco que ele cortara no gelo do lago.

- Não nos devemos aproximar do buraco da água - disse Laura, e conduziu Carrie ao longo da margem até estarem bem afastadas dele. Depois pararam e olharam para a noite.

Estava tão bonita que quase nem podiam respirar. A grande Lua redonda pendia do céu e a sua luz derramava-se sobre um mundo prateado. Muito, muito ao longe, em todas as direcções, estendiam-se planuras imóveis, a brilhar suavemente, como se fossem feitas de luz suave. No meio ficava o lago escuro e liso, atravessado por um reluzente caminho de luar. A erva alta erguia-se em linhas pretas de neve empurrada pelo vento para os pântanos.

O estábulo encontrava-se, baixo e escuro, perto da margem e numa pequena elevação erguia-se, escura e pequena, a casa dos agrimensores, com a luz amarela da janela a brilhar no seu negrume.

- Que silêncio! - segredou Carrie. - Escuta como está tudo silencioso.

O coração de Laura dilatou-se. Sentiu-se pessoalmente parte da vasta Terra, do céu distante e alto e do luminoso luar. Apeteceu-lhe voar. Mas Carrie era pequena e estava quase assustada e, por isso deu-lhe a mão e

disse:

- Vamos escorregar. Anda, corre!

De mãos dadas, correram um bocadinho. Depois, com o pé direito à frente, escorregaram no gelo liso, numa distância muito maior do que a percorrida a correr.

- No caminho do luar, Carrie! Vamos pelo caminho do luar! -gritou Laura. E lá foram correndo e deslizando, e correndo e deslizando de novo, pelo cintilante caminho do luar, na direcção da luz que jorrava da Lua prateada. Afastaram-se cada vez mais da margem, direitas à margem alta do outro lado.

Quase tinham a sensação de voar. Se Carrie perdia o equilíbrio, Laura segurava-a. Se era Laura que se desequilibrava, a mão de Carrie não a deixava cair.

Perto da margem oposta, quase na sombra do aterro alto, pararam. Qualquer coisa levou Laura a olhar para cima, para o cume do aterro.

E lá, recortado contra o luar, estava um grande lobo!

O animal olhava para ela. O vento agitava-lhe o pêlo, do qual o luar parecia entrar e sair.

- Voltemos para trás - disse Laura, muito depressa, e virou-se arrastando Carrie consigo. - Vou mais depressa do que tu.

Correu e deslizou e voltou a correr, o mais depressa que pôde, mas Carrie não se deixou ficar para trás.

- Eu também o vi - murmurou Carrie, a ofegar. - Era u lobo?

- Não fales! - respondeu-lhe Laura. - Vem depressa! Laura ouvia os pés de ambas a correr e a deslizar no gelo. Escutava, para ver se ouvia mais algum som atrás delas, mas não ouvia nada. Continuaram a correr e a deslizar sem dizer palavra até chegarem ao caminho que passava pelo buraco da água. Quando corriam pelo caminho acima, Laura olhou para trás, mas não viu nada no lago nem no aterro, do outro lado.

Laura e Carrie não pararam de correr. Correram pela encosta acima até casa, abriram a porta das traseiras e entraram a correr no alpendre.

Atravessaram-no, escancararam a porta da sala, fecharam-na com força e encostaram-se a ela, a ofegar.

O pai levantou-se logo.

- Que foi? - perguntou. - Que as assustou?

- Era um lobo, Laura? - perguntou Carrie, ofegante.

- Foi um lobo, Pá - respondeu Laura, a fazer um esforço para recuperar o fôlego. - Um grande, um enorme lobo! Tive medo de que a Carrie não conseguisse correr depressa, mas ela conseguiu.

- Não me admira! - exclamou o pai. - Onde está o lobo?

- Não sei. Desapareceu - respondeu Laura. A mãe ajudou-as a despir os agasalhos.

- Sentem-se e descansem! Estão sem fôlego.

- Onde estava o lobo? - insistiu o pai.

- Lá em cima, no aterro - respondeu Carrie, e Laura acrescentou:

- No aterro alto da outra margem do lago.

- Vocês foram até lá? - inquiriu o pai, surpreendido. - E correram todo o caminho até aqui, depois de o verem! Não fazia ideia de que fossem tão longe. É quase um quilómetro.

- Seguimos o caminho do luar - explicou Laura, e o pai olhou-a de modo estranho.

- Era de esperar! - comentou. - Pensava que os lobos tinham partido. Foi descuido meu. Amanhã vou procurá-los.

Maria estava imóvel, mas pálida.

- Oh, raparigas! - exclamou, quase num sussurro. - E se ele as tivesse apanhado?

Depois calaram-se todos, enquanto Laura e Carrie descansavam.

Laura sentia-se grata por estar em segurança na sala aquecida, com a desolada pradaria lá fora. Se tivesse acontecido alguma coisa a Carrie

110 - 111

a culpa teria sido sua, por a ter levado tão longe, através do lago. Mas não acontecera nada. Quase lhe parecia ver outra vez o grande lobo, com o vento a agitar-lhe o luar do pêlo.

- Pá! - disse, em voz baixa.

- Que é, Laura?

- Espero que não encontre o lobo, Pá.

- Mas porquê, Laura? - perguntou a mãe, admirada.

- Porque ele não nos perseguiu - respondeu Laura. - Não nos perseguiu, Pá, e podia ter-nos apanhado.

Ouviu-se um longo e selvagem uivo de lobo, que se perdeu no silêncio. Respondeu-lhe outro e depois voltou o silêncio.

Laura teve a impressão de que o coração lhe dava uma cambalhota e levantou-se. Sentiu-se grata ao sentir a mão da mãe no seu braço, a serená-la.

- Pobre pequena! Estás muito nervosa e o caso não é para menos - disse a mãe, docemente.

A mãe tirou um ferro de engomar quente da parte de trás do fogão, embrulhou-o bem num pano e deu-o a Carrie.

- São horas de dormir - disse. - Aqui tens o ferro quente para os pés. - Embrulhou outro e acrescentou: - E aqui está o teu, Laura. Coloca-o no meio da cama, para os pés da Maria também lhe chegarem.

Quando Laura fechou a porta da escada, depois de saírem da sala, o pai estava a falar muito sério com a mãe. Mas ela não ouviu o que diziam por causa do zumbido dos seus ouvidos.

112

CAPÍTULO XVIII - O PAI ENCONTRA A RESERVA.

Na manhã seguinte, depois do pequeno-almoço, o pai pegou na espingarda e saiu. Laura passou a manhã à espera de ouvir um tiro e sem querer ouvi-lo. Nem um momento esqueceu o grande lobo sentado, imóvel, ao luar que lhe brilhava no pêlo denso.

O pai chegou atrasado para o almoço. Passava muito do meio-dia quando bateu com os pés, para sacudir a neve das botas, no alpendre. Entrou, colocou a espingarda na parede e pendurou o boné e o sobretudo no prego que lhes estava destinado. Quanto às luvas, suspendeu-as pelos polegares da corda estendida atrás do fogão, Para secarem. Depois lavou a cara e as mãos na bacia de folha que estava no banco e, a olhar para o espelho que havia por cima, penteou o cabelo e a barba.

- Desculpa ter-me atrasado para o almoço, Carolina. Demorei-me mais do que esperava; tive de ir mais longe do que tencionava.

- Não tem importância, Charles. Conservei o almoço quente. Para a mesa, Filhas, não façam esperar o pai.

- Que distância percorreu, Pá? - perguntou Maria.

- Mais de dezasseis quilómetros, ao todo. Os rastros daqueles lobos fizeram-me andar muito!

- Apanhou o lobo, Pá? - perguntou Carrie; Laura não disse nada.

O pai sorriu a Carrie, ao responder:

- Então, então, não faças perguntas. Eu conto tudo. Atravessei o lago,

seguindo as marcas que vocês deixaram, ontem à noite, que julgam que encontrei no aterro alto onde viram o lobo?

- Encontrou o lobo - respondeu Carrie, confiadamente. Laura continuava calada. A comida sufocava-a, quase não conseguia engolir a mais pequena coisa.

- Encontrei a caverna dos lobos - disse o pai. - E as maiores pegadas de lobos que já vi. Filhas, a noite passada estiveram naquela caverna dois grandes lobos-búfalos.

Maria e Carrie abriram a boca de espanto e a mãe exclamou:

- Charles!

- Agora é tarde para ter medo - redarguiu o pai. - Mas foi isso que vocês fizeram: foram direitas à caverna dos lobos e os lobos estavam lá.

»Os rastros eram frescos e todos os sinais indicavam claramente o que eles estiveram a fazer. Trata-se de uma caverna antiga e, pelo tamanho dos bichos, não eram lobos jovens. Eu diria mesmo que viveram ali durante alguns anos, mas não têm lá estado a viver este Inverno.

»Vieram do Noroeste, ontem à noite, e foram direitinhos à caverna.

Ficaram nas imediações, a entrar e a sair, talvez até esta manhã. Segui-lhes os rastros a partir de lá, através do Pântano Grande e pela pradaria, na direcção sudoeste.

»Os lobos nunca pararam, desde o momento em que deixaram a antiga caverna. Trotaram lado a lado, como se tivessem iniciado uma longa viagem e soubessem para onde iam. Segui-os o tempo suficiente para me certificar de que não os poderia atingir a tiro. Partiram definitivamente.

Laura respirou fundo, como se até àquele momento se tivesse esquecido de respirar. O pai olhou-a e perguntou-lhe:

- Estás contente por eles terem escapado, Laura?

- Estou, sim, Pá. Eles não nos perseguiram.

- Pois não, Laura, não as perseguiram. Mas confesso que não consigo imaginar porquê.

- Que teriam ido fazer à velha caverna? - perguntou, admirada, a mãe.

- Vê-la, apenas - respondeu o pai. - Suponho que vieram visitar o antigo lugar onde viveram antes de chegarem os niveladores e partirem os antílopes. Talvez lá tivessem vivido antes de os caçadores matarem o último búfalo. Em tempos, havia lobos-búfalos em toda esta região, mas já não restam muitos, nem por aqui. Os caminhos-de-ferro e os povoados vão os expulsando sempre mais para oeste. Uma coisa é certa, se eu percebo alguma coisa de rastros de animais selvagens: aqueles dois lobos vieram direitos de oeste e regressaram direitos a oeste, e tudo quanto fizeram aqui foi parar uma noite na velha caverna. Não me admiraria muito se fossem praticamente os últimos lobos-búfalos que jamais serão vistos nesta parte do país.

- Pobres dos lobos, Pá - lamentou Laura.

- Valha-nos Deus! - exclamou a mãe, zangada. - Há muitas coisas de que ter pena, sem precisarmos de lamentar os sentimentos de animais selvagens! O que devem é sentir-se gratas por as feras não terem feito mais do que assustá-las a noite passada!

- Mas ainda não disse tudo, Carolina - anunciou o pai. - Tenho novidades: encontrei a nossa reserva!

- Oh, onde, Pá?! Como é? A que distância fica? - perguntaram, muito agitadas, Maria, Laura e Carrie.

- Ainda bem - disse a mãe.

O pai empurrou o prato para trás, bebeu o chá, limpou o bigode e explicou:

- É conveniente em todos os sentidos. Fica a sul do ponto onde o lago se junta ao Pântano Grande e o pântano curva para oeste da reserva. Há uma elevação na pradaria, a sul do pântano, que será um bom lugar para

construir. Um pequeno monte, mesmo a oeste, empurra o pântano para trás, desse lado. Na área de cultivo há feno de terras altas e terra arável, a sul, e bons pastos em toda a área. Tudo quanto um lavrador poderia desejar. E fica perto do sítio destinado à cidade, o que significa que as pequenas podem ir à escola.

- Estou contente, Charles - disse a mãe.

- É engraçado! Há meses que tenho andado por aí à procura e nunca encontrara uma área que me satisfizesse completamente. E ela ali à espera, desde o princípio! Provavelmente, nunca a teria encontrado se a perseguição dos lobos me não tivesse levado através do lago e ao longo do pântano, daquele lado.

- Sentir-me-ia mais tranquila se a tivesses registado no Outono.

- Ninguém estará aqui este Inverno - tranquilizou-a o pai, confiante - Partirei para Brookins e registarei a reserva na próxima Primavera, antes que apareça alguém à procura de terra.

116

CAPÍTULO XIX - VÉSPERA DE NATAL.

Negara todo o dia e ainda estavam a cair flocos macios e grandes. Como o vento estava fraco, a neve acumulava-se no chão, a formar altura, e o pai levou a pá com ele, quando foi tratar dos animais, ao entardecer. ;

-Vamos ter um Natal branco - disse.

- Sim, mas como estamos todos aqui e todos bem, será um alegre natal - comentou a mãe.

A casa dos agrimensores estava cheia de segredos. Maria tricotara umas peúgas novas e quentinhas para o presente de Natal do pai. Laura fizera-lhe uma gravata de um bocado de seda que encontrara no saco dos trapos da mãe. Sozinhas no sótão, ela e Carrie fizeram um avental para a mãe, de uma das cortinas de pano estampado que estiveram postas na cabana. No saco dos trapos encontraram um bocado de bonita musselina branca e Laura cortara um quadrado e, em segredo, Maria embainhara-o com os seus belos pontos e fizera um lenço para a mãe. Meteram-no na algibeira do avental. DePois embrulharam o avental em papel de seda e esconderam-no debaixo dos retalhos da manta, na caixa de Maria.

Havia um cobertor com riscas encarnadas e verdes nas extremidades. O cobertor estava puído, mas as pontas às riscas estavam puídoe a mãe aproveitara-as para cortar sapatos de dormir para Maria. Laura fizera um e Carrie o outro, cosendo e virando e alindando-os com cordões e borlas de fio. Os sapatos estavam cuidadosamente escondidos no quarto da mãe, para que Maria os não encontrasse.

Laura e Maria quiseram fazer luvas para Carrie, mas a lã não chegava.

Havia um pouco de lã branca, um pouco de vermelha e um pouco de azul, mas nenhuma cor era suficiente para fazer as luvas.

- Já sei! - exclamou Maria. - Fazemos as mãos brancas e os Punhos às riscas encarnadas e azuis!

Todas as manhãs, enquanto Carrie fazia a sua cama, no sótão,

Laura e Maria tricotavam a toda a velocidade e quando a ouviam descer escondiam as' luvas no cesto de costura de Maria. Até que ficaram prontas.

O presente de Natal de Graça seria o mais bonito de todos. Trabalharam todas nele, na sala aquecida, pois Graça era tão pequenina que não percebia de que se tratava.

A mãe tirara a pele do cisne dos panos onde estava cuidadosamente

embrulhada e cortara um pequenino capuz. A pele era tão delicada que a mãe não confiara a ninguém esse trabalho. Foi ela própria quem deu todos os pontos do capuz. Mas deixou Laura e Carrie unirem o forro, de bocados de seda azul do saco dos trapos. Depois de a mãe coser o capuz de penugem de cisne ao forro, aquele não se rasgaria.

Em seguida a mãe voltou a procurar no saco dos trapos e escolheu um grande bocado de fazenda de lã azul, que em tempos fora do seu melhor vestido de Inverno, e cortou um casaquinho. Laura e Carrie coseram as costuras e abriram-nas; Maria encarregou-se dos pontinhos da bainha. Por fim, a mãe pregou-lhe uma gola de macia penugem de cisne e punhos estreitos, também de penugem de cisne, nas mangas.

O casaco azul enfeitado com a branca penugem de cisne e o delicado capuz de penugem de cisne e forro tão azul como os olhos de Graça ficaram lindos.

- É como fazer roupa para bonecas - observou Laura.

- A Graça ficará mais encantadora do que qualquer boneca - declarou Maria.

- Vamos vesti-la agora, para ver como fica! - pediu Carrie, a dançar de excitação.

Mas a mãe disse que o casaco e o capuz tinham de ficar guardados até ao Natal, e ficaram. Agora só esperavam que a manhã seguinte chegasse.

O pai fora caçar. Disse que tencionava matar o maior coelho do território para o almoço do Natal. E matou. Pelo menos, levou para casa o maior coelho que já tinham visto. Esfolado, limpo e gelado. esperava no alpendre, para ser assado no outro dia.

O pai veio do estábulo e bateu com os pés, para sacudir a neve. Quebrou o gelo que se lhe formara no bigode e estendeu as mãos para o calor do fogão.

- Apre! - exclamou. - Pôs-se um destes frios para a véspefa do Natal!

Está demasiado frio para o Pai Natal se aventurar aí Por fora - acrescentou, e os seus olhos brilharam, a olhar para Carrie-

- Não precisamos do Pai Natal. Estivemos todas... - começou Carrie, mas depois tapou a boca com a mão e olhou muito depressa, para ver se Laura e Maria repararam como estivera quase a revelar os segredos.

O pai virou-se, para aquecer as costas ao calor do forno, e olhou, contente, para elas todas.

- Pelo menos estaremos todos bem quentinhos e aconchegados, com um tecto por cima de nós - disse. - A Ellen e o Sam e o David também estarão quentes e confortáveis, e eu dei-lhes uma ração maior, por ser véspera de Natal. Este Natal é muito bom, não é, Carolina?

- É, sim, Charles - respondeu a mãe, enquanto punha a terrina de papas de milho quentes em cima da mesa e deitava o leite. - Anda comer. Um jantar quente aquecer-te-á mais depressa do que qualquer outra coisa, Charles.

Durante o jantar conversaram de outros Natais. Passaram muitos Natais juntos, e ali estavam de novo, todos reunidos, quentes, bem comidos e felizes. No andar de cima, na caixa de Laura, ainda se encontrava Carlota, a boneca de trapos que encontrara na sua meia de Natal na Grande Floresta. Os púcaros de folha e as moedas de cêntimo do Território índio já não existiam, mas Laura e Maria lembravam-se do Sr. Edwards, que percorrera sessenta e cinco quilómetros para Independence, e volta, a fim de lhes levar esses presentes do Pai Natal. Nunca mais tiveram notícias do Sr. Edwards, desde que ele iniciara sozinho a descida do rio Verdigris, e sentiram curiosidade quanto ao que seria feito dele.

- Onde quer que esteja, desejemos que tenha tanta sorte como nós - disse o pai; onde quer que ele estivesse, recordavam-no e desejavam-lhe felicidades.

- E o Pá está aqui - disse Laura -, não está perdido numa nevasca.

Por instantes, olharam todas silenciosamente para o pai, a recordar-se daquele horrível Natal em que ele quase não regressara a casa e elas recearam que não regressaria nunca. Subiram lágrimas aos olhos da mãe, que tentou disfarçá-las, mas Acabou por ter de limpá-las com a mão. Fingiram todos que não repararam. - É só gratidão, Charles - disse a mãe, a assoar-se. Depois o pai desatou a rir. - A figura que eu fiz! - exclamou. - Quase morri de fome durante três dias e três noites, comi os biscoitos de ostra e os chupa-chupas do Natal e, afinal,

119

encontrava-me debaixo do aterro do nosso próprio ribeiro, a menos de cem metros de casa! - Creio que o melhor Natal foi aquele da árvore de Natal da catequese - disse Maria. - Tu és muito pequena para te lembrares, Carrie, mas foi tão maravilhoso! - Mas não foi tão bom como este, na verdade - observou Laura. - Agora a Carrie já tem idade para se lembrar e temos a Graça. Havia Carrie - o lobo não lhe fizera mal - e no colo da mãe estava sentada a irmã mais novinha, Graça, com o seu cabelo da cor do sol e os seus olhos tão azuis como violetas. - Sim, realmente este é o melhor - concordou Maria. - E talvez para o ano haja aqui catequese, também. As papas de milho estavam comidas. O pai sorveu a última gota de leite e bebeu o seu chá. - Bem - disse -, não podemos ter uma árvore, porque no lago da Prata não há nem um arbusto. Nem, aliás, a quereríamos só para nós. Mas podemos fazer uma festazinha de catequese só para nós, Maria. Foi buscar a caixa da rabeca e, enquanto a mãe e Laura lavavam e arrumavam a louça afinou-a e passou resina no arco. Havia geada espessa nas vidraças e nas fendas à volta da porta. Flocos de neve batiam na parte superior dos vidros, onde ainda não se acumulara a geada. Mas o candeeiro brilhava na toalha aos quadrados encarnados e brancos e via-se o fulgor do lume pelas fendas de tiragem do fogão. - Não podemos cantar já a seguir ao jantar - observou o pai. - Por isso, vou só desemperrar a rabeca. Tocou alegremente Pelo Rio abaixo, no O-hi-ot, Porque Tocam os Sinos tão Alegremente e Toquem os sinos, toquem os sinos, Toquem todo o caminho! Oh, como é divertido andar Num trenó aberto de um cavalo só! Depois parou e perguntou-lhes, a sorrir: - Já estão preparadas para cantar? A voz da rabeca modificou-se: ia cantar um hino. O pai tocou algumas notas e a seguir cantaram todos:

Sim, nasce uma manhã mais luminosa,
Vêm aí melhores dias.
Todo o mundo despertará Numa nova e dourada aurora.
E muitas nações virão e dirão:
Vinde, subamos a montanha do Senhor!
E Ele ensinar-nos-á,
Ele ensinar-nos-á
A percorrer os Seus caminhos.

A voz da rabeca dispersou-se, como se o pai estivesse a tocar os seus

pensamentos, só para si. Mas deles nasceu uma melodia que vibrou docemente, até todas fazerem coro e cantarem:

O sol pode dar à erva vida,
O orvalho, à flor pendente;
E olhos podem brilhar e admirar a luz
Da primeira hora do Outono.
Mas palavras que falam de ternura E sorrisos que sabemos sinceros São
mais quentes do que o Verão E mais luminosos do que o orvalho.
Não é muito o que o mundo pode dar
Com toda a sua subtil arte;
E ouro e pedras preciosas não são
As coisas que satisfazem o coração.
Mas, oh, se quantos se reúnem
À volta do altar e da lareira
Tiverem meigas palavras e doces sorrisos,
Como será bela a Terra!

No meio da música, Maria perguntou:

- Que foi aquilo?

- O quê, Maria? - perguntou o pai.

- Pareceu-me ouvir... Escutem!

Escutaram. O candeeiro emitia uma espécie de leve crepitar e as brasas iam-se acamando suavemente no fogão. Para lá do pequeno espaço acima da geadada branca das janelas, os flocos de neve brilhavam à luz do candeeiro, que se reflectia nos vidros.

- Que te pareceu ter ouvido, Maria? - insistiu o pai.

120 - 121

- Pareceu... Ouçam, lá está de novo!

Desta vez todos ouviram um grito. Um homem gritava na noite, no meio da tempestade. E voltou a gritar, muito perto da casa. A mãe levantou-se, sobressaltada.

- Charles! Quem poderá ser?

122

CAPÍTULO XX - A NOITE ANTES DO NATAL.

O pai colocou a rabeca na caixa e abriu muito depressa a porta principal. Neve e frio entraram num turbilhão e com eles, de novo, um grito:

- Eh, Ingalls!

- É o Boast! - exclamou o pai. - Venha! Venha! Agarrou no sobretudo e no boné, puxou-os para fora do prego e saiu para o frio.

- Deve estar quase gelado! - exclamou a mãe, e apressou-se a pôr mais carvão no lume. Do exterior vinham vozes e o riso do Sr. Boast.

Depois a porta abriu-se e o pai disse:

- Está aqui a Sr.a Boast, Carolina. Nós vamos recolher os cavalos.

A Sr.a Boast parecia uma grande trouxa de casacos e cobertores, que a mãe lhe ajudou a tirar, camada após camada.

- Venha para junto do fogão! Deve estar quase gelada!

- Oh, não! - respondeu-lhe uma voz agradável. - O cavalo estava quente, quando me sentei nele, e o Roberto envolveu-me em tantos cobertores que o frio não me podia chegar. Até conduziu o cavalo,

para eu poder ficar com as mãos agasalhadas.

- Mesmo assim, este véu está gelado - observou a mãe, a desenrolar metros de véu de lã gelada da cabeça da Sr.a Boast, cujo rosto apareceu, finalmente, emoldurado por um capuz debruado de pele. A Sr.a Boast não parecia muito mais velha do que Maria. Tinha cabelos de um castanho suave e olhos azuis de compridas pestanas.

- Veio todo este caminho a cavalo, Sr.a Boast? - perguntou a mãe.

- Oh, não! Apenas uns três quilómetros. Vínhamos num trenó atrelado, mas atolámo-nos na neve, num pântano. A parelha e o trenó caíram pela neve abaixo. Roberto conseguiu soltar a parelha, mas tivemos de deixar o trenó.

- Compreendo - disse a mãe. - A neve acumula-se em cima da erva alta do pântano e não se consegue distinguir onde este está. Mas a erva, por baixo, não suporta nenhum peso. - Ajudou a Sr.a Boast a despir o casaco.

- Sente-se na minha cadeira, Sr.a Boast. É o lugar mais quente - ofereceu Maria, mas a Sr.a Boast disse que se sentaria ao lado dela.

O pai e o Sr. Boast chegaram ao telheiro e fizeram muito barulho a sacudir a neve das botas. O Sr. Boast riu-se e em casa riram-se todos, também. Até a mãe.

- Não sei porque é - disse Laura à Sr.a Boast. - Nem sequer sabemos qual foi a graça, mas quando o Sr. Boast se ri...

A Sr.a Boast também se estava a rir.

- É contagioso - disse.

Laura olhou-lhe para os olhos azuis e risonhos e pensou que ia ser um Natal alegre.

A mãe estava a mexer massa de biscoitos.

- Como está, Sr. Boast? - cumprimentou. - O senhor e a sua mulher devem estar esfomeados. Mas eu preparo o jantar num instante.

Laura pôs fatias de carne de porco salgada numa caçarola, para uma fervura, e a mãe meteu os biscoitos no forno. Depois escorreu a gordura da carne, passou as fatias por farinha e pô-las a fritar, enquanto Laura descascava e cortava batatas.

- Frito-as em cru - disse-lhe a mãe, em voz baixa, na despensa - e fazemos um molho de leite e um bule de chá fresco. Não há problemas quanto a comida, mas que vamos fazer a respeito de presentes?

Laura não pensara nisso. Não tinham presentes para o Sr. e para a Sr.a Boast. A mãe saiu da despensa, para fritar as batatas e fazer o molho, e Laura pôs a mesa.

- Não me lembro de ter comido uma refeição que me soubesse tão bem - disse a Sr.a Boast, depois de jantar.

- Não os esperávamos antes da Primavera - disse o pai. - O Inverno é má altura para tal viagem.

- Nós descobrimos isso mesmo - concordou o Sr. Boast. - Mas digo-lhe, Ingalls, o país inteiro partirá para o Oeste na Primavera. Vem aí o Iova em peso e nós pensámos que seria conveniente adiantarmo-nos à confusão, não fosse algum espertalhão instalar-se na nossa reserva. Por isso, viemos sem querer saber do tempo. Você devia ter registado uma reserva no Outono. Terá de se apressar, na Primavera, ou não lhe restará terra nenhuma.

O pai e a mãe entreolharam-se, muito sérios, a pensar na reserva que o pai escolhera. Mas a mãe limitou-se a dizer:

- Está a fazer-se tarde e a Sr.a Boast deve estar cansada.

- Se estou! - admitiu a Sr.a Boast. - Foi uma viagem dura, e pior ainda quando tivemos de abandonar o trenó e vir a cavalo, no meio da tempestade. Ficámos tão contentes quando vimos a vossa luz! E quando nos aproximámos ouvimo-los cantar. Não imaginam como nos alegrou.

- Tu dormes na cama com a Sr.a Boast, Carolina, e o Boast e eu ajeitamos aqui, junto do fogão - decidiu o pai. - Vamos só cantar mais uma canção e depois tudo para a cama!
Tirou a rabeca do seu ninho, na caixa, e experimentou, para ver se estava afinada.

- Que há-de ser, Boast?

- Feliz Natal na Terra - respondeu o Sr. Boast, e a sua voz de tenor juntou-se à de baixo do pai. Seguiram-se o alto suave da Sr.a Boast, o soprano de Laura e Maria e o contralto da mãe. Não faltou também a vizinha aguda e feliz de Carrie:

Feliz, feliz Natal na Terra.' Alegremente vibra no ar; Sinos de Natal, árvores de Natal, Odores de Natal na brisa.

Porque havemos de tão alegremente Cantar com grata ventura? Olhai, o Sol da Justiça Brilha sobre a Terra!

Luz para caminheiros fatigados, Conforto para os oprimidos; Ele conduzirá os confiantes Ao perfeito repouso.

- Boa noite! Boa noite! - disseram todos.

A mãe foi ao sótão buscar a roupa da cama de Carrie para o pai e para o Sr. Boast.

- Os cobertores deles estão encharcados - explicou. - Vocês podem dormir as três numa cama, durante uma noite.

- Ma, e os presentes? - perguntou Laura, baixinho.

- Não te preocupes, cá me hei-de arranjar - respondeu-lhe a mãe, no mesmo tom de voz. - Agora durmam, filhas - acrescentou, alto. - Boa noite, durmam bem!

Em baixo, a Sr.a Boast cantarolava baixinho: Luz para caminheiros fatigados...

127

CAPÍTULO XXI - FELIZ NATAL.

Quando Laura ouviu a porta fechar-se, depois de o pai e o Sr. Boast saírem para tratar dos animais, vestiu-se, a bater os dentes com frio, e desceu, para ajudar a mãe a preparar o pequeno-almoço.

Mas a Sr.a Boast já estava a ajudar a mãe. A sala estava quente, graças ao fogão bem atestado, e estavam papas ao lume, na forma comprida. A chaleira fervia e a mesa estava posta.

- Feliz Natal! - disseram ao mesmo tempo a mãe e a Sr.a Boast.

- Feliz Natal - respondeu Laura, mas a olhar para a mesa.

Em cada lugar, o prato estava virado em cima da faca e do garfo, como de costume. Mas em cima do fundo dos pratos estavam embrulhos, pequenos e grandes, uns de papel de seda colorido e outros de simples papel de embrulho com cordel colorido.

- Ontem não pendurámos meias, Laura e, por isso, temos os nossos presentes na mesa do pequeno-almoço - disse a mãe.

Laura voltou para o sótão e falou a Maria e a Carrie da mesa do pequeno-almoço.

- A mãe sabia onde escondemos os presentes todos menos o dela - disse. - Estão todos na mesa.

- Mas nós não podemos receber presentes! - exclamou Maria horrorizada. - Não há nada para o Sr. e para a Sr.a Boast!

- A mãe resolverá isso - tranquilizou-a Laura. - Foi o que me disse ontem à noite.

- Mas como? - preocupou-se Maria. - Nós não sabíamos que eles vinham! Não há nada que lhes possamos dar!

- A mãe consegue remediar tudo - afirmou Laura.

Tirou o presente da mãe da caixa de Maria e escondeu-o atrás de si enquanto desciam a escada juntas. Carrie colocou-se entre ela e a mãe, para Laura pôr rapidamente o embrulho no prato da mãe. Estava um embrulhinho no prato da Sr.a Boast e outro no do Sr. Boast.

- Oh, não posso esperar! - disse Carrie, baixinho, a apertar as mãos magrinhas; o seu rosto pontiagudo estava branco e os seus olhos brilhavam, muito abertos.

- Podes, sim. Não tens outro remédio - respondeu-lhe Laura.

Era mais fácil para Graça, que por ser tão pequenina nem reparara na mesa do Natal. Mas até Graça estava tão agitada que Maria teve dificuldade em abotoar-lhe o vestido.

- Fuiz Natau! Fuiz Natau! - gritava Graça, irrequieta, e assim que se conseguiu libertar começou a correr e aos gritos, até a mãe lhe dizer, brandamente, que as crianças deviam ser vistas, mas não ouvidas.

- Vem cá, Graça, e podes olhar lá para fora - chamou Carrie, que soprara e limpara um espaço na geada do vidro da janela; e, por turnos, foram olhando para fora, até Carrie anunciar: - Eles vêm aí!

Depois de sacudirem ruidosamente a neve no alpendre, o pai e o Sr. Boast entraram.

- Feliz Natal! Feliz Natal! - gritaram todos.

Graça correu para trás da mãe e agarrou-se-lhe às saias, a espreitar de vez em quando para o homem desconhecido. O pai pegou-lhe e atirou-a ao ar, como costumava fazer a Laura quando ela era pequena. E Graça riu ruidosamente, exactamente como Laura fizera, então. Laura teve de fazer um esforço para se lembrar de que era crescida, pois de contrário teria desatado também a rir alto. Sentiam-se todos muito felizes no calor da sala cheia de bons odores de comida e com visitas para passarem o Natal na casa aconchegada. A luz das janelas cobertas de geada era prateada e no momento em que se sentaram àquela extraordinária mesa de Natal a janela do lado oriental tornou-se dourada. Lá fora, toda a imensa e silenciosa pradaria nevada estava cheia de sol.

- A senhora primeiro - disse a mãe à Sr.a Boast, pois ela era uma visita. A Sr.a Boast abriu o seu embrulho e encontrou um lenço de cambraia com uma estreita renda à volta. Laura reconheceu-o: era o melhor lenço de domingo da mãe. A Sr.a Boast ficou encantada e muito surpreendida por haver um presente para ela. E o Sr. Boast também. O seu presente eram uns punhos de lã, às riscas encarnadas e cinzentas, que lhe serviam perfeitamente.

128 - 129

A mãe tricotara-os para o pai, mas podia tricotar outros e as visitas deviam receber presentes de Natal.

O pai disse que as suas peúgas novas eram exactamente o que precisava, pois o frio da neve andava a traspassar-lhe as botas. E admirou a gravata que Laura fizera:

- Vou pô-la assim que acabar de tomar o pequeno-almoço! Palavra, assim ficarei vestido a primor para o Natal!

Toda a gente soltou exclamações de admiração quando a mãe desembalhou o seu bonito avental. Pô-lo logo e levantou-se para todos verem. Olhou para a bainha e sorriu a Carrie:

- Embainhas muito bem, Carrie - disse, e depois sorriu a Laura: - E os franzidos da Laura estão certos e bem cosidos. É um bonito avental.

- Há mais, mãe! - gritou Carrie. - Veja na algibeira!

A mãe tirou o lenço e ficou muito surpreendida. Pensar que na própria manhã em que dera o seu melhor lenço recebia outro de presente! Até parecia que fora combinado, embora ninguém tivesse combinado nada. Mas, claro, não o podiam dizer na presença da Sr.a Boast. A mãe limitou-se a olhar para a bainha delicada e a dizer:

- Que lenço tão bonito! Obrigada, Maria.

Depois toda a gente admirou os sapatos de dormir de Maria e como tinham sido feitos das extremidades de um cobertor velho. A Sr.a Boast disse que ia fazer uns para ela, assim que um dos seus cobertores ficasse puido.

- Carrie calçou as suas luvas e bateu palmas, ao de leve.

- As minhas luvas do 4 de Julho! Oh, vejam as minhas luvas do 4 de Julho!

Depois Laura abriu o seu embrulho. Continha um avental feito do mesmo tecido estampado do avental da mãe! Era mais pequeno do que o da mãe e tinha duas algibeiras e um folho estreito a toda a volta. A mãe cortara-o da outra cortina, Carrie cosera as costuras e Maria embainhara o folho. Durante todo aquele tempo, a mãe e Laura não souberam que cada uma estava a fazer um avental para a outra das velhas cortinas, e Maria e Carrie quase rebentaram com os dois segredos.

- Oh, obrigada! Obrigada a todas! - agradeceu Laura, a alisar o bonito tecido branco com as florinhas encarnadas. - Uns pontos tão pequeninos no folho, Maria! Oh, obrigada!

Depois chegou o melhor. Toda a gente olhou enquanto a mãe vestia o casaquinho azul a Graça e endireitava a gola de penugem de cisne. Em seguida cobriu-lhe o cabelo louro com o capuz de penugem de cisne. Um bocadinho do forro azul ficava a ver-se, à volta da cara de Graça, e condizia com os seus olhos luminosos. Graça tocou na penugem fofa e macia dos punhos e agitou as mãos, a rir.

Estava tão bonita e tão feliz, toda ela azul, branco e ouro, toda ela cheia de vida e de riso, que não se cansavam de a olhar. Mas a mãe não queria estragá-la com excessiva atenção. Por isso, cedo de mais, mandou-a estar quieta e foi arrumar o casaco e o capuz no quarto.

Havia ainda outro embrulho ao lado do prato de Laura, assim como dos de Maria, Carrie e Graça. Desembrulharam-nos ao mesmo tempo e cada uma encontrou um saquinho de pano cor-de-rosa cheio de chupas.

- Chupas do Natal! - exclamaram Carrie, Laura e Maria simultaneamente.

- Como vieram os chupas do Natal aqui parar? - perguntou Maria.

- Então o Pai Natal não chegou cá na véspera do Natal? - perguntou o pai, e elas exclamaram, quase ao mesmo tempo:

- Oh, Sr. Boast! Obrigada! Obrigada, Sr. e Sr.a Boast!. Depois Laura recolheu todos os papéis dos embrulhos e ajudou a

mãe a pôr na mesa a grande travessa de papas douradas, um prato de biscoitos quentes e outro de batatas fritas, uma taça de molho de bacalhau e um prato de vidro cheio de molho de maçãs secas.

- Peço desculpa de não termos manteiga - disse a mãe. - A nossa vaca dá tão pouco leite que já a não podemos fazer.

Mas o molho de bacalhau soube bem com as papas e as batatas e nada poderia saber melhor do que biscoitos quentes com molho de maçã. Um pequeno-almoço assim - como o Natal - só acontecia uma vez por ano. E ainda havia o almoço de Natal, no mesmo dia!

Depois do pequeno-almoço, o pai e o Sr. Boast foram com a parelha buscar o trenó do Sr. Boast. Levaram pás para afastar a neve, de modo que os cavalos o pudessem puxar para fora do pântano.

Maria sentou Graça no colo, na cadeira de balanço, e, enquanto Carrie fazia as camas e varria, a mãe, Laura e a Sr.a Boast puseram os aventais, arregaçaram as mangas e lavaram a louça e trataram do almoço.

A Sr.a Boast era muito divertida. Interessava-se por tudo e mostrava grande curiosidade em saber como a mãe conseguia governar tão bem a casa.

- Quando não têm leite suficiente para o deixar azedar, como conseguem fazer biscoitos tão deliciosos, Laura? - perguntou.

- Fazemo-los com massa azeda - respondeu-lhe Laura.

A Sr.a Boast nunca fizera biscoitos de massa azeda! Foi engraçado ensinar-lhe. Laura mediu as chávenas de massa azeda, acrescentou a soda, o sal e a farinha e enrolou os biscoitos na tábua.

- Mas como fazem a massa azeda? - quis também saber a Sr.a Boast.

- Começa-se por deitar alguma farinha e água morna num frasco e deixa-se descansar até azedar - explicou a mãe.

- Depois, quando se utiliza, deixa-se ficar sempre um bocadinho - disse Laura. - E juntam-se as raspas da massa dos biscoitos, assim, e mais água morna - Laura deitou a água morna -, ,? tapa-se - tapou o frasco com o pano limpo e o prato. - Depois coloca-se num sítio quente - colocou a massa no lugar habitual, na prateleira junto do fogão. - Está sempre pronta para usar, quando precisamos.

- Nunca comi biscoitos tão bons - afirmou a Sr.a Boast.

A manhã pareceu passar num instante, em tão boa companhia. O almoço estava quase pronto quando o pai e o Sr. Boast regressaram com o trenó. O enorme coelho estava a tostar, no forno, as batatas coziam e a cafeteira do café fervilhava, na parte de trás do fogão. A casa rescendia aos odores bons da carne assada, do pão quente e do café. O pai fungou, quando entrou.

- Não te preocupes, Charles - disse-lhe a mãe. - Cheira-te a café, mas a chaleira está a ferver para o teu chá.

- Ótimo! O chá é a bebida indicada para o homem no tempo frio - redarguiu o pai.

Laura pôs a toalha branca lavada na mesa e colocou no centro o açucareiro de vidro, o jarro de vidro cheio de natas e o porta-colheres cheio de colheres de prata, todas apoiadas no cabo. Carrie dispôs à volta da mesa as facas e os garfos e encheu os copos de água, enquanto Laura punha os pratos todos empilhados no lugar do pai. Depois, a toda a volta da mesa, pôs em cada lugar um pires de vidro com meio pêssego de compota e calda dourada. A mesa estava linda.

O pai e o Sr. Boast tinham-se lavado e penteado. A mãe arrumou a louça que não era precisa na despensa e ajudou Laura e a Sr.a Boast a levarem o último prato cheio para a mesa. Rapidamente, ela e Laura tiraram os aventais de trabalho e puseram os de Natal.

- Venham! - chamou a mãe. - O almoço está pronto.

- Venha, Boast! - convidou o pai. - Sente-se e coma à vontade! Há muito mais lá em baixo, na cave, numa chávena de chá!

À frente do pai, na grande travessa, encontrava-se o enorme coelho assado, com montes de recheio de pão e cebola a fumegar à volta. Num prato ao lado estava um monte de puré de batata e, do outro lado, uma taça de succulento molho castanho.

Havia pratos de pão de milho quente e de pequenos biscoitos quentes e um prato de pepinos de conserva.

A mãe deitou o café forte e o chá fragrante, enquanto o pai enchia os pratos de coelho assado, recheio, batatas e molho.

- É a primeira vez que comemos coelho no almoço do Natal - observou o pai. - Da outra vez que vivemos onde havia coelhos grandes, destes, eram

tão vulgares que os comíamos todos os dias. No Natal comíamos peru bravo.
- É verdade, Charles, mas isso era o máximo que conseguíamos - lembrou-lhe a mãe. - No Território índio não havia nenhuma despensa de agrimensores com pickles e pêssegos à disposição.

- Parece-me que nunca provei um coelho tão bom - disse o Sr. Boast. - O molho também é excelente.

- A fome é o melhor molho - respondeu a mãe, modestamente, mas a Sr.a Boast interveio:

- Eu sei porque está o coelho tão bom. A Sr.a Ingalls cobre-o de fatias finas de carne de porco salgada, quando o assa.

- É verdade, cubro - confirmou a mãe. - Acho que lhe melhora o sabor. Comeram todos segunda vez. Depois o pai e o Sr. Boast encheram terceira vez os pratos e Maria, Laura e Carrie não recusaram; mas a mãe só quis um bocadinho de recheio e a Sr.a Boast apenas mais um biscoito.

- Confesso que estou tão cheia que não posso comer nem mais Uma garfada - afirmou.

Quando o pai levantou de novo o garfo da travessa, a mãe advertiu-o:

- Reserva algum espaço, Charles, tu e o Sr. Boast.

- Não queres dizer que ainda há mais comida? - perguntou o Pai.

Então a mãe foi à despensa e trouxe a tarte de maçã seca.

- Tarte! - exclamou o pai.

- Tarte de maçã! - exclamou o Sr. Boast. - Com a breca, tenho pena de não ter sabido que havia tarte.

Lentamente, cada um comeu uma fatia de tarte de maçã e o pai e o Sr.

Boast dividiram pelos dois a única fatia que sobrou.

- Não espero vir a comer um melhor almoço de Natal - disse o Sr. Boast, e soltou um profundo suspiro de satisfação.

- Bem, é o primeiro almoço de Natal que já se comeu nesta região do país

- observou o pai. - Ainda bem que foi um bom almoço. No futuro, certamente muita gente festejará aqui o Natal e suponho que terão coisas mais finas, em certos aspectos, mas não vejo como poderão ter um conforto mais sólido do que nós tivemos.

Passado um bocado, o Sr. Boast levantou-se, relutante, e a mãe começou a levantar a mesa.

- Eu trato da louça - disse a Laura. - Tu vai ajudar a Sr.a Boast a instalar-se.

Por isso, Laura e a Sr.a Boast agasalharam-se com os casacos e os capuzes, os cachecóis e as luvas, e saíram para o frio cortante. A rir, meteram pelo meio da neve até à minúscula casinha próxima, que tinha sido o escritório dos agrimensores. À porta, o pai e o Sr. Boast descarregavam o trenó.

A casa não tinha soalho e era tão pequena que a cama de casal mal cabia, atravessada numa das extremidades. No canto junto da porta o pai e o Sr. Boast instalaram o fogão. Laura ajudou a Sr.a Boast a transportar o colchão de penas e as mantas e a fazer a cama. Depois puseram a mesa encostada à janela, do lado oposto ao fogão, e meteram-lhe debaixo duas cadeiras. A mala da Sr.a Boast ficou entalada entre a mesa e a cama e passou a constituir outro assento. Uma prateleira por cima do fogão e um caixote, ao lado, continham os pratos, e pouco espaço sobrou para a porta se poder abrir contra a mesa.

- Pronto! - exclamou o pai, quando tudo ficou arrumado, - Agora que estão instalados, venham daí. Aqui não cabemos nem os quatro, mas na outra casa há espaço suficiente e, por isso, fica a ser o quartel-general. Que tal um jogo de damas, Boast?

- Vão andando - disse-lhes a Sr.a Boast. - A Laura e eu vamos já.

Quando os homens saíram, a Sr.a Boast tirou debaixo dos pratos um cartucho de papel cheio.

- É uma surpresa - disse a Laura. - Milho para pipocas! O Rob não sabe que eu o trouxe.

Levaram sorrateiramente o milho para casa e esconderam-no na despensa, depois de segredarem à mãe o que era. Mais tarde, quando o pai e o Sr. Boast estavam absortos no jogo,

134 - 135

aqueceram sorrateiramente gordura na cafeteira de ferro e deitaram-lhe um punhado de milho descascado. Ao primeiro estalo, o pai olhou, muito depressa.

- Pipocas! - exclamou. - Não provo pipocas desde... Se eu soubesse que você trazia pipocas, Boast, já as teria descoberto há mais tempo.

- Mas eu não trouxe pipocas - declarou o Sr. Boast, e depois exclamou: - Nell, minha patifa!

- Vocês dois continuem a jogar! - respondeu-lhe a Sr.a Boast, a rir com os olhos azuis. - Estão demasiado ocupados para repararem em nós.

- Pois claro, Charles - disse a mãe. - Não perturbem o jogo por nossa causa.

- De qualquer modo, já o venci, Boast - disse o pai.

- Oh, ainda não, ainda não! - contradisse o Sr. Boast.

A mãe despejou os bagos de milho branco da cafeteira para uma caçarola e Laura salgou-os cuidadosamente. Fizeram outra cafeteira cheia, até não caberem mais pipocas na caçarola. Então Maria, Laura e Carrie receberam um prato cheio de pipocas estaladiças e tão macias que se derretiam na boca, e o pai, a mãe e os Boasts sentaram-se à volta da caçarola a comer, a conversar e a rir, até serem horas de tratar dos animais e do jantar e de o pai tocar rabeca. «Cada Natal é melhor do que o anterior», pensou Laura. «Deve ser porque estou a crescer.»

136

CAPÍTULO XXII - FELIZES DIAS DE INVERNO.

O sentimento de Natal prolongou-se dia após dia. Todas as manhãs a Sr.a Boast despachava rapidamente o trabalho do pequeno-almoço e ia passar o tempo com «as outras raparigas», como dizia. Era sempre alegre e divertida e estava sempre muito bonita, com o seu macio cabelo escuro, os seus risonhos olhos azuis e a cor viva das suas faces.

Na primeira semana o sol brilhou alegremente, não houve vento e ao fim de seis dias a neve desaparecera toda. A pradaria mostrava-se nua e castanha e o ar parecia morno como leite. A Sr.a Boast fez o almoço do Dia de Ano Novo.

- Podem caber todos na minha casinha, ao menos uma vez - disse.

Deixou Laura ajudá-la a mudar as coisas. Puseram a mesa em cima da cama e abriram a porta toda, contra a parede. Depois colocaram a mesa no centro exacto da casa. Um canto quase tocava no fogão e a outra extremidade ficava quase contra a cama. Mas havia espaço para entrarem todos, em fila indiana, e sentarem-se. A Sr.a Boast sentou-se junto do fogão, de cima do qual serviu a comida.

Primeiro, comeram sopa de ostras. Nunca na sua vida Laura provara nada tão bom como aquela espécie de saboroso e fragrante leite quente a saber a mar, com bolhas douradas de natas derretidas e pontinhos negros de pimenta, na superfície, e as pequeninas e escuras ostras de conserva, no fundo. Levava a colher à boca e sorvia devagar, muito devagarinho, para conservar aquele gosto bom na língua o mais tempo possível.

Com a sopa foram servidos pequenos biscoitos redondos de ostras, tão pequeninos que pareciam de brincar. Mas sabiam melhor ,por serem tão leves e pequenos.

137

Comida a última gota de sopa e repartidos e comidos os últimos biscoitos de ostras, houve biscoitos quentes com mel e calda de framboesa seca. E depois um grande alguidar de pipocas tenras e salgadas, que estiveram atrás do fogão para se conservarem quentes.

Foi esse o almoço do Ano Novo. Leve, mas substancial. Havia nele algo de moderno, por ser invulgar, novo e tão diferente, e por ser tão elegantemente servido nos bonitos pratos da Sr.a Boast, que pusera na mesa uma toalha novinha em folha.

Depois sentaram-se a conversar na pequena casa, com o ar suave a entrar pela porta aberta, a pradaria castanha a estender-se até muito longe e o céu sereno e azul a curvar ao seu encontro.

- Nunca tinha provado melhor mel, Sr.a Boast - disse o pai.

- Ainda bem que o trouxe de Iova.

- E as ostras também - elogiou a mãe. - Não me lembro de ter comido um petisco tão bom como este almoço.

- É um bom começo do ano de 1880 - disse o pai. - A década de setenta não foi muito má, mas parece que a de oitenta será melhor. Se isto é uma amostra de um Inverno do Dacota, tivemos todos sorte em vir para o Oeste.

- É sem dúvida uma boa região - concordou o Sr. Boast.

- Estou satisfeito por ter registado a minha reserva de oitenta hectares e só desejaria que você também já tivesse registado a sua, Ingalls.

- Registá-la-ei antes que passe uma semana - garantiu o pai.

- Tenho estado à espera de que o escritório do registo fundiário abra em Brookins, para poupar mais de uma semana de viagem de ida e volta a Yankton. Disseram que o escritório de Brookins abriria no dia primeiro do ano e, com um tempo destes, parto amanhã. Se a Carolina achar bem.

- Acho, sim, Charles - respondeu a mãe, serenamente.

Os seus olhos e todo o seu rosto brilhavam de contentamento, pois agora, muito em breve, o pai teria, com certeza, a sua reserva.

- Está decidido - declarou o pai. - Não que me pareça haver algum perigo de chegar atrasado, mas o melhor é arrumar o assunto e não pensar mais nisso.

- Quanto mais depressa, melhor, Ingalls - recomendou o Sr. Boast. -

Acredite, não faz ideia da gente que virá esta Primavera.

- Bem, não chegará lá ninguém mais depressa do que eu - garantiu o pai. -

Se partir antes de nascer o Sol, deverei chegar ao escritório do registo depois de amanhã, cedinho. Por isso, se querem

mandar algumas cartas para Iova, escrevam-nas e eu levo-as e ponho-as no correio em Brookins.

Terminou assim o almoço de Ano Novo. A Sr.a Boast e a mãe escreveram cartas, durante a tarde, e a mãe preparou uma merenda para o pai levar. Mas ao anoitecer começou a soprar um vento carregado de neve e a geada voltou a subir pelos vidros das janelas.

- Isto não é tempo para se ir a lado nenhum - disse o pai. - Não te preocupes com a reserva, Carolina. Hei-de obtê-la.

- Sim, Charles, bem sei - respondeu a mãe.

No tempo borrascoso o pai tratou das suas armadilhas e estendeu peles para secar. O Sr. Boast foi buscar lenha de arbustos ao lago Henry e partiu-os para queimar, pois não tinha carvão. E a Sr.a Boast visitava-os todos os dias.

Frequentemente, quando o sol brilhava, ela, Laura e Carrie, bem

agasalhadas, brincavam juntas na neve alta. Lutavam, corriam, atiravam bolas de neve e, um dia, fizeram uma mulher de neve. De mãos dadas, sob o frio cortante, corriam e deslizavam no lago da Prata. Laura nunca se rira tanto.

Ao fim de uma tarde, quando, depois de deslizarem no gelo, regressavam a casa quentes e sem fôlego, a Sr.a Boast disse:

- Laura, vem num instante a minha casa.

Laura foi com ela e a Sr.a Boast mostrou-lhe uma grande rima de jornais. Trouxera de Iova todos aqueles New York Ledgers.

- Leva os que puderes carregar. Quando os leres, trá-los e podes levar mais.

Laura correu todo o caminho para casa, com um braçado de jornais.

Irrompeu pela casa dentro e deixou-os cair no colo de Maria.

- Olha, Maria, olha o que eu trouxe! - exclamou. - Histórias. São tudo histórias!

- Oh, despacha-te a tratar do jantar, para podermos ler! - pediu Maria, ansiosamente.

Mas a mãe interveio:

- Deixa lá o trabalho, Laura! Lê-nos uma história.

Por isso, enquanto a mãe e Carrie tratavam do jantar, Laura começou a ler-lhes uma história maravilhosa acerca de anões e cavernas onde viviam ladrões, e de uma bonita senhora que se perdera nas cavernas. No ponto mais emocionante depararam-se-lhe as palavras: «Continua.» E não havia nem mais uma palavra dessa história.

- Oh, nunca saberemos o que aconteceu a essa senhora! - lamentou Maria. - Laura, porque te parece que imprimiram só uma parte da história?

- Porque foi, Ma? - perguntou Laura, por sua vez.

- Não fizeram tal coisa - respondeu a mãe. - Procura no jornal seguinte. Laura procurou no seguinte, e no outro, e no outro-..

- Oh, cá está! - exclamou. - E mais... e mais... Vem na pilha toda de jornais. Está toda aqui, Maria. Neste jornal diz: «Fim.»

- É uma história em folhetins - disse a mãe.

Laura e Maria nunca ouviram falar de uma história em folhetins mas a mãe tinha.

- Bem - disse Maria, satisfeita -, assim podemos reservar a parte seguinte para amanhã. Todos os dias poderemos ler uma parte, o que fará as histórias durar mais.

- Isso mesmo, minhas meninas sensatas - concordou a mãe e, por isso, Laura não disse que por sua vontade leria tudo o mais depressa que pudesse.

Arrumou os jornais, cuidadosamente. Todos os dias lia mais uma parte da história e depois ficavam a pensar, até ao dia seguinte, o que iria acontecer à bonita senhora.

Nos dias tempestuosos, a Sr.a Boast levava a sua costura ou a sua malha e passavam o tempo aconchegadamente, a ler e a conversar. Um dia, a Sr.a Boast falou-lhes de estantes-cantoneiras. Disse que em Iova toda a gente as andava a fazer e que lhes mostraria como eram.

Por isso, explicou ao pai como se faziam as prateleiras triangulares, para se ajustarem num canto. Ele fez cinco prateleiras de tamanhos graduados, a maior para o fundo e a mais pequena para o alto, todas bem unidas entre si por fasquias estreitas de madeira. Quando acabou, a cantoneira ajustava-se perfeitamente a um canto da sala e assentava firmemente sobre três pernas. A prateleira de cima era tão alta quanto a mãe podia chegar sem dificuldade.

Depois a Sr.a Boast recortou uma cortininha de papelão, para colocar na aresta de cada prateleira. Fez um recorte grande no meio e um mais pequeno de cada lado, tudo graduado consoante o tamanho das prateleiras,

de grande no fundo a pequeno no cimo.

A seguir, a Sr.a Boast ensinou-as a cortar e dobrar pequenos quadrados de grosso papel de embrulho. Dobraram cada quadrado obliquamente e depois ao meio e apertaram muito bem. Depois de dobradas dúzias de quadrados, a Sr.a Boast ensinou Laura a cosê-los em filas no papelão, muito juntinhos, com os pontos por baixo. Cada fila ficava sobreposta na de baixo,

140

cada ponto devia ficar entre dois pontos da fila de baixo e as filas deviam seguir as curvas do cartão recortado.

Enquanto trabalhavam na casa acolhedora e quente, contavam histórias, cantavam e conversavam. A mãe e a Sr.a Boast falavam sobretudo das reservas. A Sr.a Boast tinha sementes que davam para duas hortas e prometeu que as repartiria com a mãe, que assim não teria de se preocupar com sementes. Quando a cidade estivesse construída, talvez lá vendessem sementes, ou talvez não. Por isso, a Sr.a Boast trouxera muitas, das hortas das suas amigas de Iova.

- Sentir-me-ei grata quando nos instalarmos - disse a mãe. - Esta será a nossa última mudança. O meu marido concordou com isso, antes de partirmos do Minnesota. As minhas filhas vão frequentar a escola e levar uma vida civilizada.

Laura não sabia se queria ou não instalar-se. Depois de aprender! Teria de ser professora e ela preferia pensar noutras coisas. Preferia! Até cantar a pensar. Cantava muito baixinho, sem perturbar a conversa, e frequentemente a mãe, a Sr.a Boast, Maria e Carrie cantavam com ela. A Sr.a Boast ensinara-lhes duas cantigas novas. Laura gostava de O Aviso da Cigana:

Não confies nele, gentil senhora,
Ainda que a sua voz seja baixa e terna,
Não dês ouvidos ao que te ajoelha aos pés,
Suplicando gentilmente.
A tua vida está agora na manhã,
Não toldes de nuvens teu céu feliz,
Escuta o aviso da cigana,
Gentil senhora, não lhe dês ouvidos.

A outra canção nova era: Quando Eu Tinha Vinte e Um Anos, e Tu Dezassete. Era a canção favorita do Sr. Boast, que tinha vinte e um anos quando conhecera Nell, que contava então dezassete. O nome dela era, na realidade, Ella, mas o Sr. Boast chamava-lhe Nell.

Por fim, os cinco recortes de papelão ficaram bem cobertos de filas sobre filas de pequenas pontas de papel e sem pontos à vista, a não ser os das filas de cima. Então a Sr.a Boast coseu uma tira larga de papel por cima desses pontos e virou-a, para os ocultar.

Pregaram cada cortina de papelão à sua prateleira. Os recortes rígidos de cartão, com as pontinhas rígidas de papel, assentaram perfeitamente.

Depois o pai pintou cuidadosamente toda a cantoneira, e todas as pontas de papel, de castanho-escuro. Quando a tinta secou, colocaram a cantoneira no canto que ficava atrás da cadeira de Maria.

- Isto é, então, uma estante-cantoneira - observou o pai.

- Pois é - confirmou a mãe. - Não é bonita?

- É, é um bonito trabalho.

- A Sr.a Boast diz que está muito em moda em Iova.

- Bem, ela deve saber - concordou o pai. - E não há em Iova nada que seja bom de mais para ti, Carolina.

Mas o melhor tempo de todos era depois do jantar. O pai tocava rabeca todas as noites e as bonitas vozes dos Boasts juntavam-se ao coro. O pai tocava e cantava alegremente:

Quando era novo e solteiro,
Podia chocalhar o dinheiro
E tudo ia bem comigo então, oh, então!
Tudo ia bem comigo então.
Arranjei mulher, oh, então, oh, então!
Arranjei mulher, oh, então!
Arranjei mulher, que era a minha alegria,
E tudo ia bem comigo, então!

Como o resto da cantiga dizia que, afinal, ela não era uma boa esposa, o pai nunca cantava mais. Os seus olhos fitavam, brilhantes, a mãe, enquanto a música corria e girava, e depois ele continuava a cantar:

Ela sabe fazer tarte de cereja, Meu rapaz, meu rapaz! Ela sabe fazer tarte de cereja, Encantador rapaz. Ela sabe fazer tarte de cereja Com um brilho no olhar, Mas é novinha, bendita seja, E não pode a mãe deixar.

A música continuava numa brincadeira pegada, enquanto o pai o Sr. Boast cantavam:

Aposto na égua de cauda cortada
E tu aposta no cinzento...

142

A mãe não gostava de apostas, nem sequer em cantigas, mas mesmo assim o seu pé não podia deixar de bater o compasso quando o pai tocava tais músicas.

Todas as noites cantavam também uma dança de roda. A voz de tenor do Sr. Boast começava: Três ratinhos cegos, e continuava enquanto o alto da Sr.a Boast se lhe juntava: Três ratinhos cegos. Depois era a vez de o baixo do pai fazer coro: Três ratinhos cegos, e seguia-se o soprano de Laura, o contralto da mãe e Maria e Carrie. Quando o Sr. Boast chegava ao fim da cantiga, voltava ao princípio sem parar e eles todos acompanhavam na sua altura, à roda e à roda com palavras e música.

Três ratinhos cegos! Três ratinhos cegos!
Correram atrás da lavradeira,
Que lhes cortou a cauda com a faca de trincar.
Já tinham ouvido semelhante história.
De três ratinhos cegos?

Continuavam a cantar até alguém se rir e, então, a cantiga terminava, desafinada, entre risos e faltas de fôlego. E o pai cantava algumas das antigas cantigas de «ir dormir», como dizia:

Nellie era uma senhora, morreu a noite passada, Oh, tocai o sino pela encantadora Nell, A minha noiva da velha Vir-gí-nia!
Lembras-te da doce Alice, Ben Bolt?
Da doce Alice de tão castanhos olhos?
Que chorava deleitada quando lhe sorrias
E tremia de medo se franzias os sobrolhos?
Muitas vezes, na noite silenciosa,
Antes de a cadeia do sono me acorrentar,

A doce recordação envolve-me na luz
De passados dias que não vão voltar.

143

Laura nunca se sentira tão feliz e, por qualquer razão, a sua felicidade era ainda maior quando cantavam:

Ó margens e ribanceiras do bonito Doon,
Como podeis florir tão frescas e belas?
Como podeis cantar, ó passarinhos,
E eu tão triste, tão de cuidados cheio?

144

CAPÍTULO XXIII - NO CAMINHO DO PEREGRINO.

Numa noite de domingo, a rabeca do pai tocava uma música dominical e todos eles cantavam alegremente:

Quando alegres nos reunimos no nosso lar agradável
E a canção da ventura alastra,
Detemo-nos a pensar nas lágrimas que correm
Na solitária morada do sofrimento?
Estendamos a mão...

A rabeca emudeceu, de súbito, e no exterior uma voz forte cantou:
... aos fracos e cansados
Estendamos a mão aos que trilham O caminho do peregrino.

A rabeca gemeu, de espanto, quando o pai a pôs em cima da mesa e correu a abrir a porta. O frio entrou de rompante e a porta bateu atrás dele.

145

Ouviu-se uma confusão de vozes e depois a porta abriu-se de repente e entraram dois homens cobertos de neve, enquanto o pai dizia, atrás deles:
- Vou agasalhar-lhes a parelha e volto já.

Um dos homens era alto e magro e Laura viu-lhe, entre o boné e o cachecol, uns bondosos olhos azuis. Quase sem saber o que fazia, ouviu a sua voz gritar:

- Reverendo Alden! Reverendo Alden!

- Não pode ser o Irmão Alden! - exclamou a mãe. - Oh, Irmão Alden! Ele tirara o boné e assim todos puderam ver-lhe os olhos agradáveis e o cabelo castanho-escuro.

- Que prazer em vê-lo, Irmão Alden! - exclamou a mãe. - Chegue-se ao lume. Mas que surpresa!

- Não está mais surpreendida do que eu, Irmã Ingalls - afirmou o reverendo Alden. - Deixei-os instalados em Plum Creek e não fazia ideia nenhuma de que estavam aqui, no Oeste. E cá estão as minhas camponesinhas, já crescidas e umas mulheres!

Laura não podia falar; a alegria de rever o reverendo Alden punha-lhe um nó na garganta. Mas Maria disse, delicadamente:

- Temos muito prazer em voltar a ver o senhor.

O rosto de Maria brilhava de contentamento; só os seus olhos cegos

continuavam inexpressivos e assustaram o reverendo Alden. Ele olhou rapidamente para a mãe e depois de novo para Maria.

- O Sr. e a Sr.a Boast, nossos vizinhos, reverendo Alden - apresentou a mãe.

- Estavam todos a cantar uma bonita canção quando passámos - disse o reverendo Alden, e o Sr. Boast observou:

- O senhor também cantou muito bem, reverendo.

- Oh, não fui eu que fiz coro! Foi aqui o Scotty. Eu estava enregelado, mas a ele o cabelo ruivo mantém-no quente. Reverendo Stuart, estes são velhos e bons amigos meus e os amigos deles. Portanto, somos todos amigos.

O reverendo Stuart era tão jovem que não parecia mais do que um rapaz crescido. Tinha o cabelo de um ruivo flamejante, o rosto vermelho de frio e os olhos cinzentos cintilantes.

- Põe a mesa, Laura - mandou a mãe, serenamente, enquanto punha o avental.

A Sr.a Boast pôs também um avental e açodaram-se todas a espartar o lume, a pôr água a ferver para o chá, a fazer biscoitos e a fritar batatas, enquanto o Sr. Boast falava com os visitantes, que degelavam junto do fogão.

146

O pai veio do estábulo com mais dois homens que eram os donos da parelha. Tinham reservas e iam fixar-se no rio Jim. ? Laura ouviu o reverendo Alden dizer:

- Nós dois somos apenas passageiros. Constou-nos que há uma povoação no Jim, uma cidade chamada Huron. A Sociedade Missionária mandou-nos ir lá ver e preparar as coisas para construir uma igreja.

- Suponho que no caminho da via férrea está assinalado o lugar para uma cidade, mas nunca me constou que houvesse por lá construções, a não ser uma taberna - disse o pai.

- Mais uma razão para pensarmos em construir uma igreja - redarguiu alegremente o reverendo Alden.

Depois de os viajantes terem jantado, o reverendo foi à porta da despensa, onde a mãe e Laura estavam a lavar a louça. Agradeceu à mãe o bom jantar e depois disse:

- Sinto muito, irmã Ingalls, o sofrimento que se abateu sobre Maria.

- Sim, Irmão Alden - respondeu a mãe, tristemente. - Às vezes é difícil resignarmo-nos à vontade de Deus. Tivemos todos esscarlatina, em Plum Creek, e durante algum tempo tivemos grandes dificuldades. Mas estou grata por não nos ter sido levada nenhuma das filhas. A Maria é um grande conforto para mim. Nunca se lamentou.

- Maria é uma alma rara e uma lição para todos nós - afirmou o reverendo.

- Devemos lembrar-nos de que Deus castiga aqueles que ama e que um espírito corajoso transforma em bem todas as nossas angústias. Não sei se a senhora e o Irmão Ingalls sabem que há colégios para cegos. Há um em Iova.

A mãe agarrou com força a borda do alquidat e o seu rosto assustou Laura. A sua voz branda pareceu sufocada e zangada quando perguntou:

- Quanto custa?

- Não sei, Irmã Ingalls. Mas informar-me-ei, se quiser. A mãe engoliu em seco e continuou a lavar a louça.

- Não podemos pagar - murmurou. - Mas talvez mais tarde, se não for muito caro, consigamos arranjar maneira... Sempre quis que Maria se instruisse. O coração de Laura batia com força, dorido. Ela sentia-o bater na garganta e pela cabeça passavam-lhe pensamentos loucos e tão rápidos que

nem se dava conta de alguns.

- Devemos confiar que o Senhor faz tudo para nosso bem -. disse o reverendo Alden. - Podemos orar todos juntos, quando acabar de lavar a louça?

- Sim, Irmão Alden, gostaria muito - respondeu a mãe. - Tenho a certeza de que todos gostarão.

Arrumada a louça e lavadas as mãos, a mãe e Laura tiraram o avental e endireitaram o cabelo. O reverendo Alden conversava muito sério com Maria, enquanto a Sr.a Boast pegava em Graça e o Sr. Boast e os dois desconhecidos falavam com o reverendo Stuart e com o pai acerca do trigo e da aveia que ele tencionava cultivar assim que desbravasse e surribasse a terra. Quando a mãe entrou, o reverendo Alden levantou-se e disse que iriam todos ter o refrigerio da oração antes de darem as boas-noites e dormirem.

Ajoelharam todos junto das cadeiras e o reverendo Alden pediu a Deus, que conhecia o seu coração e os seus pensamentos secretos, que olhasse para eles e lhes perdoasse os pecados e ajudasse a proceder bem. Reinava um grande silêncio na sala, enquanto ele falava. Laura sentia-se como se fosse erva quente, seca e empoeirada a morrer numa seca e o silêncio fosse uma chuva fresca e branda, a cair-lhe em cima. Era realmente um refrigerio. Agora que se sentia tão fresca e forte parecia-lhe tudo muito simples e de bom grado trabalharia duramente e prescindiria de tudo quanto precisasse para que Maria pudesse ir para o colégio.

Depois o Sr. e a Sr.a Boast agradeceram ao Irmão Alden e foram para casa, e Laura e Carrie trouxeram para baixo o colchão de Carrie. A mãe fez a cama no chão, junto ao fogão.

- Só temos esta cama - disse a mãe, em tom de quem se desculpa - e receio que as cobertas não sejam suficientes.

- Não se preocupe, Irmã Ingalls - respondeu-lhe o reverendo Alden. - Tapar-nos-emos com os nossos sobretudos.

- Ficaremos muito bem, tenho a certeza - acrescentou o reverendo Stuart.

- Podemos considerar-nos felizes por os termos encontrado aqui. Antes de vermos a sua luz e os ouvirmos cantar, pensávamos que tínhamos de percorrer todo o caminho até Huron.

No sótão, Laura ajudou Carrie a desabotoar o vestido, às escuras, e pôs o ferro quente na cama, junto dos pés de Maria. Quando se aninharam umas contra as outras, para aquecerem debaixo dos cobertores gelados, ouviram o pai e os viajantes continuar a conversar e a rir à volta do lume.

- Laura - murmurou Maria -, o reverendo Alden disse-me que há colégios para cegos.

- Há o quê para cegos? - murmurou Carrie.

- Colégios, onde recebem instrução - respondeu Laura.

- Como podem? - insistiu Carrie. - Pensava que era preciso ler, estudar.

- Não sei - disse Maria. - De qualquer modo, não poderia ir. Deve custar alguma coisa. Não creio que haja qualquer possibilidade de eu ir.

- A mãe sabe - segredou Laura. - O reverendo Alden também lhe disse.

Talvez possas ir, Maria. Desejo que sim. - Respirou fundo e prometeu: - Vou estudar muito, para poder ensinar e ajudar.

De manhã, as vozes dos viajantes e um entrechocar de pratos acordaram-na e Laura saltou da cama para se vestir e descer, a fim de ajudar a mãe. Estava frio, no exterior, mas o sol dourava as janelas cobertas de geada e dentro de casa estavam todos bem dispostos e alegres. Como os viajantes gostaram daquele pequeno-almoço! Gabaram tudo quanto comeram. Os biscoitos eram leves e quebradiços, as batatas fritas douradas e fininhas, as fatias de carne de porco delgadas e estaladiças e o molho castanho e cremoso. Havia xarope de açúcar escuro e muito chá fumegante e perfumado.

- Esta carne é deliciosa - disse o reverendo Stuart. - Sei que é carne de porco gorda salgada, mas nunca provei nada parecido. Importa-se de me dizer como a faz, Irmã Ingalls?

Perante a surpresa da mãe, o reverendo Alden explicou:

- O Scotty vai ficar no campo missionário. Eu só vim para o ajudar a começar. Ele terá de governar a casa e fazer os seus cozinhados.

- Sabe cozinhar, Irmão Stuart? - perguntou a mãe, e ele respondeu que esperava aprender com a experiência; trouxera provisões: feijão, farinha, sal, chá e carne de porco salgada. - A carne é fácil - continuou a mãe. - Cortam-se as fatias finas e metem-se em água fria, para dar uma fervura. Quando a água ferve, escorre-se. Depois passam-se as fatias por farinha e fritam-se até ficarem bem douradas. Quando estão estaladiças, põem-se num prato e escorre-se parte da gordura, que serve para fazer as vezes de manteiga. Depois torra-se um pouco de farinha na gordura que ficou na frigideira, deita-se uma pinga de leite e mexe-se enquanto ferve, até o molho estar pronto.

- Importa-se de escrever a receita? - pediu o reverendo Stuart. - Quanta farinha, quanto leite...

- Meu Deus! - exclamou a mãe. - Eu nunca meço, mas creio que posso calcular.

Foi buscar uma folha de papel, a canetinha de madrepérola e o frasco da tinta e escreveu a receita de carne de porco frita e molho, biscoitos de massa azeda, sopa de feijão e feijões estufados, enquanto Laura levantava rapidamente a mesa e Carrie ia a correr pedir ao Sr. e à Sr.a Boast que viessem assistir a um pequeno serviço religioso.

Parecia estranho ter igreja na segunda-feira de manhã, mas os viajantes iam iniciar a última fase da sua viagem para Huron e ninguém queria perder aquela oportunidade de ouvir um sermão.

O pai tocou rabeca e cantaram todos um hino. O reverendo Stuart, com as receitas da mãe na algibeira, pediu numa breve oração que fossem guiados em todos os seus empreendimentos dignos. Depois o reverendo Alden pregou o sermão. Findo ele, a rabeca do pai tocou alegre e suavemente e todos cantaram.

Há uma terra feliz e distante

Onde os santos se erguem em glória, luminosos como o dia,

Para ouvirem os anjos glorificar Deus, nosso Rei...

Quando a parelha e o carroção estavam prontos para partir, o reverendo Alden disse:

- Assistiram ao primeiro serviço religioso desta nova cidade. Na Primavera voltarei para organizar uma igreja. - E disse a Maria, Laura e Carrie: - Teremos também catequese! Poderão ajudar todos a fazer uma árvore de Natal no próximo Inverno.

Subiu para o carroção e partiu, deixando-as com essa ideia e essa esperança. Embrulhados em xailes, sobretudos e cachecóis, ficaram a ver o carroção seguir para oeste pela neve intacta e deixando as marcas das suas rodas atrás. O sol frio brilhava e o mundo branco refulgia, com milhões de minúsculos pontinhos de luz.

- Bem - disse a Sr.a Boast, através de uma prega do xaile, atravessado na boca -, foi agradável ter assistido ao primeiro serviço religioso desta terra.

- Como se chama a cidade que vai haver aqui? - perguntou Carrie.

- Ainda não tem nome, pois não, pai? - inquiriu Laura.

- Tem. É De Smet. Fica a dever o nome a um padre francês que veio para cá como pioneiro, nos primeiros tempos.

Entraram na casa quente.

- O mais certo será aquele pobre rapaz dar cabo da saúde - disse a mãe. - Governar casa sozinho e tentar viver dos seus cozinhados! - Referia-se ao reverendo Stuart.
- Ele é escocês - observou o pai, como se isso significasse que não haveria novidade.
- Que lhe disse eu, Ingalls, acerca da corrida da Primavera? - perguntou o Sr. Boast. - Já cá estão dois homens com reservas e Março ainda mal começou.
- Também me apercebi disso - admitiu o pai. - Parto amanhã para Brookins, quer chova, quer faça sol.

151

CAPÍTULO XXIV - A CORRIDA DA PRIMAVERA.

- Esta noite não há música - disse o pai, nessa noite, à mesa do jantar.
- Tenho de me deitar cedo para me levantar cedo e, depois de amanhã, a nossa reserva ficar registada.
- Ficarei contente, Charles - disse a mãe.
Depois de toda a azáfama da última noite e daquela manhã, a casa estava de novo sossegada e em ordem. O trabalho do jantar estava feito, Graça dormia na sua caminha e a mãe estava a embrulhar a merenda que o pai comeria a caminho de Brookins.
- Escutem - disse Maria. - Ouço alguém a falar.
Laura encostou o rosto a um vidro e ocultou a luz do candeeiro com as mãos. Viu, na neve, uma parelha escura e um carroção cheio de homens. Um deles gritou de novo e depois outro saltou para o chão. O pai foi ao seu encontro e ficaram a conversar. Depois o pai voltou e fechou a porta.
- São cinco homens, Carolina - informou. - Desconhecidos a caminho de Huron.
- Aqui não há espaço para eles - declarou a mãe.
- Temos de os abrigar durante a noite, Carolina. Não há outro lugar onde possam ficar ou arranjar qualquer coisa de comer. A parelha está cansada e eles são novatos nestas andanças. Se tentam chegar a Huron esta noite, perdem-se na pradaria e talvez morram gelados.
A mãe suspirou.
- Bem, Charles, tu é que sabes.
Por isso, a mãe fez jantar para os cinco desconhecidos, que encheram a sala com o barulho das botas e das vozes altas e com as mantas que amontoaram, prontas para fazerem camas no chão, junto ao fogão. Antes mesmo de a louça estar acabada de lavar, a mãe tirou as mãos da água e disse serenamente:
- São horas de irem para a cama, filhas.
Não eram tal, mas elas compreenderam que ela pretendia dizer que as não queria ali, entre aqueles desconhecidos. Carrie foi atrás de Maria, pela escada acima, mas a mãe deteve Laura para lhe entregar um bocado de madeira rija e dizer:
- Mete isto na ranhura, acima do trinco. Empurra bem e deixa-o lá ficar. Assim ninguém poderá levantar o trinco e abrir a porta. Quero a porta bem fechada. E de manhã não desçam enquanto as não chamar.
De manhã, Laura, Maria e Carrie ficaram na cama depois de nascer o Sol. Ouviram, em baixo, as vozes dos desconhecidos e o entrechocar dos pratos do pequeno-almoço.
- A mãe disse para não descermos enquanto nos não chamasse - repetiu Laura.
- Quem me dera que se vão embora - disse Carrie. - Não gosto de

desconhecidos.

- Eu e a mãe também não - respondeu-lhe Laura. - Eles levam tempo a preparar-se para partir porque são novatos. Partiram, por fim, e ao almoço o pai disse que partiria para Brookins no dia seguinte.

- Não vale a pena pôr-me a caminho, a não ser que parta cedo - acrescentou. - A viagem demora um dia e não faria sentido partir depois de nascer o Sol e ter de acampar ao relento, durante a noite, com este frio.

Nessa noite chegaram mais desconhecidos. E na noite seguinte mais. A mãe protestou:

- Valha-nos Deus, não teremos uma noite em paz, sozinhos?

- Não posso evitá-lo, Carolina - respondeu o pai.

152 - 153

- Não podemos recusar abrigo às pessoas, não havendo outro lado onde fiquem.

- Mas podemos levar-lhes dinheiro por isso, Charles - disse a mãe, em tom firme.

O pai não gostava de levar dinheiro por dar abrigo e uma refeição, mas sabia que a mãe tinha razão. Por isso, ela passou a cobrar vinte e cinco centavos por refeição e vinte e cinco centavos por abrigo durante uma noite, por homem ou cavalo.

Acabaram-se as canções, os jantares agradáveis e os serões confortáveis. Todas as noites havia desconhecidos a encher a mesa do jantar e todas as noites, mal os pratos estavam lavados, Laura, Maria e Carrie tinham de ir para o sótão e trancar a porta.

Os desconhecidos vinham de Iowa, Ohio, Ilinoís, Michigan, Wisconsin, Minnesota e até da distante Nova Iorque e de Vermont. iam para Huron, ou para Forte Pierre, ou ainda para mais longe, no Oeste, em busca de reservas para se fixarem.

Uma manhã, Laura sentou-se na cama, à escuta.

- Onde estará o pai? - perguntou. - Não ouço a sua voz. Quem está a falar é o Sr. Boast.

- Talvez tenha ido registar a reserva - opinou Maria. Quando, finalmente os carroções carregados partiram para o Oeste e a mãe as chamou, disse-lhe que o pai partira antes do nascer do Sol.

- Não queria partir e deixar-nos nesta barafunda, mas não teve outro remédio. Outra pessoa qualquer registará a reserva, se ele não se apressar. Não fazíamos ideia nenhuma de que as pessoas acorreriam desta maneira, e Março ainda mal começou.

Isto passou-se na primeira semana de Março. A porta estava aberta e o ar primaveril.

- Quando Março chega como um cordeiro, parte como um leão - disse a mãe.

- Vamos, meninas, temos que fazer. Vamos arrumar esta casa antes de chegarem mais viajantes.

- Oxalá não venha ninguém até o pai voltar - disse Laura enquanto, com Carrie, lavava montanhas de pratos.

- Talvez não venha - desejou Carrie.

- O Sr. Boast olhará pelas coisas enquanto o pai estiver ausente - explicou a mãe. - Ele pediu ao Sr. e à Sr.a Boast que ficassem cá. Dormem no quarto e eu e a Graça ficamos lá em cima com vocês.

A Sr.a Boast foi ajudá-las. Nesse dia limparam a casa toda e mudaram as camas. Estavam todas muito cansadas quando, à última luz do poente, viram um carroção vindo do Leste. Trazia cinco homens.

O Sr. Boast ajudou-os a pôr os cavalos no estábulo e a Sr.a Boast ajudou a mãe a fazer o jantar. Ainda não tinham acabado de comer quando chegou outro carroção com quatro homens. Laura levantou a mesa, lavou a louça e ajudou a pôr o jantar na mesa para eles. Enquanto comiam, chegou terceiro carroção com seis

homens.
Maria fora para cima, para não estar no meio da balbúrdia. Carrie adormeceu Graça, a cantar, no quarto, com a porta fechada, e Laura voltou a levantar a mesa e a lavar a louça.

- Este foi o pior dia - disse a mãe à Sr.a Boast, quando se encontraram na despensa. - Não há espaço para quinze homens no chão, teremos de pôr algumas camas no alpendre. E eles terão de se servir das suas mantas, dos seus cobertores e dos seus casacos para

as camas.
- Eu falo com o Rob e ele trata disso - prontificou-se a Sr.a Boast. - Deus me valha, não é outro carroção?

Laura teve de lavar a louça mais uma vez e de pôr de novo a mesa. A casa estava tão cheia de homens desconhecidos, olhos desconhecidos, vozes desconhecidas e casacões volumosos e botas enlameadas, que quase não conseguia passar pelo meio deles.

Por fim, já tinham todos comido e o último prato estava lavado - pela última vez. A mãe, com Graça ao colo, subiu a escada atrás de Laura e Carrie e, cuidadosamente, trancou a porta. Maria dormia, na cama, e Laura quase não conseguia conservar os olhos abertos enquanto se despia. Mas assim que se deitou acordou-a o barulho que faziam em baixo.

Ouvia-se falar alto e andar. A mãe sentou-se, à escuta. Havia silêncio no quarto, o que significava que o Sr. Boast pensava não haver motivo para preocupação. A mãe voltou a deitar-se. O barulho aumentou. De vez em quando, quase parava, para depois voltar, inesperadamente. Um estrondo sacudiu a casa e Laura sentou-se na cama, a gritar:

- Que foi aquilo, Ma?

A mãe falou tão baixo que a sua voz parecia mais alta do que toda a gritaria de baixo:

- Cala-te, Laura, e deita-te.

Laura pensou que não conseguiria dormir. Estava tão cansada que o barulho a atormentava. Mas outro estrondo acordou-a de novo de um sono pesado.

154 - 155

- Não há novidade, Laura. O Sr. Boast está lá - tranquilizou-a a mãe e Laura readormeceu.

De manhã, a mãe sacudiu-a devagarinho, para a acordar, e murmurou:

- Vamos, Laura, são horas de tratar do pequeno-almoço. Deixemos as outras dormir.

Desceram juntas. O Sr. Boast levantara as camas. Desgrenhados, ensonados e de olhos avermelhados, os homens enfiavam botas e casacos. A mãe e a Sr.a Boast apressaram-se a fazer o pequeno-almoço. Como a mesa era pequena e não havia pratos suficientes, Laura teve de pôr a mesa e lavar a louça três vezes.

Por fim, os homens partiram e a mãe chamou Maria, enquanto ela e a Sr.a Boast voltavam a preparar o pequeno-almoço e Laura lavava a louça e punha outra vez a mesa.

- Mas que noite! - exclamou a Sr.a Boast.

- Que aconteceu? - perguntou Maria, admirada.

- Creio que estavam bêbedos - respondeu-lhe a mãe, de lábios quase cerrados.

- Se estavam! - confirmou o Sr. Boast. - Traziam garrafas e um garrafão

de uísque. A certa altura, pensei que teria de intervir, mas que poderia eu fazer contra uma turba de quinze bêbedos? Resolvi deixá-los curar a bebedeira à zaragata, a não ser que deitassem fogo à casa.

- Sinto-me grata por não terem deitado - comentou a mãe.

Nesse dia, um homem novo parou junto da casa com um carregamento de madeira. Trouxera as tábuas de Brookins para construir um armazém no sítio destinado à cidade. Em termos agradáveis, pediu à mãe que o acolhesse enquanto estivesse a construir, e a mãe não pôde recusar, pois não havia outro lugar onde ele pudesse comer.

A seguir chegou um homem com o filho, de Sioux Falls. Trouxeram madeira para construir uma mercearia. Pediram à mãe que os acolhesse e, depois de ter acedido, ela disse a Laura:

- Perdido por cem, perdido por mil.

- Se o Ingalls não volta depressa, teremos aqui uma cidade antes de ele chegar - observou o Sr. Boast.

- Só espero que não tenha chegado demasiado tarde para registar a nossa reserva - redarguiu a mãe, preocupada.

156 - 157

CAPÍTULO XXV - A APOSTA DO PAI.

Aquele dia não pareceu real. Laura sentia um ardor nas pálpebras e bocejava constantemente, embora não tivesse sono. Ao meio-dia, chegaram para almoçar o jovem Sr. Hinz e os dois Srs. Harthorns. À tarde, ouviam-se os seus martelos a bater na estrutura dos novos edifícios. O pai parecia ter partido havia muito tempo.

Não regressou nessa noite, nem durante todo o dia seguinte. À noite, também não. Não restavam dúvidas a Laura de que estava a ter dificuldades em registar a reserva. Talvez não a obtivesse. Nesse caso, partiriam talvez para oeste, para Orégão.

A mãe não queria deixar dormir mais desconhecidos em casa. Só o Sr. Hinz e os dois Harthorns, que dormiam no chão, junto do fogão. O tempo não estava tão frio que os homens morressem gelados se dormissem nos carroções. Cobrava vinte e cinco centavos só pelo jantar e até noite alta ela e a Sr.a Boast cozinhavam e Laura lavava a louça. Eram tantos os homens que apareciam para comer que nem tentou contá-los.

O pai chegou ao fim da tarde do quarto dia. Acenou da passagem, quando levava a cansada parelha para o estábulo, e depois entrou em casa sorridente.

- Bem, Carolina, filhas, conseguimos a reserva!

- Conseguiste! - exclamou a mãe, alegremente.

- Foi para isso que parti, não foi? - perguntou o pai, a rir. - Brrr!, é uma viagem fria de carroção! Deixem-me chegar para o fogão e aquecer.

A mãe espevitou o lume e pôs a chaleira a aquecer, para fazer chá.

- Tiveste problemas, Charles? - perguntou.

- Nem acreditarias! Nunca vi tamanha multidão! Até parece que o país inteiro está a tentar registar terra. Cheguei a Brookins sem novidade, na primeira noite, e quando, na manhã seguinte, me apresentei no escritório, não consegui aproximar-me da porta. Cada homem tinha de se colocar na bicha e aguardar a sua vez. Estavam tantos à minha frente que nesse dia a minha vez não chegou.

- Ficou lá todo o dia, Pá? - perguntou Laura, admirada.

- Todo, traquininhas. Todo o dia.

- Sem nada que comer? Oh, não, Pá! - exclamou Carrie.

- Ora, isso não me preocupava. O que me preocupava eram as multidões.

Comecei a pensar que talvez alguém à minha frente estivesse a registar o meu lote. Carolina, não imaginas a quantidade de gente. Mas as minhas preocupações de então não eram nem uma sombra das que vieram depois.

- Que aconteceu, pai? - perguntou Laura.

- Deixa um homem recuperar o fôlego, traquininhas! Bem, quando o escritório fechou, fui com a multidão jantar ao hotel e ouvi dois homens a conversar. Um registara uma reserva perto do Huron. O outro dizia que De Smet ia ser uma cidade melhor do que Huron e depois mencionou o mesmíssimo lote de terra que eu escolhera o Inverno passado. Disse os números. Ia registá-lo logo de manhãzinha. Acrescentou que era o único lote vago que restava perto desta futura cidade. Por isso, havia de ser para ele, embora nunca o tivesse visto, sequer.

»Foi quanto bastou para mim. Tinha de registar aquela reserva à frente dele. Ao princípio, pensei que me levantaria muito cedo, na manhã seguinte, mas depois achei que o melhor seria não correr qualquer risco. Por isso, mal acabei de comer pus-me a caminho do escritório.

- Julguei que estava fechado - observou Carrie.

- Pois estava. Mas eu instalei-me ali mesmo, no degrau, para passar a noite.

- Com certeza não precisavas de ter feito isso, Charles? - admirou-se a mãe, enquanto lhe estendia uma chávena de chá.

- Não precisava? - repetiu o pai. - Não fui o único a ter essa ideia. Nem de longe! Foi uma sorte ter chegado primeiro. Devem ter esperado toda a noite uns quarenta homens, e logo atrás de mim Estavam os dois tipos que ouvira falar.

Soprou o chá, para o arrefecer, e Laura disse:

- Mas eles não sabiam que o Pá queria aquele lote, pois não? - Eles não me conheciam de lado nenhum - respondeu o pai, entre golos de chá -, até que um tipo se aproximou e gritou:

158 - 159

«Viva, Ingalls! Com que então, passou o Inverno no lago da Prata! Vai-se fixar em De Smet, não?»

- Oh, Pá! - exclamou Maria, lamentosamente.

- É verdade, isso deitou tudo a perder. Compreendi que não teria a mínima probabilidade se me afastasse daquela porta. E não me afastei. Mas ao nascer do Sol a multidão duplicou e quando o escritório abriu eu devia estar a ser empurrado por alguns duzentos homens. Naquele dia não havia bicha, não havia nada, era cada um por si.

»Bem, pequenas, por fim a porta abriu-se... E se me desses mais chá, Carolina?

- Oh, Pá, continue! - pediu Laura. - Por favor.

- Quando a porta se abriu, o homem de Huron empurrou-me para trás e disse ao outro tipo: «Entra! Eu seguro-o!» Aquilo daria pancada e enquanto eu lutasse com ele o outro apanhar-me-ia a reserva. Mas nesse instante, num abrir e fechar de olhos, alguém caiu em cima do homem de Huron como uma tonelada de tijolos. «Entre, Ingalls!», gritou-me. «Eu trato dele! Ió-i-i!»

O longo grito de gato selvagem do pai ecoou nas paredes e a mãe exclamou:

- Pelo amor de Deus, Charles!

- Não imaginam quem era! - disse o pai.

- O Sr. Edwards! - gritou Laura. O pai ficou estupefacto.

- Como adivinhaste, Laura?

- Ele gritava assim, no Território índio. É um gato selvagem do Tenessi - recordou Laura. - Oh, Pá, onde está ele? Trouxe-o?

- Não consegui convencê-lo a vir comigo - respondeu o pai. - Tentei

persuadi-lo de todas as maneiras, mas ele registou uma reserva a sul daqui e tem de lá ficar, para desencorajar os espertalhões que lha queiram tirar. Pediu-me que te desse recomendações, Carolina, e à Maria e a Laura. Nunca teria conseguido registar a reserva se não fosse ele. Nem calculam a zaragata que ele desencadeou!

- Ficou magoado? - perguntou a mãe, preocupada.

- Nem uma beliscadura. Limitou-se a desencadear a zaragata. Depois pôs-se de fora, assim que eu entrei e comecei a preencher o título de reserva. Mas a turba demorou algum tempo a acalmar Eles...

- Está tudo bem quando acaba bem, Charles - interrompeu-o a mãe.

- Acho que sim, Carolina. Sim, tens razão. Bem, pequenas.

Então apostei com o Tio Sam catorze dólares, contra oitenta hectares de terra, em como conseguiremos tirar o sustento da reserva durante cinco anos. Vão ajudar-me a ganhar a aposta?

- Oh, sim, Pá! - exclamou Carrie, ansiosamente, e Maria disse, satisfeita, «Sim, Pá!», e Laura prometeu, gravemente: «Sim, Pá.»

- Não gosto de pensar nisso em termos de aposta - disse a mãe, com a brandura costumada.

- É tudo mais ou menos um jogo, Carolina - disse-lhe o Pai. - Não há nada certo, a não ser a morte e os impostos.

160 - 161

CAPÍTULO XXVI - A FEBRE DA CONSTRUÇÃO.

Não houve tempo para uma boa e demorada conversa com o pai. O sol da janela do lado ocidental já atravessava o soalho e a mãe disse:

Temos de começar a tratar do jantar. Os homens não tardam aí.

Que homens? - perguntou o pai.

Oh, espere, Ma, por favor, eu quero mostrar-lhe! - pediu Laura. - É uma surpresa, Pá. - Foi a correr à despensa e do saco de feijão quase vazio, onde estava escondido, tirou o saquinho cheio de dinheiro. - Olhe, Pá, olhe!

O pai apalpou o pequeno saco, surpreendido. Depois olhou para as caras delas, todas radiantes e sorridentes.

- Carolina, que andaram vocês a tramar?

Veja lá dentro, Pá! - insistiu Laura, impaciente, enquanto ele desatava o saquinho. - Quinze dólares e vinte e cinco cêntimos!

- Macacos me mordam! - exclamou o pai.

Depois, enquanto Laura e a mãe começavam a fazer o jantar, contaram-lhe tudo quanto acontecera na sua ausência. Antes de acabarem, parou outro carroção à porta. Nessa noite houve sete desconhecidos a jantar, ou seja, mais um dólar e setenta e cinco cêntimos. E agora que o pai estava em casa, os desconhecidos podiam dormir no chão, à volta do fogão. Laura não se importava com os muitos pratos que tinha de lavar, nem com o sono e a fadiga que sentia. O pai e a mãe estavam a enriquecer e ela estava a ajudá-los.

De manhã ficou surpreendida. Quase não houve tempo para falarem, tantos eram os homens presentes para o pequeno-almoço.

162

Mal tinha tempo de lavar tanto prato e quando, finalmente, conseguiu despejar o alguidar e pendurá-lo, teve de varrer e esfregar o chão

enlameado à pressa, pois já eram outra vez horas de começar a descascar batatas para o almoço. Só pôde vislumbrar o dia de Março soalheiro e frio, azul, branco e castanho, enquanto despejava o alguidar. E também viu o pai levar uma carga de madeira na direcção do local destinado à cidade.

- Mas que vai o pai fazer? - perguntou à mãe.

- Vai construir um edifício no sítio da cidade.

- Para quem? - perguntou Laura, enquanto começava a varrer; tinha os dedos todos enrugados, de estarem tanto tempo dentro da água da louça.

- Para ele - respondeu-lhe a mãe, e passou pela porta com um braçado de roupa de cama que ia pôr a arejar fora de casa.

- Pensava que nos íamos mudar para a reserva - observou Laura, quando a mãe voltou.

- Dispomos de seis meses, antes de termos de construir na reserva - explicou a mãe. - Os lotes da cidade estão a desaparecer tão depressa que o pai pensa que poderá ganhar dinheiro se construir num deles. Vai utilizar madeira das barracas dos caminhos-de-ferro e construir um armazém para vender.

- Oh, Mãe, não é maravilhoso todo o dinheiro que estamos a ganhar?! - Laura varria vigorosamente, enquanto a mãe pegava noutro braçado de roupa.

- Arrasta a vassoura, Laura, não a levantes dessa maneira, que isso faz subir a poeira - recomendou a mãe. - Sim, mas não devemos contar com o ovo no rabo da galinha.

Nessa semana a casa encheu-se de hóspedes fixos, homens que estavam a construir casas na cidade ou nas suas reservas. Do alvorecer até noite alta, a mãe e Laura quase não tinham tempo para respirar. Todo o dia ouviram o barulho de carroções a passar. Carroceiros transportavam madeira de Brookins, o mais depressa que podiam, e todos os dias se erguiam esqueletos amarelos de novos edifícios. Já se via a Rua Principal emergir do solo lamacento ao longo do aterro do caminho-de-ferro.

Todas as noites o chão da sala grande e do alpendre ficava coberto de camas. O pai dormia no chão, com os desconhecidos, pois Maria, Laura e Carrie mudaram-se para o quarto, para junto da mãe e de Graça, e mais camas cobriam todo o chão do sótão.

As provisões gastaram-se todas e agora a mãe tinha de comprar farinha, sal, feijão, carne e farinha de milho, de modo que já não ganhava tanto dinheiro.

163

Os géneros custavam três e quatro vezes mais do que custaram no Minesota, dizia ela, porque os caminhos-de-ferro e os carroceiros cobravam um tanto pelo transporte. As estradas estavam tão enlameadas que os carroceiros não podiam transportar grandes cargas. De qualquer modo, ganhava alguns cêntimos em cada refeição e qualquer pouquinho que conseguissem ganhar era melhor do que nada.

Laura desejava ter tempo para ver o edifício que o pai estava a construir. E também desejava poder falar-lhe a esse respeito, mas ele comia com os hóspedes e ia-se logo embora, apressado, com eles. Não havia tempo para conversar.

De súbito, na pradaria onde dantes não houvera nada, erguia-se a cidade. Em duas semanas, ao longo de toda a Rua Principal, os edifícios novos, por pintar, alardeavam as suas falsas fachadas, com dois andares de altura e direitas no cimo. Atrás das falsas fachadas as construções pareciam acoradas sob os telhados inclinados, parcialmente cobertos de telhas. Já lá viviam, efectivamente, desconhecidos. Subia fumo cinzento

das chaminés dos fogões e janelas de vidro brilhavam ao sol.

Um dia, no meio do barulho da mesa do almoço, Laura ouviu um homem dizer que estava a construir um hotel. Chegara na noite anterior com um carregamento de madeira vinda de Brookins. A sua mulher viria com o carregamento seguinte. «Dentro de uma semana estaremos a fazer negócio», declarou.

- Agrada-me ouvi-lo dizer isso - declarou o pai. - Do que esta cidade precisa é de um hotel. Fará muito negócio, assim que puder começar. A confusão acabou tão subitamente como começara. Uma noite, o pai, a mãe, Laura, Maria, Carrie e Graça sentaram-se à mesa para jantar e não estava mais ninguém. À volta deles estava de novo a sua própria casa, sem mais ninguém. Reinava um belo silêncio tranquilo e sereno, como o silêncio que se nota quando uma nevasca termina, ou como o apaziguamento da chuva após uma longa febre de seca.

- Confesso que não sabia que estava tão cansada - admitiu a mãe, a suspirar, serenamente.

- Ainda bem que tu e as pequenas deixaram de ter de trabalhar para estranhos - disse o pai.

Não falaram muito. Era tão agradável jantarem outra vez sozinhos!

- Laura e eu estivemos a contar - anunciou a mãe. - Fizemos mais de quarenta dólares.

- Quarenta e dois dólares e cinquenta cêntimos - disse Laura.

- Vamos pôr esse dinheiro de lado e não lhe tocar, se pudermos - decidiu o pai.

Se conseguissem poupá-lo, pensou Laura, seria uma ajuda para mandar Maria para o colégio.

- Calculo que os agrimensores aparecerão agora de um dia para o outro - continuou o pai. - Será melhor estarmos preparados para nos mudarmos, a fim de eu poder entregar-lhes a casa. Poderemos viver na cidade até eu vender o armazém.

- Muito bem, Charles. Amanhã lavaremos as roupas das camas e preparar-nos-emos para nos mudarmos - respondeu a mãe.

No dia seguinte, Laura ajudou a lavar todas as cobertas e cobertores. Gostava de levar o cesto carregado de roupa para a corda, no tempo fresco, mas agradável, de Março. Carroções passavam lentamente pela estrada enlameada, para oeste. Só restava uma orlazinha de gelo à volta das margens do lago da Prata e entre a erva morta do pântano. A água do lago estava tão azul como o céu, no qual viu uma seta de pontinhos pretos, vindos do Sul. Muito distante e ténue, ouviu o chamamento solitário dos gansos selvagens.

O pai foi a correr a casa.

- O primeiro bando da Primavera está à vista! - anunciou. - Que tal ganso assado para o almoço? - E voltou a sair, apressado, com a caçadeira.

- Mmm, seria bom - disse Maria. - Ganso assado com recheio de salva! Não te agradava, Laura?

- Não, e tu bem o sabes - respondeu Laura. - Sabes que não gosto de salva. O recheio será com cebola.

- Mas eu não gosto de cebola! - exclamou Maria, irritada. - Quero salva! Laura, que estava a lavar o chão, sentou-se nos calcanhares e replicou-lhe:

- Não me importa que gostes ou não, será com cebolas! Creio que também posso ter o que quero, de vez em quando!

- Então, filhas?! - exclamou a mãe, admirada. - Estão a discutir?

- Quero salva! - insistiu Maria.

- E eu quero cebola! - gritou Laura.

- Filhas, filhas - ralhou a mãe, apoquentada. - Não sei o que lhes deu. E nunca ouvi uma discussão tão tola! Sabem ambas que não temos salva nem

cebolas!

A porta abriu-se e o pai entrou e, muito sério, pôs a caçadeira no seu lugar.

- Nem um ganso ao alcance de tiro - declarou. - O bando todo subiu quando chegou ao lago da Prata e continuou a voar para norte. Devem ter visto as novas construções e ouvido o barulho. Parece que, doravante, a caça vai ser fraca.

166

CAPÍTULO XXVII - VIVENDO NA CIDADE.

A toda a volta da pequena cidade inacabada a pradaria infundável enverdecia ao sol, pois nascia erva nova por toda a parte. O lago da Prata estava azul e a sua água clara reflectia as grandes nuvens brancas do céu.

Devagar, Laura e Carrie caminhavam uma de cada lado de Maria, a caminho da cidade. Atrás delas vinha o carroção carregado, com o pai, a mãe e Graça no banco e a vaca, Ellen, amarrada atrás. Iam mudar-se para o armazém que o pai construía na cidade.

Os agrimensores regressaram. O Sr. e a Sr.a Boast partiram para a sua reserva. Não havia mais lado nenhum onde viverem a não ser na construção inacabada do pai, e no meio da confusão, da pressa e dos negócios da cidade não existia ninguém que Laura conhecesse. Já não se sentia sozinha e feliz na pradaria; sentia-se solitária e assustada. A diferença devia-se ao facto de lá existir agora a cidade.

Havia homens a trabalhar apressadamente nas novas construções, em toda a extensão da Rua Principal. Viam-se aparas, serradura e bocados de tábuas espalhados na erva nova, enlameada e pisada da rua, na qual as rodas dos carroções abriram fundos sulcos. Através da estrutura das construções, que ainda não tinham as fasquias a tapar as frestas, e pelas travessas entre as construções, e para lá de ambas as extremidades da rua, a pradaria limpa e verde ondulava, distante e silenciosa sob o céu claro, mas na cidade havia agitação e barulho, ruído de serras e de martelos, o baque de caixotes e o estrondo de tábuas descarregadas de carroções. Além de homens a falar alto.

Timidamente, Laura e Carrie esperaram que o carroção do pai se aproximasse e conduziram Maria ao lado dele, até chegarem à esquina onde ficava o edifício do pai.

As fachadas altas e falsas erguiam-se, a cortar metade do céu. O edifício do pai tinha uma porta principal, com uma janela de vidro de cada lado. A porta abria-se para uma sala comprida. Do outro lado ficava uma porta de serviço e, perto, uma janela lateral. O chão era de tábuas largas e as paredes também eram de tábuas, por cujas fendas e buracos dos nós da madeira entrava a luz do dia. Mais nada.

- Esta casa não é muito quente nem estantage, Carolina - disse o pai. - Não tive tempo de pôr as fasquias a tapar as frestas, nem de forrar o interior, e não há nenhuma cornija debaixo das telhas, para cobrir aquela grande fresta. Mas não passaremos frio, agora, que a Primavera chegou, e eu acabarei a construção em breve.

- Terás de fazer uma escada, para podermos ir ao sótão - redarguiu a mãe.

- Agora porei apenas uma cortina atravessada para fazer dois quartos e termos onde dormir até poderes fazer uma divisória. Com o tempo assim quente, não precisamos das fendas tapadas nem do forro do tecto.

O pai levou Ellen e os dois cavalos para um pequeno estábulo das

traseiras do lote. Depois instalou o fogão e colocou uma corda para a cortina da mãe. A mãe estendeu lençóis na corda, enquanto Laura ajudava o pai a armar a cama. Depois Carrie ajudou-a a fazer as camas, enquanto Maria entretinha Graça e a mãe preparava o jantar.

A luz do candeeiro brilhava na cortina branca, enquanto comeram, mas o fundo da sala comprida estava envolto em sombras e o ar frio que entrava pelas fendas fazia tremer a luz e agitava a cortina. Havia muito espaço vago na casa, mas Laura não conseguia livrar-se da impressão de que havia desconhecidos perto, do lado de fora. Brilhava luz em janelas desconhecidas, ouviam-se passos de gente que passava com lanternas e soavam vozes, embora ela não conseguisse distinguir as palavras que diziam. Mesmo quando a noite silenciou, sentiu-se como que comprimida por tantas outras que se encontravam tão perto. Deitada na cama com Maria no quarto escuro e arejado, a fitar a vaga cortina branca e escutar o silêncio, sentia-se como que apanhada numa armadilha, na cidade.

A certa altura, durante a noite, sonhou com uivos de lobos, mas estava na cama e o uivar era apenas do vento. Tinha frio. Tanto frio que nem acordava. Os cobertores pareciam muito finos. Aninhou-se mais contra Maria e meteu a cabeça fria debaixo dos cobertores finos. Tremia, a dormir, mas finalmente sentiu-se agradavelmente quente. A única coisa de que teve consciência, a seguir, foi do pai a cantar:

Oh, sinto-me feliz como um grande girassol
Que inclina a cabeça e se dobra com a brisa!
E o meu coração está leve como o vento
Que arranca as folhas das árvores!

Laura abriu um olho e espreitou por baixo dos cobertores. Caiu-lhe neve na cara, uma grande quantidade de neve.

- Oh! - exclamou.

- Está quieta, Laura! - recomendou o pai. - Estejam todas quietas. Eu desenterro-as num instante, assim que acender o lume e libertar a mãe da neve.

Laura ouviu as tampas do fogão bater, o raspar de um fósforo e o crepitar de aparas a arder. Não se mexeu. Os cobertores pesavam-lhe e estava quentinha como uma torrada.

Pouco depois, o pai afastou a cortina e entrou.

- Há uns bons trinta centímetros de neve nestas camas! - exclamou. - Mas eu tiro-a num abrir e fechar de olhos. Agora estejam quietinhas, pequenas!

Laura e Maria ficaram absolutamente imóveis enquanto o pai lhes tirava a neve de cima, às pazadas, e o frio traspassava os cobertores. Ficaram a tremer e a olhar, enquanto, com a pá, ele tirava a neve de cima de Carrie e Graça. Depois foi ao estábulo, fazer o mesmo a Ellen e aos cavalos.

- Levantem-se, filhas! - chamou a mãe. - Tragam a roupa e vistam-se junto do fogão.

Laura saltou da cama quente e pegou na roupa, que à noite pusera em cima de uma cadeira. Sacudiu-lhe a neve e correu, descalça, por cima da neve espalhada pelo chão frio, para o fogão, que ficava para lá da cortina. Enquanto corria, disse:

- Espera, Maria! Volto já e sacudo-te a neve da roupa. Sacudiu a combinação e o vestido tão depressa que a neve não teve tempo para se derreter. Rapidamente, sacudiu as meias e despejou a neve dos sapatos, antes de os calçar. Fez tudo tão depressa que quando acabou de se vestir estava quente. Depois sacudiu a neve da roupa de Maria e ajudou-a a dirigir-se depressa para o calor do lume. Carrie veio a correr, aos gritinhos e aos saltinhos.

- Oh, a neve queima-me os pés! - exclamou, a rir, embora batesse os dentes com frio. Era tão emocionante acordar debaixo de neve que nem quis esperar na cama que Laura lhe sacudisse a roupa. Laura ajudou a abotoá-la e depois vestiram os casacos e, com a pá do fogão e a vassoura, apanharam e varreram a neve, que empilharam nos cantos mais distantes da sala comprida.

Havia neve ao longo de toda a rua. Cada pilha de madeira era uma montanha de neve. Dos montões de neve empurrada pelo vento emergiam os madeiramentos finos e amarelos das casas inacabadas. O Sol nascera e todas as encostas nevadas estavam cor-de-rosa, enquanto todas as cavidades estavam azuis. O ar entrava, frio como gelo, por todas as frestas.

A mãe aqueceu o xaile, embrulhou bem Graça e levou-a a Maria, que estava na cadeira de balanço chegada para o forno. O fogão quente tornava o ar tolerável, à sua volta. A mãe pôs a mesa quase encostada ao fogão e o pequeno-almoço estava pronto quando o pai voltou.

- Esta casa é uma boa peneira! - exclamou ele. - Entrou neve por todas as fendas e infiltrou-se por baixo das telhas. Foi uma autêntica nevasca, enquanto durou.

- Pensar que passámos o Inverno todo sem uma nevasca e agora tivemos uma, em Abril! - exclamou a mãe, admirada.

- Foi uma sorte ser de noite, enquanto as pessoas estavam abrigadas. Se tivesse sido de dia, ter-se-ia perdido alguém e morrido gelado, de certeza. Ninguém espera uma nevasca nesta época do ano.

- Bem, o frio não pode demorar muito - disse a mãe, a tentar encorajar-se a si própria. - As chuvadas de Abril trazem as flores de Maio, como se costuma dizer. Que trará uma nevasca de Abril?

- Para começar, uma divisória - disse o pai. - Vou levantar uma divisória, para manter o calor à roda deste fogão, antes que passe mais um dia, sequer.

E assim fez. Todo o dia serrou e martelou junto do fogão. Laura e Carrie ajudaram a segurar as tábuas e Graça brincou com as aparas, no colo de Maria. A divisória fez um pequeno quarto com o fogão, a mesa e as camas no interior, e com uma janela de onde se via toda a verde pradaria coberta de neve.

Depois o pai trouxe mais tábuas cobertas de neve e começou a forrar as paredes.

- Pelo menos taparei algumas das frestas - disse.

Em toda a cidade se ouvia serrar e martelar, no interior de outras construções.

- Tenho pena da Sr.a Beardsley - disse a mãe. - Ter de tomar conta de um hotel enquanto o constróem por cima da sua cabeça!

- É esse o preço de construir um país - observou o pai. - Constrói-se por cima da cabeça e debaixo dos pés, mas constrói-se. Nunca fariamos nada que nos agradasse se esperássemos que as coisas nos agradassem antes de nós as começarmos.

Passados poucos dias, a neve desapareceu e a Primavera voltou. O vento da pradaria cheirava a terra molhada e a erva fresca, o Sol nascia todos os dias mais cedo e, ao longo do dia, o céu azul modificava-se, com os gritos das aves selvagens. Laura via-as voar, alto, bando escuro atrás de bando escuro, pequenas no ar translúcido.

Já não paravam em grandes bandos no lago da Prata. Só alguns bandos muito cansados pousavam, já depois de posto o Sol, nos pântanos e voltavam a levantar voo antes de o Sol nascer de novo. As aves selvagens não gostavam da cidade cheia de gente. E Laura também não.

«Preferia estar na pradaria com a erva, as aves e a rabeca do pai», pensava. «Sim, e até com lobos! Preferia estar fosse onde fosse menos

nesta cidade lamacenta, atravancada, barulhenta e cheia de gente estranha!»

- Pai, quando nos mudamos para a reserva? - perguntou,

- Assim que eu vender este armazém.

Todos os dias chegavam mais carroções. Parelhas e veículos paravam ao longo da rua lamacenta, do lado de fora das janelas. Todo o dia se ouvia o barulho de martelos, botas e vozes. As brigadas das pás andavam a nivelar o aterro dos caminhos-de-ferro e os carroceiros descarregavam chulipas e carris de aço. À noite bebia-se ruidosamente nas tabernas. Carrie gostava da cidade. Queria sair e ver tudo e ficava horas a olhar pelas janelas. Às vezes a mãe deixava-a atravessar a rua para visitar duas garotinhas que moravam do outro lado, mas era mais frequente virem elas visitá-la, pois a mãe não gostava de perder Carrie de vista.

- Francamente, Laura, andas tão inquieta que me enervas - disse a mãe, um dia. - Se vais ser professora, porque não comesas já? Não achas que seria agradável se todos os dias ensinasses a Carrie, a Luisinha e a Aninhas? Assim a Carrie ficaria em casa e seria bom para todas.

Laura não achava que fosse agradável e não tinha vontade nenhuma de fazer semelhante coisa. Mas disse, obedientemente:

- Sim, Mãe.

Achou que, no fim de contas, não perderia nada se experimentasse. Por isso, na manhã seguinte, quando a Luisinha e a Aninhas chegaram para brincar com Carrie, Laura disse-lhes que iam ter escola. Sentou-as todas em fila e indicou-lhes uma lição para estudarem na antiga cartilha da mãe.

-Estudem isso durante um quarto de hora - disse-lhes. - Depois recitam para eu ouvir.

Olharam-na com os olhos muito abertos, mas não disseram nada. Inclínaram a cabeça para o livro e estudaram, enquanto Laura se sentava defronte delas. Não houve nunca um quarto de hora tão comprido. Por fim, Laura ouviu-as soletrar e a seguir marcou-lhes uma lição de aritmética. Sempre que elas se mexiam, dizia-lhes que deviam estar quietas, e só as deixava falar se levantassem a mão a pedir autorização.

- Portaram-se todas muito bem - disse a mãe, a sorrir aprovadamente, quando chegou, enfim, a altura de preparar o almoço. - Podem vir todas as manhãs, que a Laura ensina-as. Digam à sua mãe que esta tarde atravesso a rua e vou lá, para lhe falar da nossa pequena escola.

- Sim, minha senhora - responderam Luisinha e Aninhas, em voz fraquinha.

- Adeus, minha senhora.

- Com diligência e perseverança, Laura, creio que serás uma boa professora - elogiou a mãe, e Laura respondeu:

- Obrigada, Mãe.

E pensou: «Se tenho de ser professora, o melhor é esforçar-me por ser uma boa professora.»

Cada manhã, Aninhas, de cabelos castanhos, e Luisinha, de cabelos ruivos, se apresentavam com maior relutância. Cada dia era mais difícil ensiná-las. Mexiam-se tanto que Laura desesperava de conseguir mantê-las quietas e não era possível fazê-las estudar. Um dia, não apareceram.

- Talvez elas sejam muito novinhas para apreciarem o valor da escola - observou a mãe. - Mas o que me surpreende é a mãe delas.

- Não fiques desencorajada, Laura - disse Maria. - Pelo menos ensinaste na primeira escola de De Smet.

- Não estou desencorajada - respondeu Laura, alegremente: estava contente, estava tão contente por não ter de ensinar que começou a cantar enquanto varria o chão.

Da janela, Carrie gritou:

- Olha, Laura! Aconteceu qualquer coisa! Talvez fosse por isso que elas

não vieram.

Estava a juntar-se uma multidão defronte do hotel. Cada vez chegavam mais homens vindos de todas as direcções, a falarem em voz alta e excitada.

Laura lembrou-se da multidão do dia de pagamento que ameaçara o pai.

Passados momentos, viu o pai abrir caminho pelo meio da turba e vir para casa.

Vinha muito sério.

- Que dizes a mudarmo-nos já para a reserva, Carolina? - perguntou.

- Hoje? - perguntou a mãe.

- Depois de amanhã. É o tempo que preciso para construir uma cabana.

- Senta-te, Charles, e diz-me o que aconteceu - pediu a mãe, calmamente. O pai sentou-se e respondeu:

- Houve um assassínio.

A mãe abriu muito os olhos e conteve a respiração.

- Aqui? - perguntou.

- A sul da cidade - respondeu o pai, e levantou-se. - Um desses indivíduos que andam a apoderar-se das reservas dos outros matou o Hunter, que trabalhou no aterro. Hunter partiu ontem para a sua reserva, com o pai. Quando chegaram à cabana, um homem abriu a porta e olhou para eles. Hunter perguntou-lhe o que estava ali a fazer e ele deu-lhe um tiro e matou-o. Tentou matar também o velho, mas este chicoteou a parelha e fugiu. Nenhum deles estava armado. O velho chegou a Michael e esta manhã levou agentes da autoridade à reserva, onde prenderam o tipo. Prenderam-no! - exclamou o pai, furiosamente. - O enforcamento seria bom de mais para ele. Se tivéssemos sabido a tempo!...

- Charles - admoestou a mãe.

- Bem, acho melhor irmos para a nossa reserva, antes que alguém a ocupe.

- Também eu - concordou a mãe. - Mudar-nos-emos assim que puderes construir qualquer espécie de abrigo.

- Prepara-me um farnel e parto já. Vou buscar uma carga de madeira e arranjar um homem para me ajudar a construir a cabana esta tarde. Mudamo-nos amanhã.

172 - 173

CAPÍTULO XXVIII - DIA DE MUDANÇA.

- Acorda, dorminhoca! - chamou Laura ao mesmo tempo que, com ambas as mãos, empurrava Carrie de um lado para o outro, debaixo das mantas. - É dia de mudança! Levanta-te depressa, vamo-nos mudar para a reserva! Comeram rapidamente o pequeno-almoço, sem perderem tempo a falar, e Laura lavou depressa a louça e Carrie limpou, enquanto a mãe tratava do último caixote e o pai atrelava a parelha. Aquele era o dia de mudança mais alegre que Laura já conhecera. A mãe e Maria estavam contentes porque ia ser o fim das viagens; iam fixar-se na reserva e nunca mais se mudariam. Carrie estava contente porque se sentia ansiosa por ver a reserva; Laura estava contente porque iam sair da cidade; o pai estava contente porque gostava de estar sempre a mudar-se, e Graça cantava e gritava, contente por todos os outros estarem contentes.

Assim que a louça ficou limpa, a mãe guardou-a na selha, para que viajassem em segurança. O pai transportou para o carroção a mala, os caixotes e a selha com a louça. Depois a mãe ajudou-o a tirar o cano do fogão e levaram ambos para o carroção. O pai colocou a mesa e as cadeiras em cima de tudo o mais e depois olhou para a carga e coçou a barba.

- Tenho de fazer duas viagens, para podermos ir todos no carroção. Tem o resto das coisas pronto que eu volto.

- Mas não podes descarregar o fogão sozinho - protestou a mãe.
- Hei-de arranjar-me - afirmou o pai. - O que sobe tem de descer e eu arranharei umas pranchas. Há lá madeira para isso.
Subiu para o carroção e partiu. Depois a mãe e Laura enrolaram os colchões bem enrolados.

175

Desarmaram a grande cama da mãe e as duas camas mais pequenas e novas que o pai comprara na cidade, e acondicionaram os candeeiros cuidadosamente numa caixa, de modo que não entornassem o querosene. Encheram as chaminés dos candeeiros de papéis e envolveram-nas em toalhas, antes de as arrumarem ao lado dos candeeiros. Estava tudo preparado e à espera antes de o pai voltar.

Ele levou a cama e as caixas para o carroção e pôs-lhes os colchões em cima. Depois Laura estendeu-lhe a caixa da rabeca e ele meteu-a cuidadosamente entre as mantas. Em cima de tudo pôs a estante-cantoneira, de costas, para que não se riscasse. Em seguida foi buscar Ellen e amarrou-a à parte de trás do carroção.

- Agora, Carolina, sobe! - Ajudou a mãe a subir pela roda para o banco. - Apanha! - gritou, e atirou Graça para o colo da mãe. - Agora a Maria - disse brandamente, e ajudou-a a subir para a tábua colocada logo atrás do banco, enquanto Laura e Carrie amarinhavam para os seus lugares ao lado dela. - Pronto, não tardaremos a estar em casa.

- Por favor, Laura, põe a tua touca! - exclamou a mãe. - O vento da Primavera estraga-te a pele - e puxou a pequena touca de Graça mais para a frente, a fim de lhe proteger a pele clara e macia; a cara de Maria estava bem coberta pela touca e a da mãe também, evidentemente. Devagar, Laura puxou pelas fitas a touca que lhe pendia pelas costas abaixo. Quando os seus lados franzidos lhe envolveram as faces, ocultaram a cidade. De dentro do túnel formado pela touca via apenas a pradaria verde e céu azul.

Continuou a olhar para eles enquanto se agarrava à parte de trás do banco e o seu corpo acompanhava os solavancos do carroção ao passar pelos sulcos de lama seca pelo vento. Enquanto olhava, apareceram de súbito no verde e no azul soalheiros dois cavalos castanhos com crinas e caudas pretas ao vento, a trotar ao lado um do outro. Os seus flancos e as suas espáduas brilhavam ao sol, as suas pernas esbeltas andavam elegantemente, tinham o pescoço arqueado e as orelhas espetadas e sacudiam orgulhosamente a cabeça, ao passar.

- Oh, que belos cavalos! - exclamou Laura. - Olhe, Pá, olhe!
Virou a cabeça para os ver o máximo de tempo possível. Os cavalos puxavam um carroção leve. Um homem novo ia de pé no carroção a conduzir, e outro homem mais alto ia atrás dele, com a mão no seu ombro. Num instante, as costas dos homens e o carroção cresceram tanto que Laura deixou de poder ver os cavalos.

176

O pai virara-se no banco, para os ver também.

- São os jovens Wilder - informou. - O que vai a conduzir chama-se Almanzo e o outro é o seu irmão, Royal. Registaram reservas a norte da cidade e têm os mais belos cavalos de toda esta região. Palavra, raramente se vê uma parelha assim!

Laura desejou com todo o coração ter uns cavalos como aqueles. Mas, pensou, nunca os poderia ter.

O pai seguia agora para sul, através da pradaria verde e por uma encosta

suave abaixo, na direcção do Pântano Grande. A erva mais Viçosa e mais áspera do pântano enchia a sua cavidade irregular. De um charco de água levantou voo uma garça, com as patas compridas penduradas.

- Quanto custam, Pá? - perguntou Laura.

- O quê, traquininhas?

- Cavalos daqueles.

- Dois cavalos assim emparelhados? Nem um cêntimo menos do que duzentos e cinquenta dólares, talvez mesmo trezentos - respondeu o pai. - Porquê?

- Por nada. Perguntei só por curiosidade.

Trezentos dólares era tanto dinheiro que quase o não podia imaginar. Só gente rica podia pagar tal quantia por cavalos. Laura pensou que, se alguma vez fosse rica, havia de ter dois lustrosos cavalos castanhos com crina e cauda pretas. Deixou o vento puxar-lhe a touca para trás e pensou no que seria ser transportada por cavalos tão velozes.

Muito para oeste e sul, o Pântano Grande alargava e prolongava-se. Do outro lado do carroção corria estreito e lamacento até à ponta apertada do lago da Prata. Rapidamente, o pai atravessou a parte estreita e subiu para o terreno mais alto, do outro lado.

- Lá está! - exclamou.

A pequena cabana da reserva brilhava, de nova, ao sol. Parecia um brinquedo amarelo na grande pradaria ondulada, coberta de ondulante erva nova.

A mãe riu-se, quando o pai a ajudou a descer do carroção, e observou:

- Parece-me uma parte de um telheiro de lenha que foi partido ao meio.

- Estás enganada, Carolina - redarguiu o pai. - É uma casinha só construída até meio, e mesmo com essa metade inacabada. Vamos acabá-la agora e em breve construiremos a outra metade.

A casinha com o seu meio telhado inclinado era construída de tábuas toscas,

177

com fendas entre elas. Não tinha janelas nem porta, mas o soalho já estava assente. E um alçapão, no chão, dava para uma cave.

- Ontem não tive tempo para mais do que escavar a cave e erguer as paredes - disse o pai. - Mas agora estamos cá! Ninguém pode ocupar a nossa reserva. E eu depressa acabarei o resto, Carolina.

- Estou contente por estar em casa, Charles - respondeu a mãe.

Antes do pôr do Sol, estavam instalados na engraçada casinha. O fogão estava a funcionar, as camas estavam feitas e a cortina estava pendurada a dividir uma sala pequena em dois quartos minúsculos. O jantar foi feito e comido, os pratos lavados e a escuridão desceu suavemente sobre a pradaria. A noite primaveril era tão bonita que ninguém quis o candeeiro aceso.

A mãe sentou-se a balançar-se devagarinho junto do portal sem porta, com Graça ao colo e Carrie a seu lado. Maria e Laura sentaram-se no patamar. O pai sentou-se do lado de fora, numa cadeira. Não falavam. Viam as estrelas nascer, uma por uma, e ouviam as rãs coaxar no Pântano Grande. Soprava um ventozinho, num murmúrio. A escuridão era aveludada, silenciosa e não inspirava receio. Em todo o céu imenso as estrelas piscavam alegremente.

- Apetece-me música, Laura - disse o pai, baixinho.

Laura foi buscar a caixa da rabeca, que fora bem guardada debaixo da cama da mãe. O pai tirou a rabeca do seu ninho e afinou-a com gestos delicados. Depois cantaram à noite e às estrelas:

Oh, afasta os cuidados tristes,

Que chorar é só padecer!
Se as coisas hoje correm mal,
Amanhã é outro dia.
Por isso, afasta os cuidados tristes
E faz o melhor que puderes.
Encosta o ombro à roda,
Eis o lema para todos os homens.

- Vou pôr a pastorinha na consola, assim que o telhado estiver acabado por cima da nossa cabeça - disse a mãe.
A rabeca do pai respondeu-lhe com notazinhas que corriam como água ao sol e formavam um charco. A Lua nascia. A sua luz cremosa alastrava pelo céu e as estrelas dissolviam-se nela. Frio e prateado, o luar pairava sobre a terra vasta e escura, enquanto o pai cantava docemente, com a rabeca:

Quando as estrelas brilham, luminosas,
E os ventos suspirantes emudecem,
Quando as sombras do crepúsculo pairam
Sobre o prado, há uma candeiazinha
A brilhar no chalé sob o monte
E eu sei que esse pequeno farol brilha para mim.

178 - 179

CAPÍTULO XXIX - A CABANA NA RESERVA.

- A primeira coisa a fazer é abrir um poço - disse o pai na manhã seguinte.
Pôs a enxada e a pá ao ombro e dirigiu-se a assobiar para o pântano, enquanto Laura levantava a mesa do pequeno-almoço e a mãe arregaçava as mangas.
- Agora, meninas - disse a mãe, alegremente -, vamos trabalhar todas juntas com vontade e em breve estará tudo como deve ser.
Mas naquela manhã até a mãe se mostrava perplexa. A pequena cabana estava cheia como um ovo, não cabia mais nada. Tinha de ser tudo ajustado consoante o espaço. Laura, Carrie e a mãe levantavam e empurravam a mobília para um lado e para outro, paravam a pensar e experimentavam de novo. A cadeira de balanço de Maria e a mesa ainda estavam fora de casa quando o pai voltou.
- Bem, Carolina, o teu poço está aberto! - anunciou ele. - Um metro e oitenta de profundidade e água boa e fria, em areia movediça. Agora vou fazer uma tampa, para que a Graça não caia nele, e fica pronto. - Olhou para a desarrumação, empurrou o chapéu para trás e coçou a cabeça. - Não consegues meter tudo lá dentro?
- Havemos de conseguir, Charles - afirmou a mãe. - Querer é poder.
Foi Laura quem teve a ideia para a arrumação das camas. O problema era terem agora três camas. Se ficassem lado a lado, não haveria espaço para a cadeira de balanço de Maria. Laura pensou em colocar as camas pequenas juntas, bem aninhadas no canto, e encostar-lhes os pés da cama grande, com a cabeceira contra a outra parede.
- Depois poremos uma cortina à volta das nossas camas - disse Laura à mãe
- e outra atravessada ao lado da sua, e assim ficará com espaço para a cadeira, encostada à sua cortina.
- Assim é que é, minha filha inteligente! - elogiou a mãe.

A mesa ajustava-se contra os pés da cama de Laura e Maria, debaixo da janela que o pai estava a abrir nessa parede. A cadeira de balanço da mãe ficou ao lado da mesa e a cantoneira encaixou-se nesse canto, atrás da porta. No quarto canto ficou o fogão, com o armário da louça, feito de um caixote, atrás, e a mala ficou entre o fogão e a cadeira de balanço de Maria.

- Pronto! - exclamou a mãe. - As caixas vão para debaixo das camas. Não poderia ficar melhor!

Ao almoço, o pai anunciou:

- Ainda hoje acabarei esta metade da casa.

E acabou. Abriu uma janela ao lado do fogão, virada para sul, e colocou uma porta comprada na serração da cidade. Depois forrou todo o exterior da cabana com papel preto, de alcatrão, preso por sarrafos.

Laura ajudou-o a desenrolar o largo papel preto, a cheirar a alcatrão, sobre o telhado inclinado e ao longo das paredes de tábuas novas e limpas, rescendentes a pinheiro, ajudou-o a cortá-lo e segurou-o, ao vento, enquanto ele pregava os sarrafos. O papel de alcatrão não era bonito, mas vedava todas as frestas e não deixava entrar o vento.

- Pronto, está terminado um bom dia de trabalho - disse o pai, quando se sentaram para jantar.

- É verdade - concordou a mãe. - E amanhã acabaremos de desencaixotar as coisas e ficaremos finalmente instalados. Também preciso de fazer pão. É uma felicidade ter outra vez fermento. Parece-me que nunca mais quero ver outro biscoito de massa azeda.

- O teu pão leve é bom e os teus biscoitos de massa azeda também - afirmou o pai. - Mas não teremos uma coisa nem outra se eu não arranjar qualquer coisa com que possas cozê-los. Amanhã trarei uma carga de lenha do lago Henry.

- Posso ir consigo, Pá? - perguntou Laura.

- E eu também? - pediu Carrie.

- Não, pequenas. Vou demorar-me muito e a mãe precisará de vocês.

- Queria ver árvores - explicou Carrie.

- Não a censuro - disse a mãe. - Eu própria gostaria de voltar a ver algumas árvores. Descansar-me-iam os olhos de toda esta pradaria sem uma árvore.

180 - 181

Não se vê sequer um arbusto, em todas as direcções.

- Esta região ainda ficará coberta de árvores - redarguiu o pai.

- Não te esqueças de que o Tio Sam está a tratar disso. Há uma reserva para árvores em cada secção e os colonos terão de plantar cinco hectares de árvores numa de cada três reservas. Daqui a quatro ou cinco anos verás árvores em todos os lados para onde olhares.

- Nessa altura olharei para todas as direcções ao mesmo tempo

- disse a mãe, a sorrir. - Não há nada mais repousante do que bosques sombrios, no Verão, além de as árvores também quebrarem a força do vento.

- Bem, não sei... As árvores alastram e tu sabes como era na Grande Floresta do Wisconsin, passávamos a vida a arrancar tocos e a dar cabo das costas a desenraizar rebentos, para conseguirmos um pouco de terra livre para as colheitas. É repousante ter pradaria livre e desimpedida como esta, quando se pensa cultivar. Mas o Tio Sam não parece ser dessa opinião e, por isso, não te preocupes, Carolina: verás árvores com fartura em toda esta região. Provavelmente, quebrarão o vento e modificarão o clima, também, como dizes.

Nessa noite estavam tão cansados que lhes não apetecia ouvir música.

Pouco depois do jantar estavam todos a dormir e no dia seguinte, de

manhãzinha cedo, o pai pôs-se a caminho do lago Henry.

O mundo inteiro estava alegre, ao sol matinal, quando Laura levou Ellen a beber no poço. Em toda a pradaria dançavam ao vento as florinhas brancas da cebola brava. Pela encosta do montezinho abaixo, a seguir à cabana, manchas de açafrão bravo alastravam, amarelas e azuis, na erva tenra, e por toda a parte as azedas desenrolavam as suas florinhas rosa-alfazema sobre as folhas lustrosas e em forma de trevo. Laura inclinava-se para as apanhar, enquanto caminhava, e mordiscava devagar os caules e as pétalas frescos e azedos.

Da elevação relvosa onde prendeu Ellen podia ver a cidade, para norte. O Pântano Grande curvava no meio e alargava para sudoeste, desdobrado em hectares e hectares de erva alta e áspera. Todo o resto da enorme pradaria era uma carpete verde com flores primaveris.

Apesar de crescida, Laura abriu os braços todos ao vento e correu contra ele. Atirou-se para a erva florida e rolou como um potro. Ficou deitada no chão macio e perfumado a olhar para o grande céu azul e para as nuvens altas e cor de pérola que nele vogavam. Sentia-se tão feliz que lhe vieram lágrimas aos olhos.

De súbito, pensou: «Terei posto uma nódoa de erva no vestido?» Levantou-se, olhou ansiosamente, e lá estava uma mancha verde no tecido. Teve consciência de que deveria estar a ajudar a mãe e partiu apressada para a pequena cabana escura, forrada de papel de alcatrão.

- É tigrada - disse à mãe.

- O quê, Laura? - perguntou a mãe, surpreendida; estava a arrumar os seus livros nas prateleiras de baixo da cantoneira.

- Esta cabana - respondeu Laura. - As riscas amarelas dos sarrafos sobre o preto do papel de alcatrão.

- Os tigres são amarelos com riscas pretas - objectou Maria.

- Abram as suas caixas, andem - disse a mãe. - Vamos pôr todas as nossas coisas bonitas nas prateleiras de cima.

Na prateleira por cima dos livros havia espaço para as caixinhas de vidro de Maria, Laura e Carrie. Cada caixa tinha flores baças de lado e flores coloridas na tampa. As três tornaram aquela prateleira bonita e alegre. A mãe pôs o relógio na quarta prateleira. A caixa de madeira partia, num desenho rendilhado, do mostrador de vidro redondo atrás do qual, pintado com flores douradas, o pêndulo de latão oscilava de um lado para o outro, tiquetaque, tiquetaque.

Na prateleira por cima do relógio, que era a última e a mais pequena, Laura colocou o seu guarda-jóias de porcelana branca, com a minúscula chavenazinha e o pires dourados em cima, e Carrie pôs-lhe ao lado o seu cão de louça branco e castanho.

- Fica muito bonito - aprovou a mãe. - Quando a porta está fechada, a cantoneira compõe muito a casa. Agora vamos à pastora.

- Olhou em redor, rapidamente, e exclamou: - Meu Deus, o meu pão já levedou?

O pão estava, realmente, a levantar a tampa da caçarola. Apressadamente, a mãe enfarinhou a tábua do pão e amassou-o. Depois tratou do almoço. Estava a pôr o tabuleiro dos biscoitos leves no forno quando o pai apareceu a subir o monte, no carroção. Atrás dele, a caixa do veículo vinha com uma grande altura de galhos de salgueiros que trazia para servir de combustível, no Verão, pois não havia verdadeiras árvores do lago Henry.

- Eh, traquininhas! O almoço que espere, Carolina - gritou.

- Tenho uma coisa para lhes mostrar assim que prender a parelha.

Rapidamente, tirou os arreios dos cavalos e atirou-os para cima do varal do carroção. Levou depressa os animais para as suas cordas e voltou com a mesma rapidez. Depois levantou uma manta de cavalo da parte

da frente da caixa do carroção.

182 - 183

- Aí tens, Carolina! - exclamou, a sorrir. - Cobri-as para o vento as não secar.

- O quê, Charles? - A mãe e Laura estenderam o pescoço, para espreitar, e Carrie amarinhou pela roda. - Árvores! - exclamou a mãe.

- Arvorezinhas! - gritou Laura. - Maria, o Pá trouxe arvorezinhas!

- São choupos-do-canadá, todas nascidas de sementes da Árvore Solitária que vimos na pradaria quando vínhamos de Brookins. É uma árvore gigante, quando nos acercamos dela. Espalhou sementes ao longo de toda a orla do lago Henry. Desenraizei rebentos suficientes para fazer um quebra-vento à volta da cabana. Vais ter as tuas árvores a crescer tão depressa quanto as possa plantar.

Tirou a pá do carroção e acrescentou:

- A primeira é tua, Carolina. Escolhe-a e diz-me onde a queres.

- Só um momento. - A mãe foi a correr fechar a tiragem do fogão e puxar para o lado a panela das batatas; depois escolheu a árvore. - Quero-a aqui mesmo, junto da porta.

Com a pá, o pai marcou um quadrado na terra e arrancou a erva. Depois abriu um buraco e soltou o solo macio até ficar fino e friável. Então, cuidadosamente, pegou na pequena árvore e transportou-a para o buraco, sem sacudir a terra das suas raízes.

- Mantém a copa direita, Carolina.

A mãe segurou a pequena árvore pela copa, enquanto, com a pá, o pai ia deitando terra sobre as raízes, até encher o buraco. Depois calcou a terra firmemente e recuou.

- Agora já podes olhar para uma árvore, Carolina. Para a tua árvore.

Depois do almoço daremos um balde de água a cada uma delas. Mas primeiro temos de lhes pôr as raízes na terra. Vem, Maria, é a tua vez.

O pai abriu outro buraco, em linha recta em relação ao primeiro, foi buscar outra árvore ao carroção e, cuidadosamente, Maria manteve-a direita, enquanto o pai a plantava. Era a árvore de Maria.

- A seguir és tu, Laura - disse o pai. - Faremos um quebramento quadrado, a toda a volta da casa. A árvore da mãe e a minha junto da porta e uma árvore para cada uma de vocês de cada lado das nossas.

Laura segurou a árvore enquanto o pai a plantava. Depois Carrie segurou a sua. As quatro arvorezinhas erguiam-se, direitas, das manchas de terra escura, na erva.

184

- Agora é a vez da Graça - disse o pai. - Onde está ela? - E pediu à mãe:

- Carolina, traz cá a Graça, para plantar a sua árvore!

A mãe veio à porta da cabana e respondeu:

- Ela está aí fora contigo, Charles.

- Deve estar atrás da casa. Eu vou buscá-la - disse Carrie e afastou-se a correr e a gritar: - Graça!

Voltou logo a seguir, de olhos arregalados e assustados e as sardas muito visíveis no rosto pálido.

- Não a encontro, Pá!

- Deve estar perto - disse a mãe, e chamou: - Graça! Graça!

- Graça! - chamou também o pai.

- Não fiquem aí paradas! Vai à procura dela, Carrie! E tu também, Laura!

- mandou a mãe, e depois exclamou: - O poço! - E desatou a correr pelo caminho abaixo.

Mas o poço estava coberto e, portanto, Graça não podia ter caído lá dentro.

- Não se pode ter perdido - disse o pai.

- Eu deixei-a cá fora. Pensei que estivesse com vocês - explicou a mãe.

- Não se pode ter perdido - insistiu o pai. - Não a perdi de vista um minuto. - E gritou de novo: - Graça! Graça!

Laura subiu a encosta a correr e a ofegar. Não via Graça em lado nenhum. Olhou ao longo da orla do Pântano Grande, na direcção do lago da Prata, e por toda a pradaria florida. Voltou a olhar repetidamente, muito depressa, sem ver nada a não ser flores silvestres e erva.

- Graça! Graça! - gritava. - Graça!

O pai encontrou-a na encosta, quando ela a descia a correr e a mãe a subia, sem fôlego.

- Ela deve estar à vista, Laura - disse o pai. - Escapou-te, com certeza. Ela não se pode... - Nisto, deu um grito horrível: - O Pântano Grande! - Virou-se e desatou a correr.

A mãe correu atrás dele e gritou:

- Carrie, fica com a Maria! Laura procura-a, anda, procura-a! Maria estava parada à porta, a chamar:

- Graça! Graça! - Os chamamentos do pai e da mãe ouviam-se mais abafados, vindos do Pântano Grande:

- Graça! Onde estás? Graça!

Se Graça se perdera no Pântano Grande, como poderia alguém encontrá-la? A erva velha e morta era mais alta do que Laura e estendia-se por hectares e hectares, quilómetros e quilómetros.

185

A lama funda aspirava os pés descalços e havia poças de água. Laura ouvia, onde se encontrara, o som da áspera erva do pântano batida pelo vento, um som abafadiço, que quase abafava, até, o chamamento agudo da mãe:

- Graça!

Laura sentiu-se fria e agoniada.

- Porque não a procuras? - gritou Carrie. - Não fiques aí parada! Faz qualquer coisa! Eu vou procurá-la!

- A mãe disse-te que ficasses com a Maria - respondeu-lhe Laura. - Por isso, é melhor ficares.

- Também te disse a ti que procurasses! - gritou Carrie. - Vai procurá-la! Vai procurá-la! Graça! Graça!

- Cala-te! Deixa-me pensar! - gritou Laura, esganiçadamente, e desatou a correr através da soalheira pradaria.

186

CAPÍTULO XXX - ONDE CRESCEM VIOLETAS.

Laura corria a direito, para sul. A erva fustigava-lhe, macia, os pés descalços. Sobre as flores esvoaçavam borboletas. Não havia um arbusto nem uma moita atrás dos quais Graça pudesse estar escondida. Não havia nada, nada a não ser erva e flores a oscilar ao sol.

Se ela fosse pequenina e andasse a brincar sozinha, pensou Laura, não iria para o escuro Grande Pântano, não iria para o lodo e para a erva alta. «Oh, Graça, porque não te vigiei?! Linda, pequenina irmã indefesa!»

- Graça! Graça! - chamou, sem fôlego e com uma dor no peito.

Continuou a correr. Graça devia ter ido para aquele lado. Talvez atrás de

uma borboleta. Não podia ter ido para o Pântano Grande! Não subia o monte, não estava lá. «Oh, irmãzinha, não te vi em lado nenhum, a leste ou a sul desta odiosa pradaria!»

- Graça!

A horrível e soalheira pradaria era tão grande! Seria impossível encontrar um bebé que nela se perdesse. Os gritos do pai e da mãe, a chamá-la, continuavam a vir do Pântano Grande. Eram gritos finos, perdidos no vento, perdidos na enorme imensidão da pradaria. Laura tinha dificuldade em respirar, sentia dores aos lados, sob as costelas. Sentia-se abafar e estava tonta. Subiu a correr uma encosta baixa. Nada, nada, não havia nem um ponto de sombra na pradaria plana, a toda a sua volta. Continuou a correr e, de súbito, o terreno desceu à sua frente, de tal maneira que quase caiu por uma pequena ribanceira íngreme. Graça estava ali. Estava ali sentada num grande charco de azul. O sol brilhava-lhe no cabelo dourado, a voar ao vento.

187

Fitou em Laura os grandes olhos tão azuis como violetas, como as violetas que lhe enchiam as mãos. Estendeu-as a Laura e disse:

- Cheira bem! Cheira bem!

Laura deixou-se cair e pegou na irmã. Pegou-lhe com cuidado, a tentar recuperar o fôlego, Laura debruçou-se por cima do seu braço, para colher mais violetas. Estavam rodeadas de uma quantidade infinita de violetas que se abriam sobre as folhas baixas e largas, de violetas que cobriam o fundo plano de um grande buraco redondo. A toda a volta daquele lago de violetas, as margens ervosas subiam quase a pique para o nível da pradaria. Ali, naquele buraco redondo e fundo, o vento quase não perturbava a fragrância das violetas. O sol estava quente, por cima via-se o céu e a toda a volta havia paredes de erva. Voavam borboletas por cima das violetas.

Laura levantou-se e levantou também Graça. Pegou nas violetas que a irmã lhe dera e deu-lhe a mão.

- Anda, Graça - disse. - Temos de ir para casa.

Olhou em redor da pequena cavidade, enquanto ajudava Graça a subir. Graça andava tão devagar que durante um bocadinho Laura a levou ao colo. Depois deixou-a andar, pois Graça tinha quase três anos e era pesada. A seguir voltou a pegar-lhe. Assim, ora pegando-lhe, ora ajudando-a a andar, chegou à cabana e entregou-a a Maria.

Depois correu para o Pântano Grande, a chamar:

- Pá! Ma! Ela está aqui!

Continuou a chamar até o pai a ouvir e gritar por sua vez à mãe, muito embrenhada na erva alta. Lentamente, juntos, saíram do Pântano Grande e subiram devagarinho para a cabana, desgrehados e sujos de lodo, muito cansados e cheios de gratidão.

- Onde a encontraste, Laura? - perguntou a mãe, ao mesmo tempo que pegava em Graça e se deixava cair na cadeira.

- Num... - Laura hesitou. - Pá, poderia ser, realmente, um anel de fadas? É perfeitamente redondo e o fundo perfeitamente plano. A encosta, à volta, é toda da mesma altura. Não vemos nada que indique a sua presença até chegarmos mesmo à sua beira. É muito grande e tem o fundo todo coberto por montões de violetas. Um lugar assim não se pode dever ao acaso, Pá. Qualquer coisa o fez.

- Já és muito crescida para acreditar em fadas, Laura - disse a mãe. - Charles, não debes encorajar tais fantasias.

- Mas não é... não parece real, palavra - protestou Laura. - E vejam como as violetas cheiram bem. Não são violetas vulgares.

- Perfumam a casa toda - admitiu a mãe. - Mas são violetas reais e não há fadas.

- Tens razão, Laura, não foram mãos humanas que fizeram esse lugar - disse o pai. - Mas as tuas fadas eram animais grandes e feios, com chifres na cabeça e corcovas nas costas. Esse lugar é um antigo chafurdo de búfalos. Búfalos são gado selvagem, como sabes. Escarvam o chão e rebolam-se na poeira, exactamente como o gado.

»Durante séculos as manadas de búfalos tiveram esses lugares de chafurdo. Escarvavam o chão e o vento levava a terra solta. Depois vinha outra manada e voltava a escarvar no mesmo sítio. Iam sempre para os mesmos lugares e...

- Porquê, Pá? - perguntou Laura.

- Não sei. Talvez porque o terreno se tornasse barrento. Agora os búfalos desapareceram e cresce erva nos seus chafurdos. Erva e violetas.

- Enfim, está tudo bem quando acaba bem, e já passa muito da hora do almoço. Espero que tu e a Carrie não tenham deixado queimar os biscoitos, Maria.

- Não, Ma - respondeu Maria, e Carrie mostrou-lhe os biscoitos embrulhados num pano limpo, para se conservarem quentes, e as batatas escorridas e farinhentas na panela.

- Fique sentada e descanse Ma - disse Laura. - Eu frito a carne de porco e faço o molho.

Graça era a única que tinha fome. Comeram devagar e depois o pai acabou de plantar o quebra-vento. A mãe ajudou Graça a segurar a sua arvorezinha, enquanto o pai a enterrava firmemente. Depois de todas as árvores plantadas, Carrie e Laura deitaram em cada uma um balde cheio de água do poço. Antes de acabarem, eram horas de tratar do jantar.

- Bem - disse o pai, quando se sentaram à mesa -, estamos finalmente instalados na nossa reserva.

- Sim, é verdade - concordou a mãe. - Só falta uma coisa. Meu Deus, que dia! Nem tive tempo de pregar o prego para a consola.

- Eu trato disso assim que beber o meu chá, Carolina - prontificou-se o pai.

Tirou o martelo da caixa das ferramentas, que estava debaixo da cama, e pregou um prego na parede, entre a mesa e a cantoneira.

- Agora vai buscar a tua consola e a pastora de porcelana! - exclamou.

A mãe assim fez e ele pendurou a consola no prego e pôs-lhe a pastora em cima.

188 - 189

Os sapatinhos de porcelana, o corpete justo de porcelana e o cabelo dourado estavam tão brilhantes como havia muito tempo, na Grande Floresta. A saia de porcelana continuava larga e branca, as faces rosadas e os olhos azuis, ternos como sempre. E a consola que o pai fizera como presente de Natal de mãe, havia tanto tempo, também continuava sem um arranhão e até parecia mais brilhante do que quando era nova.

O pai colocou a espingarda e a caçadeira por cima da porta e depois, por cima delas, suspendeu de um prego uma ferradura brilhante, novinha em folha.

- Bem - observou, a olhar em redor, para a cabana cheia e aconchegada -, um cavalo pequeno escova-se depressa. Nunca tivemos uma casa tão pequena como esta, Carolina, mas isto é apenas um princípio. - Os olhos da mãe sorriram-lhe e ele disse a Laura: - Podia cantar-te uma cantiga acerca daquela ferradura.

Laura foi buscar a caixa da rabeca e o pai sentou-se na soleira da porta e afinou-a. A mãe instalou-se na sua cadeira, para embalar Graça e

adormecê-la. Cuidadosamente, Laura lavou a louça e Carrie limpou-a, enquanto o pai tocava e cantava:

Viajamos contentes pela vida fora
E tentamos viver em paz com todos.
Afastamo-nos de todos os cuidados, de todas as lutas,
E alegremo-nos quando os amigos nos visitam.
O nosso lar é feliz, alegre e luminoso,
Estamos contentes e nada mais pedimos.
A razão por que prosperamos, digo-to agora,
É porque temos uma ferradura sobre a porta.
Mantém a ferradura sobre a porta!
Dar-te-á sorte, eternamente.
Se queres ser feliz e livre de cuidados
Mantém a ferradura sobre a porta!

- Parece-me muito encorajador, Charles - disse a mãe.
- Bem, de qualquer modo, não me surpreenderia se as coisas nos corressem aqui muito bem, Carolina. Com o tempo, aumentaremos as divisões desta casa e talvez venhamos a ter uma parelha para passear e um buggy. Não vou desenraizar muita erva. Teremos uma horta e um pequeno campo e sobretudo cultivaremos feno e criaremos gado. Uma terra onde pastaram tantos búfalos deve ser região boa para gado. A louça estava lavada e limpa. Laura levou o alguidar para as traseiras da casa, deu alguns passos e despejou a água por cima da erva, para longe, a fim de o sol do dia seguinte a secar. As primeiras estrelas começavam a furar o céu pálido. Algumas luzes brilhavam, amarelas, na cidadezinha, mas toda a grande planura estava envolta em sombras. Embora quase não houvesse vento, o ar murmurava sozinho, na erva. Laura quase sabia o que ele dizia. Terra, água e céu e ar eram solitários, selvagens e eternos.
«Os búfalos desapareceram», pensou Laura. «E agora nós somos colonos.»

190 - 191

CAPÍTULO XXXI - MOSQUITOS.

- Temos de construir um estábulo para os cavalos - disse o pai. - Nem sempre estará calor suficiente para ficarem ao relento e até no Verão pode haver uma tempestade forte. Eles precisam de abrigo.
- E a Ellen também, Pá? - perguntou Laura.
- O gado fica melhor ao ar livre, no Verão. Mas eu gosto de ter os cavalos num estábulo, de noite.
Laura segurou as tábuas, para o pai, e estendeu-lhe as ferramentas e os pregos, enquanto ele construía o estábulo a oeste da casa, contra o pequeno monte. Ali ficaria abrigado de oeste e norte, quando os frios ventos do Inverno soprassem.
Os dias estavam quentes. Ao pôr do Sol vinham mosquitos do Pântano Grande e levavam a noite inteira a zumbir, a enxamear à volta de Ellen, a picá-la e a sugar-lhe o sangue, até ela andar à roda e à roda à volta da estaca da corda. Entravam no estábulo e picavam os cavalos, que se espantavam. Entravam na pequena casa e picavam toda a gente, até se formarem grandes babas vermelhas na cara e nas mãos.
O seu zumbir e as suas ferroadas transformavam a noite num tormento.
- Isto assim não pode ser - disse o pai. - Temos de pôr rede mosquiteira nas janelas e na porta.

- É do Pântano Grande - queixou-se a mãe. - Os mosquitos vêm de lá. Gostaria que tivéssemos ficado mais longe dele. Mas o pai gostava do Pântano Grande.

- Há ali hectares e hectares de feno que pode ser, de graça, de quem se der ao trabalho de o cortar - respondeu o pai. - Ninguém se lembrará de demarcar reservas no Pântano Grande, nunca. Na nossa reserva só há feno de planalto, mas com o Pântano Grande tão perto podemos sempre cortar feno lá e ter todo quanto necessitamos.

»Além disso, a erva da pradaria também está cheia de mosquitos. Hoje vou à cidade e compro uma porção de rede mosquiteira.

O pai comprou metros de rede mosquiteira cor-de-rosa e trouxe também da cidade tiras de madeira para uma porta de rede.

Enquanto ele fez a porta, a mãe pregou rede mosquiteira nas janelas. Depois pregou-a também na moldura da porta e o pai colocou-a.

Nessa noite, acendeu uma fogueira abafada de erva velha e húmida, de modo que o fumo passasse pela porta do estábulo. Os mosquitos não atravessariam o fumo.

Fez ainda outra fogueira para Ellen se proteger com o seu fumo e ela foi logo para lá.

O pai certificou-se de que não havia erva seca perto das fogueiras abafadas e alimentou-as de modo que durassem toda a noite.

- Pronto! Creio que assim fica resolvido o problema dos mosquitos.

192 - 193

CAPÍTULO XXXII - AS SOMBRAS DO ANOITECER.

Sam e David descansavam sossegadamente no estábulo, com o fumo a proteger-lhes a porta.

Ellen, presa à sua corda, estava confortavelmente deitado, ao abrigo da fogueira amodorrada. Não havia mosquitos que lhes pudessem chegar. Não havia nem uma das «feras» zumbidoras dentro de casa, pois a rede das janelas e da porta não as deixava entrar.

- Agora estamos todos bem instalados - disse o pai -, finalmente confortáveis na nossa reserva. Traz-me a rabeca, Laura, e vamos ter um pouco de música.

Graça estava deitada, com Carrie ao lado.

A mãe e Maria balançavam-se suavemente nas sombras. Mas o luar entrava pela janela do lado sul e tocava na cara e nas mãos do pai e na rabeca, enquanto o arco passava docemente sobre as cordas.

Laura, sentada ao lado de Maria, observava tudo e pensava que o luar devia banhar o anel de fadas, onde cresciam as violetas. Estava uma noite apropriada para as fadas lá dançarem.

O pai cantava, com a rabeca:

Em Scarlet, cidade onde nasci,
Morava uma linda donzela
Cortejada por todos os moços dali.
Barbary Allen, era o nome dela.
No alegre mês de Maio,
Quando os rebentos florescem,
O jovem Johnny despediu-se da vida
Por amor de Barbary Allen.

Laura correu a cortina, quando ela e Maria se juntaram a Carrie e Graça

no seu minúsculo quartinho.

E, ao adormecer ainda a pensar em violetas e anéis de fadas e no luar que cobria a terra imensa onde ficava a sua reserva, ouviu o pai e a rabeca cantarem suavemente:

Lar! Lar! Doce, doce lar,

Por muito humilde que seja

Não há palácio que se lhe compare!